Boletim da Sociedade
Nº 63

Órgão Informativo da
Sociedade
Numismática Brasileira



1º Semestre - 2009

Edição: Gilberto Fernando Tenor
Editoração eletrônica e impressão: New Impress Gráfica e Editora
Tiragem: 1.000 exemplares.
Responsável: Pedro Zan - Reg. MTB nº 10.891
Colaboradores: Marco Túlio Freire Baptista, Reynaldo Mobaid, Marichí Martins Magalhães, Lilian de Angelo Laky, Steven D. Levitt, José Serrano Neto e Paulo S. G. Plaggert.
Capas e página de apresentação: Isabel, Princesa Imperial e Condessa D'Eu, com sobreposição da medalha do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, comemorativa a Lei Aurea. Coleção Marcelo Augusto Tiburcio. Decreto da Lei Aurea.
Página de apresentação: Princesa Isabel, Conde D'Eu e filhos. foto de Alberto Henschel, 1885.

- O teor das matérias publicadas neste boletim é de inteira responsabilidade de seus autores;
- As matérias enviadas para publicação neste órgão deverão ser de caráter numismático e encaminhadas em arquivo **.doc** (*Word for* Windows), sem formatação, com imagens em cópia fotográfica ou arquivo digital em alta definição;
- Para reprodução dos artigos publicados é necessária a autorização do autor e citação da fonte.

Palavras do Presidente

Prezados Numismatas

É com grande satisfação que levamos até você o Boletim nº 63 com muitas novidades e artigos muito interessantes que irão enriquecer os estudos e pesquisas em todas as áreas da numismática.

Iniciamos esse boletim, agradecendo à todos o reconhecimento pelos trabalhos desenvolvidos no primeiro biênio de nossa gestão e a confiança renovada durante a reeleição confirmada por aclamação. O ano de 2009 começou com muita apreensão, uma vez que a crise financeira mundial que se instalou no final do ano passado demonstrava muita insegurança em investimentos na área cultural. De qualquer forma, não abaixamos a cabeça e nem retroagimos nos investimento. Arregaçamos as mangas e passamos a trabalhar mais e melhor, reduzindo custos e procurando novas formas de atender aos anseios de nossos associados. Logo nos primeiros meses do ano, promovemos uma grande ação de marketing direto, enviando mais de 5000 folders da SNB para um público seleto na busca de novos associados. Agora, numa ação pioneira, desenvolvemos projeto de cunho sócio-cultural junto a escolas públicas e privadas do município de São Paulo onde divulgaremos a história do dinheiro para crianças entre 13 e 16 anos, lançando o 1º Concurso Municipal de Redação .

Com orgulho, comemoramos o grande sucesso do VI Congresso Latino-Americano de Numismática e apresentamos uma série de artigos produzidos por renomados numismatas como: As moedas de Olímpia e Poseidônia, da numismática clássica, o carimbo do Pará, o PLATMYNT Sueco, as moedas da Ilha de Lundy e muito mais.

Lembramos que o site www.snb.org.br sempre com muitas novidades, é atualizado periodicamente e está aberto para divulgação de temas de interesse dos associados.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Cordialmente

Cláudio Marcos Angelini
Presidente

Sumário

Ecos do VI Congresso Latino-Americano de Numismática

No período de 04 a 07 de Dezembro de 2008, São Paulo sediou a 6ª edição do Congresso Latino-Americano de Numismática, disponibilizando aos presentes uma vasta programação cultural e grande área para comerciantes nacionais e estrangeiros.



Abertura Oficial do VI Congresso Latino-Americano de Numismática. Da esquerda para Direita: Antonio Georges Eleftherio (Presidente da Sociedade Philatelica Paulista), Walter Menezes (Vice-Presidente da SNB), Gilberto Tenor (Diretor Curador da SNB), Claudio M. Angelini (Presidente da SNB), Sidnei Gasparini Filho, (Diretor da Casa da Moeda do Brasil) e Paulo Amauri de Oliveira Mello (Diretor do Banco Central do Brasil).

Na abertura do evento, o presidente Cláudio M. Angelini ressaltou a importância da continuidade desses encontros e procedeu o lançamento oficial da medalha comemorativa e da Barra alusiva ao Congresso, que nessa edição ilustrou o carimbo de 960 réis sobre uma moeda de 8 reales de Fernando VII .



As medalhas foram cunhadas nas seguintes quantidades:
Ouro: apenas 02 exemplares;
Prata: 40 exemplares;
Bronze: 40 exemplares e
Cobre: 40 exemplares



A barra de prata possui as seguintes características:
Dimensões: 135mm X 45mm X 5mm espessura
Peso: 250 gramas Metal: Prata 0,90 Tiragem: 03 exemplares numerados
Descritivo: FUNDIDO PELA SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA EM COMEMORAÇÃO AO VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE NUMISMÁTICA-SÃO PAULO - BRASIL-2008

A Sociedade Numismática Brasileira homenageou a Sociedade Philatélica Paulista entregando uma medalha comemorativa e uma coleção de selos comemorativos pelo evento ao Sr. Antonio Georges Eleftherio, presidente daquela entidade.



O Sr. Eleftherio recebe a medalha da mãos do Sr. Walter Menezes, Vice-Presidente da SNB



O Diretor Curador Sr. Gilberto Tenor procede à entrega da coleção de selos comemorativa ao VI CLAN

Em seguida, o Presidente Cláudio M. Angelini apresentou o associado homenageado – o ex-Diretor da SNB, Hans Freudenthal, que muito colaborou com a Sociedade Numismática Brasileira. De forma muito simpática, o companheiro Hans fez um breve discurso sobre sua trajetória de vida e seu início na SNB.



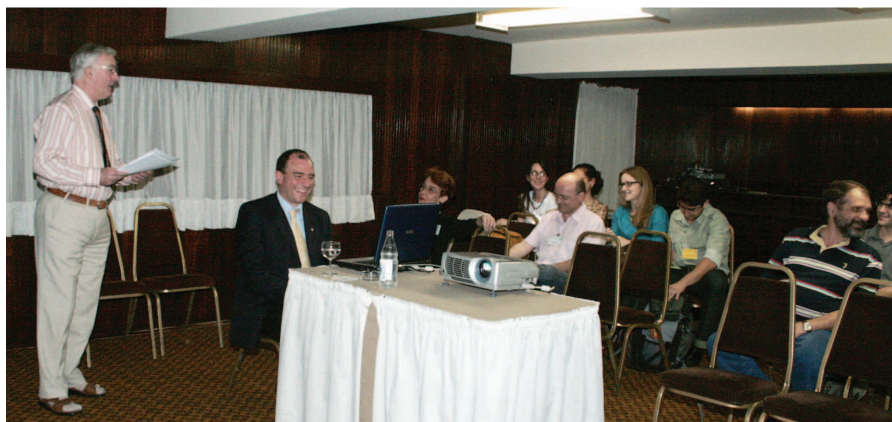
O associado homenageado Sr. Hans Freudenthal ostenta sua medalha recebida das mãos do Sr. Cláudio M. Angelini, Presidente da SNB.

Na seqüência, iniciaram-se as atividades, com a abertura oficial da sala de comercialização, das exposições temáticas, das palestras e lançamentos de livros, conforme quadro abaixo:

PALESTRAS
"Critérios para graduação de moedas por Estado de Conservação – PCGS" - Muriel Eymery
" O Caminho do Dinheiro - 200 anos de moedas comemorativas " - Paulo Amauri de Oliveira Mello (BCB)
"Moeda e Poder no século IV. Constantino e a transformação do Império Romano " - Claudio U. Carlan
"Da criação, Desenvolvimento de Produto à obtenção de Matrizes para produção de Moedas e Medalhas" - Luiz Henrique Peixoto Ferreira – Casa da Moeda do Brasil
"Bicentenário do Banco do Brasil e a Numismática " – Claudio Schroeder
"Moedas de Poseidonia-Paestum na coleção do MHNRJ " - Profª Marickí Magalhães (MHNRJ)
"Sicily - The Fist Bronze Coinage - A Primeira cunhagem em Bronze " - Prof. John Morcom (Universidade de Londres)
"The Historia Numorum Project - O Projeto Historia Numorum " - Prof. Keith Rutter (Universidade de Edinburgh)
Exposições Temáticas
A Arquitetura na Numismática - Cláudio M. Angelini
A Escrita na Numismática - Cláudio M. Angelini
Lançamento de Livros
Livro das Moedas do Brasill - 12 ª Edição - Cláudio Amato/Irlei S. das Neves.
Livro "A Casa da Moeda de São Paulo e a primeira do Brasil e os Meios de pagamento emitidos nesta cidade" - Alfredo O.G.Gallas e Fernanda D.Gallas



Fotos das palestras, das exposições e do saguão de comercialização



Flagrantes das apresentações em seqüência horária: Luiz Henrique Peixoto Ferreira, Profª Maricí Magalhães e Prof. Keith Rutter







Flagrantes das apresentações em seqüência horária: Prof. John Morcom, Claudio U. Carlan, Claudio Schroeder e Paulo Amauri de Oliveira Mello



A Palestra: "Critérios para graduação de moedas por Estado de Conservação" foi proferida pela representante da empresa PCGS para a América Latina, Sra. Muriel Eymery, ladeada pelos Diretores da SNB Hilton Lúcio e Angelini



Nossos ilustres visitantes foram agraciados com certificados de participação e Pin da SNB pelo Diretor de Divulgação Hilton Lúcio ladeado pelo presidente Angelini



Encontro de presidentes. Da esquerda para direita: sentados – Claudio Schroeder, Felix Eugenio Reichert , Claudio M. Angelini, Ary Arruda Luna , Luiz Gonzaga Teixeira Borba, Francisco José Coutinho Paes e Sérgio Pinheiro



O evento contou com uma ampla cobertura jornalística envolvendo entrevistas de rádio, emissoras de televisão jornais e matérias na internet



Durante o encontro, foram registradas mais de 500 pessoas entre associados e visitantes que participaram efetivamente das oficinas, exposições, sala de comercialização e da venda sob oferta



Flagrante do Lançamento do Livro das Moedas do Brasil por Cláudio Amato e Irlei S. das Neves. e do Livro "A Casa da Moeda de São Paulo e a primeira do Brasil e os Meios de pagamento emitidos nesta cidade" por Alfredo O.G.Gallas e Fernanda D.Gallas



Exposições temáticas apresentadas: “ A Escrita na Numismática” e “O Estudo da Arquitetura através da Arte Monetária (Do séc. V a. C. aos dias atuais)”



Equipe administrativa do VI CLAN: Francisco Florêncio Neto, Daniela Dantas de Araujo, Ramayanna Galdino e Ana Regina Nóbrega – Gerente Administrativa da SNB

Projeto Difusão Cultural da SNB

A SNB com o apoio da Secretaria Municipal de Educação do Município de São Paulo está iniciando o Projeto Difusão Cultural: "SNB nas Escolas" com o objetivo de disseminar o conhecimento sobre numismática junto aos jovens estudantes de escolas públicas e privadas do município de São Paulo.

Desde sua fundação há 85 anos, esse é o primeiro projeto de cunho sócio-cultural desenvolvido em larga escala junto as escolas.

A partir dessa iniciativa, a SNB pretende estender suas ações em nível estadual e posteriormente nacional com o apoio de suas congêneres e instituições de ensino .

O Projeto consiste basicamente em promover aulas nas escolas públicas e privadas, para alunos de 13 a 16 anos de idade, lançar o 1º Concurso Municipal de Redação sobre o tema: " As moedas contam a história do mundo" e elaborar um livro com as melhores redações desenvolvidas pelos alunos participantes.

As aulas serão ministradas por professores universitários contratados pela SNB que irão distribuir uma apostila sobre a história do dinheiro, produzida com o apoio de diversas empresas e associados.

O presente trabalho foi extraído da obra "O que é dinheiro" de minha autoria.

Os alunos que participam do Projeto receberão exemplares de cédulas e/ou moedas e os contemplados com os melhores trabalhos serão premiados com certificados, livros, moedas e cédulas durante o VII Congresso Latino-Americano de Numismática.

Para conhecimento e divulgação de todos, publicamos o material sobre o tema e o regulamento do concurso.

Cláudio Marcos Angelini

Projeto Difusão Cultural - A SNB nas Escolas

O QUE É NUMISMÁTICA

Numismática é a ciência que tem por objeto o estudo de moedas, papel-moeda e medalhas, desde seu aparecimento até os dias de hoje. Permite o estudo da economia, da história, das escritas, dos algarismos, da geografia, da mitologia, da fauna, da flora, da heráldica, das religiões, da política, da arte, das guerras, dos esportes, da astronomia,e muito mais...Numismata é aquele que estuda e coleciona moedas, cédulas e medalhas.



O QUE É DINHEIRO?

Hoje, quando nos perguntamos sobre dinheiro, logo visualizamos moedas, cédulas (papel-moeda), cheques e cartões de crédito.

Mas o dinheiro não é só isso... No passado os povos utilizavam outros objetos como forma de dinheiro: animais, sal, conchas, ferramentas, alimentos, armas, qualquer coisa que pudesse ser trocada por algo de interesse imediato. Essa atividade de trocas de mercadorias entre povos chama-se escambo e havia certa relação para se determinar essas trocas. De fato, quem determinava essa

equivalência era a própria necessidade momentânea. Se num determinado momento, havia uma necessidade maior de alimentos, como o trigo ou carne, esses produtos tinham maior poder na troca por outras mercadorias, como tecidos ou utensílios domésticos.



Ao mesmo tempo em que um povo necessitava de armas, o valor dos metais e animais se tornavam mais valiosos. Com o tempo, o metal em seu estado natural passou a exercer essa função de equivalência de valores, em virtude das vantagens que ele oferecia em relação a outros artigos, como a divisibilidade, durabilidade, facilidade no transporte e armazenamento.

Posteriormente, as barras e lingotes substituíram os metais em pedaços e finalmente começaram a ser marcados com emblemas que autenticavam seu peso e valor. Sua utilização como referência no comércio foi se tornando hábito e com o tempo a idéia foi se proliferando entre os povos da antiguidade.

O “APARECIMENTO” DA MOEDA

Com o passar dos tempos a quantidade de itens a serem trocados foi se tornando mais complexa e a valorização dos metais levou ao aparecimento de miniaturas com alto poder de troca e passaram a ser conhecidas como moedas-objeto.

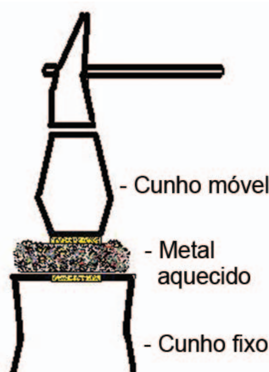
A região do Mar Mediterrâneo era uma das mais importantes do mundo antigo, berço de civilizações e de grande influência comercial para todos os povos da Europa, África do Norte e Oriente Médio.

No século VII a.C. na região onde atualmente se encontra a Turquia, surgiram as primeiras manifestações que se assemelham as moedas da forma como as conhecemos. Inicialmente foram utilizados metais mais nobres, como o ouro e a prata, porém o motivo também estava ligado a antigos costumes religiosos, onde sacerdotes estudiosos da astronomia acreditavam numa estreita ligação entre o ouro e o Sol e a prata e a Lua, levando à crença no poder mágico desses metais.



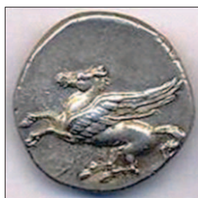
Moeda da Lydia do rei Croesus. Séc. VII a.C.

As moedas eram feitas uma a uma por trabalhadores bem fortes. Primeiro um pequeno disco de metal era aquecido e colocado entre uma base e um cunho (uma espécie de carimbo), após o qual recebia um forte impacto onde o desenho ficava aplicado. Os formatos eram bem pequenos e arredondados com uma marca ou emblema que identificava o emissor ou seu reino e somente num dos lados. Com o passar do tempo as moedas passaram a receber desenhos nos dois lados.



De um lado geralmente o símbolo do governante e do outro, algo que simbolizava o seu reino, como: animais, divindades, utensílios, alimentos, templos, divindades, embarcações, etc. Esse processo, chamado de "cunhagem" manual se prolongou até o séc. XVI d.C. quando apareceram as primeiras máquinas para fabricação de moedas, inicialmente movidas por animais, água e escravos e posteriormente por vapor e atualmente por eletricidade.

Por volta do séc. V a.C., a técnica de cunhagem atingiu o mais alto grau de perfeição. Os artistas gregos passaram a se superar e criaram as mais belas moedas de todos os tempos. Se considerarmos que nessa época as lentes de aumento não haviam sido inventadas, podemos supor que os grandes mestres perdiam sua capacidade de visão rapidamente. Os artistas utilizavam diversas técnicas para desenvolverem as suas criações. Uma delas era a de utilizarem gotas d'água para ampliar a imagem de seu desenho. O grau de perfeição atingido nesse período jamais foi superado.



Corintho



Egito



Macedônia



Athena



Siracusa



A EVOLUÇÃO DO DINHEIRO

A evolução das moedas se processou de forma muito rápida e se espalhou por todos os povos que adotaram um padrão comum a todos, facilitando de forma definitiva o comércio no mundo antigo. As primeiras oficinas monetárias foram instaladas próximas aos templos ou em suas dependências. Logo a moeda passou a ter uma função secundária, a propaganda – a grande maioria das moedas cunhadas propagava as virtudes dos seus governantes, suas produções, deuses, suas vitórias e suas virtudes.







O primeiro monarca a colocar a sua imagem numa moeda foi Alexandre III, o Grande - da Macedônia por volta do ano 330 a.C., dando início a uma série de retratos de ilustres personagens.

A grande variedade de moedas em circulação fez que artistas, se superassem na produção de verdadeiras obras de arte, estampadas em pequenos círculos de metal nobre - hoje, cada vez mais valiosas.






Moeda do Imperador romano, Theodosius em ouro.
No verso a personificação de Constantinopla.

A personificação de Victoria, também chamada de Nike pelos gregos.

O IMPÉRIO ROMANO

Com a ascensão do Império Romano, a moeda toma um novo rumo, com padrão monetário próprio, com metais, tamanhos e valores de acordo com o poder de compra e que se tornou a base para muitos países da atualidade.

A série romana ficou marcada pelo realismo retratado nas efígies dos soberanos e por documentar fatos históricos.



A deusa Roma

Nessa época as Casas da Moeda já possuíam técnicas para produção de moedas em grande quantidade e supriam com extrema eficácia as necessidades de suas colônias e de seus exércitos, por vezes acampados distantes da capital.

Rapidamente o mundo se adaptou a essa invenção, porém com o tempo, a produção de moedas superaria as reservas do tesouro dos governantes, promovendo as primeiras manifestações da inflação. Da quantidade de moedas produzidas com metais puros, uma



Moeda do imperador Nero



Denário romano cunhado em prata apresenta a deusa Roma e os Dióscuros a galope

O deus Júpiter em moeda romana de bronze

parcela recebia uma mistura de metais menos nobres, porém continuando com o mesmo valor de compra das moedas de metais puros.

O DECLÍNIO DA ARTE



Alguns exemplares de moedas do período medieval.

Após séculos de evolução, a moeda passa por uma decadência sem precedentes. Num mundo em que a crise financeira se instala e assolado por guerras generalizadas, com destaque às Cruzadas, a moeda que até então tinha a arte como seu ponto alto na cultura de um país, admiradas e preservadas por governantes e historiadores, vê seu futuro comprometido com a criação de séries de baixíssima qualidade. Quer pelo uso de metais excessivamente misturados, ou desenhos estilizados, criados por artistas de pouca cultura e sem qualquer habilidade no trato de tão importantes obras de arte, as moedas passam a circular entre o povo de forma



Moedas bizantinas com desenhos estilizados.

bastante desprestigiada, apresentando erros de grafia e de baixíssima qualidade de impressão. Ao mesmo tempo, surge a figura do moedeiro ambulante, que por possuir conhecimento no trato de metais, percorria as cidades, cunhando um tipo de moeda comum, com aparência grosseira.

Após a queda do Império Romano e ascensão do Império Bizantino, os artistas introduzem uma nova técnica de cunhagem, as finas lâminas de metal recebiam tamanho impacto que no final, as moedas ficavam côncavas. Outro detalhe: com a baixa qualidade artística de seus artesãos, a imagem dos governantes passou a ser representada de frente e reuniam símbolos cristãos, como a cruz, a figura de Cristo, da Virgem Maria e anjos.

O DINHEIRO DE PAPEL

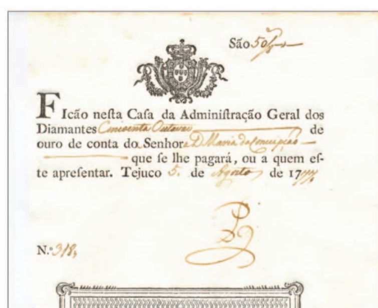
Durante a Idade Média, as guerras se proliferaram por todos os feudos da Europa. Por motivo de segurança as pessoas deixavam seus valores com ourives, comerciantes que negociavam objetos de ouro e prata.





Em troca, os comerciantes entregavam recibos como garantia de resgate, mediante uma taxa de serviços. Com o tempo esses recibos eram utilizados para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão e entre cidades, dando origem ao papel-moeda, como conhecemos hoje.

Na verdade, as transações comerciais do dia-a-dia se tornaram mais "leves" se comparados com a quantidade de moedas transportadas pela população. A segurança da transação era garantida pelo valor explícito no papel, pelo órgão emissor, geralmente de um Banco Oficial ou representantes de governos.



São 50

Ficão neſta Caſa da Adminiſtração Geral dos Diamantes Cincoenta Outavas de ouro de conta do Senhor a D. Maria da Conceição — que ſe lhe pagará, ou a quem eſte apreſentar. Tejuco 5. de Agosto de 17

N.º 318



As primeiras manifestações de papel-moeda no Brasil tinham seu valor preenchido à mão, da mesma forma como os cheques são preenchidos nos dias de hoje.

O RENASCIMENTO

Já no século XV o mundo renasce para todas as ciências e tecnologias. A nova ordem econômica faz com que o ouro (principal lastro da economia) desse lugar a prata, como principal componente dos padrões monetários da época, em função da grande produção do minério nas minas da Áustria.

De uma mina chamada Joachinthaler, originou-se uma moeda com a denominação “Thaler”, cujo tamanho e peso, reconhecidamente mais favorável, concorria diretamente com o “Florin” de ouro de Florença (Itália) e posteriormente “emprestou” seu nome para uma série de moedas conhecidas, como: Daaler, Daalder e mais recentemente o Dollar americano.



Exemplares de Thalers europeus e ao lado a moeda de 1 Dollar dos Estados Unidos.



Exemplares de Thalers europeus e o 8 Reales de 1769 cunhado no México, que foi base para muitas moedas das colônias da Espanha na América.



O patacão do Brasil (960 réis) cunhado em 1815

Com a queda do Império Bizantino pelo Otomanos, em 1453, a procura de novas rotas comerciais pelas cidades do Mediterrâneo proporcionou grandes investimentos em tecnologia náutica e estudos cartográficos, o que resultou numa rápida expansão marítima e comercial de Portugal e Espanha, culminando com a descoberta de novas terras e por conseqüência, grande quantidade de metal precioso invadiu a Europa, fortalecendo ainda mais a circulação de moedas de prata no padrão "thaler" e motivando outros países a produzirem moedas com o mesmo formato: Piastra da Itália, Rublo da Rússia, o Franco da França, o Thaler e o Marco da Alemanha, o Real da Espanha e de todas as suas colônias na América, a Coroa da Inglaterra, o Patagon da Holanda e o Patacão (960 réis) do Brasil, entre outros.

CERTIFICADOS DE GARANTIA

Desde seu "aparecimento", as moedas tiveram um papel fundamental na garantia do poder de pagamento de uma nação. Quando um Governo emite dinheiro ele automaticamente garante o resgate do valor facial estampado. Isso faz com que as pessoas e as instituições tenham a segurança de continuar utilizando esse dinheiro sem qualquer risco, pois estão garantidas por uma grande quantia de metal nobre mantida como reserva.



O ouro encontrado em Minas Gerais eram fundidos em barras e recebiam um certificado com a comprovação do pagamento do quinto, que era o imposto da época.



Essa moeda foi cunhada com o valor de 75 réis para facilitar o troco em ouro



Cédula dos Estados Unidos com a garantia de seu valor em prata

TESOUROS



No passado, na iminência de uma guerra, as pessoas entesouravam suas riquezas para posterior utilização. Como era comum a morte em batalha, muitos tesouros somente foram encontrados séculos depois. Atualmente existem diversas empresas especializadas na procura de tesouros, mas curiosamente muitos achados são revelados em construções antigas, plantações ou durante escavações públicas e privadas.

Porém os maiores tesouros ainda se encontram no fundo do mar. As estatísticas indicam que cerca de 250 toneladas de ouro e 200 mil toneladas de prata saíram do continente americano para o europeu, mas os ataques de piratas e as terríveis tempestades fizeram do mar do Caribe um grandioso cemitério de navios.

O DINHEIRO NAS AMÉRICAS



Quando os conquistadores espanhóis chegaram ao México, no século XVI, os grãos de cacau eram utilizados como meio de troca. Muito cobiçado por ser considerado um alimento do deus Quetzacóatl, escasso e de propriedades

energéticas, o cacau era fortemente controlado pelos nobres da região de Iucatan.

Naquela época existiam três grandes regiões produtoras de cacau: Chontalpa e Soconuso (México) e a região do rio Ulua (Honduras). As dificuldades de transporte e o baixo rendimento do cultivo, valorizavam ainda mais o produto. Como as outras moedas primitivas, o cacau não atendia as funções de um instrumento monetário.

Dessa forma, apesar de ser o principal meio de intercâmbio, tanto os astecas como os maias, utilizavam como medida de valor, a manta de algodão (quachtli) que representava uma quantidade determinada de valor (ou força de trabalho braçal). Uma manta equivalia a 450 horas de trabalho ou aproximadamente 100 grãos de cacau. Da necessidade de utilizar mão-de-obra das comunidades camponesas, nasceu a escravidão produtiva: os nativos eram comprados e vendidos por cacau. No México, o cacau estava ligado ao prestígio e simbolizava uma posição social. Por essa razão, provavelmente os espanhóis conservaram o uso monetário do cacau e a manta de algodão pelo real - a moeda espanhola como medida de valor, sempre em relação com as flutuações da produção de cacau.



No Brasil, a principal mercadoria utilizada como elemento de troca entre os nativos e os portugueses, foi o pau-brasil. Posteriormente, o pano de algodão, o açúcar e o zimbo (tipo de concha utilizada nas trocas de escravos negros na África).

Devido a escassez de moedas em circulação e com a necessidade de realizar o comércio e pagamento de tropas portuguesas no Brasil , tornou-se uma prática comum a circulação em território nacional de moedas cunhadas pela Espanha em suas colônias nas Américas. Posteriormente essas moedas receberam uma nova cunhagem tornando-as moedas legitimamente brasileiras.


carimbo




8 Reales




960 réis

O DINHEIRO NO BRASIL



Com a descoberta do Brasil, as moedas trazidas pelos portugueses não tinham circulação efetiva uma vez que o sistema usual ainda era o escambo. Os índios forneciam o pau-brasil e alimentos em geral e recebiam dos estrangeiros, ferramentas e utensílios e pequenos objetos de uso doméstico.



Em seguida, a utilização de produtos da terra, como a açúcar , o fumo e o cauri (uma espécie de concha usada como moeda na África) foram determinantes na aquisição de mão de obra escrava.

A produção da cana de açúcar no nordeste brasileiro atraiu interesse de países europeus, com destaque à Holanda que através de uma companhia de exploração comercial invadiu Pernambuco e que por uma necessidade de pagamento de suas tropas cunhou as primeiras moedas com o nome BRASIL.



Por mais de duzentos anos circularam no território brasileiro moedas cunhadas em Portugal e hispano-americanas, de prata, provenientes das colônias espanholas na América (Bolívia, Peru, Colômbia, México, etc.)

Em 1694, D. Pedro II de Portugal, criou na Bahia a primeira Casa da Moeda do Brasil. O dinheiro brasileiro denominava-se réis.


REGIMENTO
QUE
S. MAGESTADE
QUE DEOS GUARDE
manda obſervar na Caſa
DA
MOEDA.
LISBOA.

Com a descoberta do ouro no séc. XVIII, a Casa da Moeda passou a funcionar em outras capitanias, como Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Em 1808, D. João VI criou o Banco do Brasil, o primeiro banco da América do Sul e o quarto do mundo. Em 1810, foram emitidos os primeiros bilhetes do Banco, precursores do papel-moeda atual.

De 1942 para cá, nosso padrão monetário mudou várias vezes: cruzeiro (1942-1967), cruzeiro novo (1967-1970), cruzeiro (1970-1986), cruzado (1986-1989), cruzado novo (1989-1990), cruzeiro (1990-1993), cruzeiro real (1993-1994) e finalmente o real a partir de 1994 até os dias atuais.



Exemplares de moedas do padrão réis da época da colônia e do império e as mais recentes do padrão cruzeiro e real. Abaixo, a moeda comemorativa em ouro do piloto Ayrton Senna e a cédula de plástico de 10 reais.

ITENS DE SEGURANÇA

Como havia muita moeda de metal nobre em circulação (ouro e prata) uma prática desonesta começou a circular entre a população: o cerceio de moedas. Tratava-se de limar as moedas que passavam de mãos em mãos para obtenção do pó do metal precioso. Com o tempo a proliferação dessa prática os comerciantes passaram a não aceitar moedas com pesos reduzidos. Com o tempo, as Casas da Moeda passaram a produzir moedas com o bordo desenhado, serrilhado ou legendado, o que evitou consideravelmente esse tipo de fraude.

NA CÉDULA DE 10 REAIS

Com as novas tecnologias muitos itens de segurança foram incorporadas nas emissões brasileiras.



A. Registro coincidente das impressões nos dois lados da cédula. Contra a luz, rosa dos ventos muda de cor .A janela transparente compõe parte dos desenho e possui áreas transparentes.
B. Elemento visível sob luz ultravioleta.
C. Imagem latente - com a nota deitada na altura dos olhos e sob a luz, ficarão as letras “B”e “C” nos azulejos decorativos portugueses na parte inferior esquerda da frente da cédula.
D. Microimpressões - Letras e números impressos em tamanho diminuto, visíveis com auxílio de uma lente nota-se as letras “B”e “C”e o número 10
E. Marca d’água - é representada por uma das embarcações de Cabral, visível por transparência quando a cédula for observada contra a luz.
F. Fio de Segurança - atravessa a cédula de alto a baixo e possui a propriedade magnética.
G. Fundos especiais - são formados por linhas multidirecionais que colorem a cédula.

O DINHEIRO HOJE ...

Atualmente o uso do cartão de crédito/débito, cheque são mais comuns nas transações que envolvem certas quantias. O papel-moeda é a forma mais comum no comércio atual e as moedas são mais utilizadas em situações em que se exigem troco, em função de seu menor valor facial. As moedas produzidas com metais nobres como o ouro e a prata ainda são produzidas, porém sua utilização é restrita e sua emissão bastante reduzida. Geralmente são produzidas para comemorar fatos históricos ou homenagear celebridades.

MATERIAIS E FORMATOS CURIOSOS

Ao longo dos séculos, o dinheiro se manifestou com características bastante variadas. A demonstração de riqueza nem sempre foi associada ao material empregado na confecção de moedas e posteriormente em papel-moeda.

Originalmente, o electrum (uma liga natural de ouro e prata) foi o precursor do metal "nobre" utilizado na confecção de moedas, seguido pelo ouro e pela prata com alto teor de pureza. Com o decorrer da aceitação do dinheiro sob a forma de moeda, diversos povos



passaram a aceitar moedas em diversos metais, sempre sob uma relação associada ao valor do ouro. Foram empregados os seguintes metais: cobre, bronze, ferro, alumínio, zinco, platina, níquel, aço inox, chumbo, titânio, virrenium e palladium.

Paralelamente, a história nos revela que em muitas localidades, outros materiais foram empregados como moeda de curso legal de forma exótica e bastante curiosa.

De um lado, objetos encontrados na natureza como: conchas, açúcar, fumo, peles de animais e peixes, ópio, arroz, chá, algodão, sementes de cacau, pérolas, sal, dentes, barras de ouro, cobre e prata e pedras semi-preciosas; de outro lado, moedas e cédulas confeccionadas com materiais bastante diversificados e não convencionais como: vidro, couro, papelão, acrílico, plástico, bambu, pedra, porcelana, madeira, magma de vulcão e muito mais...



Existiram moedas minúsculas cunhadas na Grécia e na Índia e gigantescas cunhadas na Suécia no séc. XVII. Na China os formatos foram ainda mais interessantes, como chaves, enxadas e facas. Atualmente a forma mais comum é a circular, porém ainda existem em circulação moedas quadradas, poligonais, triangulares e ovais.





O papel-moeda geralmente se apresenta retangular, mas existem em outros formatos, como o circular e o quadrado. Quanto aos materiais utilizados na confecção do papel-moeda, registra-se em couro, linho, veludo, seda, papel vegetal, papel alumínio, folhas de ouro, papel oleado e mais recentemente um material assemelhado ao plástico, o polímero.

AS HISTÓRIAS QUE O DINHEIRO CONTA – NUMISMÁTICA: UMA COMPLETA ENCICLOPÉDIA

O dinheiro quer no formato de moeda ou de papel-moeda preserva a memória de uma nação. As histórias são passadas de geração a geração, porém perpetua em seus desenhos a cultura da humanidade. Uma galeria de reis e rainhas, impe-radores e heróis, Deuses e divindades, personificações e milhares de imagens estão registradas nessas pequenas esculturas.

Através das moedas, o mundo conheceu lendas e histórias muito interessantes como: a lenda da fundação de Roma pelos gêmeos, Rômulo e Remo, amamentados por uma loba; o famoso rei gaulês que deu muito trabalho a Julio César e que hoje se transformou no herói das histórias em quadrinhos,



Marco Antônio & Cleópatra

conhecido por Asterix; a imagem do rosto de Cleópatra, as Cruzadas, Olimpíadas, a chegada do homem na Lua e muito mais...



Albert Einstein

Moeda romana com o busto de Brutos

A Numismática é uma ciência multidisciplinar, que agrega e transmite informações de grande complexidade. Permite o estudo da economia, da história, geografia, das escritas, dos algarismos, da arquitetura, da mitologia, da fauna e da flora, dos esportes, da astronomia, da náutica, da heráldica, das religiões, da política, da arte, das guerras, entre outras.

CURIOSIDADES

- A palavra “dinheiro” vem do latim denarius, nome dado a uma antiga moeda do Império romano;
- A palavra “comércio” vem do latim comercium, formada pelas palavras cum e merxcis, que significam “comércio de coisas de pouco valor”;
- A palavra “salário” foi originada pelo pagamento dos soldados romanos que era realizado com sal, um produto escasso, na época;
- A palavra “pecúnia” que também significa dinheiro vem do latim pecus, - gado que também foi uma mercadoria muito utilizada na época do escambo;
- A palavra “economia” vem do grego oikos (casa) e némein (administrar). A junção dessas palavras significa cuidar dos bens

de uma casa e num sentido mais amplo, cuidar da riqueza pública de uma comunidade ou país, daí o nome da ciência que estuda os processos, as relações econômicas e as riquezas do mundo.

VOCABULÁRIO BÁSICO

MOEDAS

• Letra Monetária: É uma letra do alfabeto colocada nas moedas, geralmente ao lado da data e indica onde a mesma foi cunhada. No Brasil, no período colonial e imperial as seguintes letras representavam as seguintes Casas da Moeda:

B - Bahia G - Goiás R - Rio de Janeiro C - Cuiabá

M - Minas Gerais SP- São Paulo P - Pernambuco

• Bordo: É a "lateral" da moeda que geralmente se apresenta lisa, serrilhada ou com legenda

• Anverso: É o lado da "frente"da moeda, onde se encontra a imagem principal. Geralmente é a figura do soberano, do valor, data,

• Reverso: É o lado de "trás"da moeda, geralmente utilizado para complementar o tema do anverso como: brasões, mapas, homenageados, etc.

• Módulo: É o tamanho da moeda, medida pelo diâmetro do disco (em milímetros).

• Peso: É a quantidade de metal empregado na sua confecção, cujo padrão adotado no Brasil é o grama.

CÉDULAS

• Anverso:É a parte da "frente"da cédula e apresenta o tema principal como homenageados, } brasões, valores numeração e assinaturas .

• Reverso: É a parte de "trás"da cédula com imagens complementares como fauna, flora, monumentos, imagens históricas, etc.

• Série: É uma numeração seqüencial que individualizam a cédula.

• Chancela: É uma impressão que substituiu a aplicação de autógrafos de autoridades do governo como Ministro e Presidente do Banco Central.

• Carimbo: Impressão oficial de novo valor sobre cédulas desvalorizadas.

• Dimensões: É o tamanho físico da cédula, medida em milímetros (largura X altura).

1º Concurso Municipal de Redação – SNB 2009

O Concurso Municipal de Redação para Jovens é uma promoção da Sociedade Numismática Brasileira com o objetivo de desenvolver a habilidade de composição dos jovens; contribuir para disseminar o conhecimento sobre numismática, contribuir para o estreitamento das relações de amizade e aprimorar a comunicação por meio da escrita. Participam estudantes de 13 a 16 anos de idade, participantes de escolas municipais públicas e privadas no âmbito da cidade de São Paulo.

A primeira fase, a participação se dá por meio das escolas (rede pública e privada), que selecionam, entre as redações de seus alunos, a melhor para representá-las.

Na segunda fase são premiadas as 3 melhores redações do total de escolas públicas participantes e 3 de escolas particulares.

Na terceira e última fase, o júri formado por membros da SNB e convidados, escolherão apenas uma redação, que será contemplada com o prêmio máximo.

REGULAMENTO

Tema:

Escreva uma redação sobre o tema: “As moedas contam a história do Mundo”

O Concurso será realizado em 3 fases:

A primeira fase, a participação se dá por meio das escolas (rede pública e privada), que selecionam, entre as redações de seus alunos, as duas melhores para representá-las.

Na segunda fase são premiadas as 3 melhores redações do total de escolas públicas participantes e 3 de escolas particulares.

Na terceira e última fase, o júri formado por membros da SNB e convidados escolhem apenas uma redação, que será contemplada com o prêmio máximo.

I. Critérios de Participação:

a) Participarão estudantes de **13 a 16 anos de idade**, alunos do Município de São Paulo, das redes pública e privada de ensino, por intermédio de suas escolas;

b) Deverão os participantes passar por uma **seleção** em sua escola, onde será escolhida a carta que irá representá-la. Só serão aceitas as redações inscritas pelas escolas;

c) As Escolas serão representadas por apenas **uma redação**, escolhida por meio de seleção interna;

d) A redação deverá ser redigida em **forma de carta**, na língua **portuguesa**;

e) Deverá ser redigida de **próprio punho**, com caneta esferográfica preta ou azul;

f) Deverá ser **inédita, recente** e estritamente **relacionada ao tema.**

g) Mínimo de **500** e máximo de **1000** palavras.

Serão eliminadas as redações que não estiverem de acordo com os critérios, destacados em negrito, estabelecidos neste item.

II. Inscrição:

a) Será de 01 de agosto a 10 de setembro de 2009;

b) A redação deverá ser acompanhada da ficha de inscrição anexa;

c) Na redação deverá constar o nome completo do aluno concorrente, sua idade, série que está cursando, o nome da escola em que estuda e sua assinatura;

d) O prazo de entrega das redações será dia 30 de setembro de 2009.

III. Seleção:

a) Na 1ª Fase, cada escola poderá selecionar apenas 01 (uma) redação para representá-la;

b) Na 2ª Fase, a Secretaria da Educação irá indicar as 03 (três) melhores redações escolhidas entre as escolas públicas e um Comitê formado por representantes de escolas particulares irão selecionar as 03 (três) melhores redações escolhidas entre as escolas particulares;

c) As 03 (três) melhores redações escolhidas entre as escolas públicas e as 03 (três) melhores redações escolhidas entre as escolas particulares serão submetidas ao júri formado por membros da SNB e convidados que definirão a redação vencedora.

As redações serão selecionadas de acordo com os seguintes critérios: coerência com o tema proposto; originalidade; criatividade; idéias expressas; vocabulário; compatibilidade entre a idade, grau de maturidade e série cursada pelo aluno.

IV. Premiação:

a) Os autores das 03 (três) melhores redações escolhidas entre as escolas públicas e das 03 (três) melhores redações escolhidas entre as escolas particulares públicas serão contemplados com 01 álbum de moedas ou cédulas, certificado e 1 catálogo de moedas do Brasil e 1 catálogo de cédulas do Brasil; 01 livro "As moedas contam a história do Brasil"

b) O (a) autor(a) da redação vencedora entre os 06 finalistas será contemplado(a) com: troféu e certificado, Uma Medalha de prata cunhada pela SNB, uma coleção representativa de moedas e cédulas do Brasil e um estojo com moedas que contam a história da humanidade.

A premiação será entregue, pelo presidente da Sociedade Numismática Brasileira, por ocasião do VII Congresso Latino-Americano de Numismática no mês de dezembro de 2009. Além do estudante vencedor participarão da cerimônia, os pais ou um responsável e o professor do aluno.

V. Resultados:

a) Os nomes dos vencedores serão divulgados pela SNB a partir de 01 de novembro de 2009;

b) A partir do dia 02 de janeiro de 2010 serão disponibilizados, no site www.snb.org.br , a redação vencedora e os nomes dos 06 (seis) alunos contemplados nesse Concurso;



VII Congresso Latino-Americano de Numismática

3 a 5 de dezembro de 2009 – São Paulo – Brasil

Comunicamos a realização do VII Congresso Latino-Americano de Numismática no período de 03 a 05 de dezembro de 2009.

Como nos moldes das edições anteriores, está previsto espaço para comerciantes nacionais e estrangeiros, palestras e exposições; lançamento de medalha comemorativa, selo personalizado e venda sob oferta para associados.

Está confirmada a realização de palestras com temas livres. A grade de palestras será definida pela Comissão Científica que julgará os trabalhos recebidos conforme as normas abaixo:

1 - Os resumos dos trabalhos a serem apresentados, no decorrer do VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE NUMISMÁTICA deverão ser encaminhados até 30 de setembro de 2009, via e-mail: snb@snb.org.br ou correio (considerada a data de postagem) endereçando-os à: Comissão Cientifica do VII CLAN - Sociedade Numismática Brasileira, Rua 24 de Maio, 247 2º andar – São Paulo,SP-CEP:01041-001

2 - Os resumos impressos em 3 (três) vias deverão ser redigidos em português ou em espanhol; deve-se encaminhar com o arrolamento de nome(s) do(s) autor(es) .

O texto deve estar disposto em quadrilátero de 15cm (largura) por 18cm (altura). Na primeira linha o título do trabalho deve ser todo em letras maiúsculas (fonte arial, tamanho 10) e em negrito, seguindo-se o nome dos autores, iniciando-se pelo sobrenome (por extenso), nome (abreviado) e instituição de origem (se for o caso). O responsável pela apresentação do trabalho deve ter seu nome sublinhado. O texto deverá contemplar em seu bojo brevíssima introdução, objetivos, metodologia, resultados e conclusões. Não citar ou destacar esses itens no texto. Podem ser incluídos tabelas, quadros, gráficos, imagens ou referências bibliográficas. Não serão aceitos resumos incompletos, com promessas de “ser concluído” ou aqueles com menção de “os resultados serão discutidos”. Os resumos não devem ter sido previamente publicados. Em caso de envio via e-mail, deve-se enviar arquivo 1 (um) em WORD

FOR WINDOWS 6.0 ou 7.0 por trabalho, contendo identificação do mesmo, em caso de correio deve-se enviar 1(um) CD-R por trabalho, contendo identificação do mesmo.

Obs.: Os trabalhos selecionados deverão ser apresentados sob forma de exposição oral, com duração de no máximo 40 (quarenta) minutos, havendo outros 10 (dez) para perguntas e respostas.

É imprescindível a apresentação de qualificação profissional (currículo) do autor ou coordenador do trabalho.

3 - Uma vez aprovado o trabalho pela Comissão Científica, o(s) autor(es) será(ão) comunicado(s) sobre: data, horário e sessão de apresentação do(s) trabalho(s) durante o VII Congresso Latino-Americano de Numismática promovido pela SNB.

4 - As decisões da Comissão Científica são irrecorríveis. Entende-se que o envio do resumo à Comissão Científica envolve a aceitação da presente normatização.

5 - Os casos omissos serão decididos pela Comissão Científica.

OBSERVAÇÕES:

Serão outorgados certificados constando nome do trabalho e autoria ao autor-apresentador do trabalho.

Todos os trabalhos serão analisados pela Comissão Científica que julgará por critérios pré-definidos a publicação ou não no Boletim da Sociedade Numismática Brasileira a ser publicado no ano de 2010.

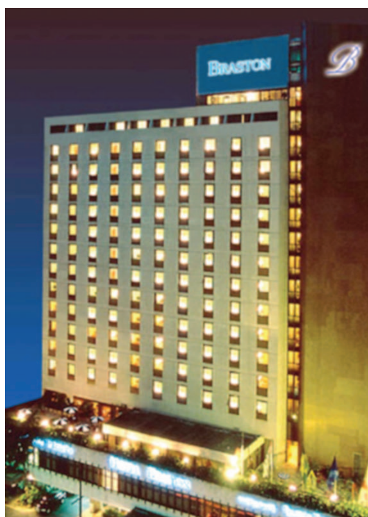
A denegação do trabalho será embasada em manifestação de relatores, nomeados pela Comissão Científica de evento, cujos nomes serão mantidos sob absoluto sigilo até a implantação do evento.

Não serão a qualquer tempo propiciadas informações ou motivos que levaram à denegação.

VII Clan – Novo local

A fim de melhorar sempre os nossos encontros especiais, principalmente o Congresso Latino-Americano, a Sociedade Numismática Brasileira decidiu que o VII CLAN, a ser realizado no período de 03 a 05 de dezembro de 2009, será no Braston São Paulo, hotel de ótimo nível, localizado no centro de São Paulo.

Esperamos que todos apreciem essa mudança.



SERVIÇO:

Braston São Paulo

Rua Martins Fontes, 330 - Consolação

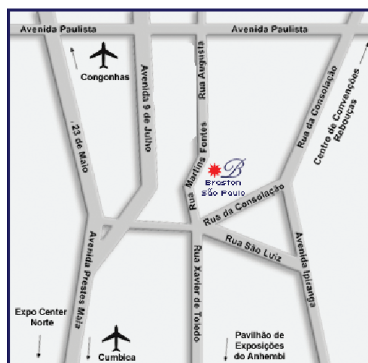
CEP: 01050-000 - São Paulo/SP

Fone: (55-11) 3156-2400

Fax: (55-11) 3258-5812

E-mail:braston@braston.com

LOCALIZAÇÃO:



Biblioteca "Álvaro de Salles Oliveira"

A Biblioteca da Sociedade Numismática Brasileira conta com mais de 3.000 volumes catalogados, sendo assim um dos maiores e mais importantes acervos de livros especializados na numária brasileira.

Os associados podem fazer consultas pela internet, através do nosso site, clicando no ícone BIBLIOTECA ou na própria sede, para assim poderem proceder suas pesquisas; já os não associados poderão somente fazer a consulta no local.

Nova falsificação no mercado numismático

A SNB vem com esse anúncio cumprir seu papel de alertar aos nossos associados, para mais este golpe que atinge a numismática brasileira.

Está aparecendo no mercado, inúmeras moedas de 40 réis de 1898, com defeitos de cunho, seja um boné ou dupla batida.

O mais incrível é que as citadas moedas, tem seu "defeito" no estado FC e a moeda já pudemos observar, apareceu até no estado MBC.; além de ser justamente do ano mais raro da cunhagem das moedas de 40 réis.

Como sempre alertamos, procure sempre um comerciante de sua confiança para adquirir este tipo de peça, que se fosse verdadeira, seria o mais belo defeito de cunho visto.





Moedas de Poseidonia-Paestum na coleção do Museu Histórico Nacional

Marici Martins Magalhães

Poseidonia[1]

Poseidonia (Fig. 1), colônia Grega[2], era localizada na parte Meridional da Península Itálica, na costa do Mar Tirreno, entre *Cumae-Neapolis* e *Velia*. A cidade foi fundada pelos Aqueus de *Sybaris* em torno ao VII séc. a.C. ou de qualquer modo até 600 a.C., sobre uma grande plataforma calcárea, tendo a sul o rio Capodifiume e alguns quilômetros a norte a foz do rio *Silarus* (atual Sele), onde os primeiros colonos edificaram o famoso *Heraion*, não obstante a tradição narre que foi fundada pelo herói Iason[3], e alguns ainda acrescentem a presença de elementos de *Troizen* na Argólida, Peloponeso[4]. Os seus belíssimos templos citadinos monumentais (que veremos em breve), são testemunhos da sua grande prosperidade econômica até o V séc. a.C. Depois de 510 a.C., *Poseidonia* recebeu refugiados da

[1] Meus sinceros agradecimentos à FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, que vem patrocinando meu projeto de pesquisa *(Moedas Itálicas, Italiotas, Siceliotas e Gregas do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro)* há dois anos. Sou ainda muito grata à Direção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro: à Profª Vera Lúcia Bottrel Tostes, Diretora; à Drª Ângela Cardoso Guedes, Assessora de Comunicação e Supervisora; à Srª Ruth Beatriz Caldeira, Coordenadora Técnica; à Srª Eliane Rose Vaz Cabral Nery, Chefe do Departamento de Numismática, à Ms. Rejane Maria Lobo Vieira, e à colega Elizabeth Gibson, pelo apoio operacional; ao Prof. Luiz Aranha Correa do Lago, Curador da *Exposição Permanente de Moedas* do MHN, o qual gentilmente me permitiu consultar a SNG Copenhagen de sua biblioteca particular. Sou enfim devedora à Drª Teresa Giove, Chefe do Medalheiro do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, que me enviou material bibliográfico precioso para este estudo, e à Drª Matilde Romito, Diretora dos Museus Provinciais do Salernitano; ambas, com grande simpatia, me acolheram nas suas respectivas bibliotecas e me consentiram a consulta das outras SNGs aqui mencionadas; enfim ao Prof. Mario Torelli, da Universidade de Perugia, que me enviou seus valiosos trabalhos e me transmitiu alguns preciosos conselhos. As fotografias foram executadas por Laetitia Le Corre e Cleber José das Neves Reis.

[2] As informações apresentadas neste parágrafo sobre a história, a arqueologia e a amoedação de *Poseidonia*, foram extraídas e resumidas de obras tais como: ARDOVINO 1986; *Atti Poseidonia Paestum* 1992; CATALLI 1995, pp. 21-22, 36-37 e 66; CIPRIANI-LONGO 1996; GRECO 1981, pp. 16-19; GRECO 1992, pp. 63-74 e 156-171; GRECO-LONGO 2002; GUZZO 1982, pp. 209-220; HNI 2001, pp. 108-112; NAPOLI 1970; RUTTER 1997, pp. 31-32, 57-59 e 65-67; SESTIERI 1986; STAZIO 1983, pp. 105-169; ZANCANI MONTUORO-ZANOTTI BIANCO 1951-1954. Além disso, é possível encontrar em tais obras uma exaustiva bibliografia específica sobre arquitetura e urbanística, como as de F. Krauss, E-. Greco-D. Theodorescu, D. Mertens, M. Cipriani, etc.

[3] Estrabão VI, 1, 1: "Depois da foz do Sele vem a Lucânia e o santuário de Hera Argéia, fundação de Jasão e perto, a 50 estádios [cerca de 9 km] a cidade de *Poseidonia*". Naturalmente o epíteto "Argéia" refere-se não à cidade de *Argos*, mas à nave *Argos* de Jasão e dos Argonautas.

[4] Solino II, 10: "*Paestum* foi fundada por Dórios". Tal trecho, já de II séc. d.C., deve ser ligado a um outro de Aristóteles (Política V, 2, 10) que recorda que entre os fundadores de *Sybaris*, "colônia-mãe" de *Poseidonia*, havia um grupo de *Troizen* (que eram realmente Dórios).

“colônia-mãe” *Sybaris* destruída por *Croton*, e por volta da metade do V séc. a.C. ajudou os Sibaritas, numa tentativa de reconstruir-lhes a cidade.Todavia, no final deste século, sucumbiu à invasão dos *Lucani*, povos guerreiros de etnia Samnita meridional, que se estenderam a sul da *Hirpinia*. Em torno a 335 a.C. as suas muralhas foram testemunhas da vitória do rei do Epiro, *Alexander* (o Molosso) sobre os *Lucani*, chamado à Itália pelos Tarantinos para combater o avanço desses povos indígenas, mas com a sua morte em 331 a.C., caiu de novo nas mãos Lucanas. A partir deste período, remetemos à próxima seção, dedicada a Paestum.

As suas cunhagens em prata foram iniciadas em aproximadamente 530 a.C., também com a técnica incusa (como *Sybaris, Croton, Metapontum, Caulonia*), porém emitindo *stateres* com valor ponderal Fócio de gr. 7,50 (como *Velia*), dividido em somente duas dracmas de gr. 3,65 (e não em terços) ou em doze óbolos de gr. 0,50, segundo Stazio[5], bem diferente do utilizado pelas outras cidades Aquéias. Naturalmente este padrão ponderal alude às suas relações comerciais com a vizinha *Hyele-Elea-Velia*: chegavam a esta colônia Fócia os bens de primeira necessidade (e a cerâmica) produzidos em Poseidonia e, por outro lado, os produtos dos *Poseidônios* eram distribuídos pelos Eleatas no exterior[6].

O tipo cunhado sobre as moedas apresenta o deus *Poseidon*, epônimo da cidade, nu e com *chlamys* que recai sobre os ombros, no ato de arremessar um tridente na mão direita e com a esquerda estendida para a frente, o qual pode ter sido derivado de uma estátua de culto, que nos é desconhecida até hoje. No entanto, como bem observou Rutter[7] (Fig. 2), recorda e muito a pose da esplêndida estátua de bronze de *Poseidon* ou *Zeus*, resgatada no Mar Egeu a norte da Ilha de *Euboea*, no Cabo *Artemision* (agora no Museu Nacional de Atenas), embora esta última seja datada a 460 a.C. Naturalmente o confronto com a estátua brônzea é somente um ponto de referência, tendo em vista que os nossos primeiros tipos de A/ ainda se apresentam em estilo arcaico maduro ou final, com perfil facial pronunciado e olhos oblongos, no chamado “perfil Jônio”, tão comum por volta de 520-510 a.C. O étnico é geralmente abreviado à metade (POS), embora possam aparecer versões com legendas mais longas como POSEI, POSEIDANI, POSEIDON, e assim por diante.

---

[5] STAZIO 1983, p. 123.
[6] CANTILENA 2006, p. 432.
[7] RUTTER 1997, pp. 31-32.

A partir de aproximadamente 470 a.C., adotaram diretamente a técnica a duplo relevo, com o abandono do sistema ponderal anterior e a utilização do Aqueu, e o *stater* terá um p.m. de ca. gr. 8,00, dividido em três dracmas e relativas frações até o hemióbolo[8] . O tipo que aparecerá no reverso, o touro, demonstra a herança Sibarita e posteriormente Turina como se verá a seguir.

Abreviaturas empregadas nos catálogos

c. = contorno
c.l. = contorno linear
c.p. = contorno perolado
p.m. = peso médio

Catálogo das Moedas Gregas

1 – AR / Dracma; mm. min. 18,4; max. 19,6; gr. 3,08 (Fig. 3, a-b)
A/ ΠΟΣ, retrograda e ascendente à esq.; Poseidon nu, com a clâmide sobre os ombros, avançando à dir.; c.p.
R/ ΠΟΣ, retrograda e descendente; o mesmo tipo incuso; c. radiado.
Datação: 530-500 a.C. (HNI).
Cf.: SNG ANS 619-627; SNG Copenhagen 1274; SNG Delepierre 349; SNG Milano 190; HNI 2001, 1108.
Inédita. Inv. n. 1924.1174.1.



A dracma aqui apresentada, ainda na técnica incusa, é datada entre 530-500 a.C., e apresenta um valor ponderal ainda Fócio. No A/ se observa o contorno perolado e no R/ o contorno radiado, o que recorda o estilo Sibarita. A legenda POS é retrógrada em ambos os lados, mas ascendente no A/ e descendente no R/.

---
[8] STAZIO 1983, p. 117 para o sistema ponderal; CATALLI 1995, p. 37; RUTTER 1997, p. 57.

2 – AR / Dracma; mm. min. 19,5; max. 20,3; gr. 3,41 (Fig. 4, a-b)

A/ ΠΟΣ, descendente à esq. e ΟΙΔ? ascendente à dir.; Poseidon nu, com a clâmide sobre os ombros, avançando à dir. e brandindo tridente; duplo c.p.

R/ ΠΟΣ, descendente; o mesmo tipo incuso; c. p.

Datação: 530-500 a.C. (HNI).

Cf.: SNG ANS 619-627 (a 625 com E no A/); SNG Fitzwilliam 539 (pela legenda descendente e diâmetro) ou 540 (se se aceita a leitura ΠΟΣ-ΟΙΔ no A/); Jameson 1913, 332 (variante); HNI 2001, 1108 (que oferece a leitura Posoid).

Inédita. Inv. n. 1924.1174.2.



Este outro exemplar de dracma, embora também incuso e datado entre 530-500 a.C. (ou pelo menos até 480 a.C.), apresenta uma variante com duplo contorno perolado no A/ e sulco em torno à borda radiada de R/. Parece-me uma peça bem interessante devido às letras que se encontram à direita do A/. Não obstante tenha pesquisado em várias obras e *Syllogai*, somente na Fitzwilliam pude encontrar confronto similar, que sugere a leitura OID, naturalmente um complemento ao início da legenda POS descendente que se vê à esquerda. Também a equipe de HNI (2001, 1108) oferece essa possibilidade de leitura, e temos assim a legenda POSOID. Também esta moeda se apresenta dentro do padrão ponderal Fócio, ou seja, meio *stater*.

3 – AR / Dióbolo; mm. min. 11,1; max. 11,7; gr. 1,02 (Fig. 5, a-b)

A/ ΠΟΣ, descendente à dir., muito apagada; *Poseidon* nu, com a clâmide sobre os ombros, avançando à dir. e brandindo o tridente; atrás, folha e fruto de oliveira; c.p.

R/ [Π]Ο[Σ], acima; touro avançando à esq.; no exergo, grão de cevada; c.l.

Datação: 445-420 a.C. (HNI).

Cf.: SNG ANS 696-700 (*diobols*); SNG Copenhagen 1299; SNG Delepierre 358 (*trihémiobole*, gr. 0,88); SNG Evelpidis 242 (1/6 de *statère*); SNG Fitzwilliam 561 (*diobol*); SNG Milano 212-214 (*dioboli*, gr. 0,87-1,18); SNG München 1069 (*diobol*); Jameson 1913, 337; HNI 2001, 1119 (variantes, mas R/ à dir.).

Inédita. Inv. n. 1924.1174.3.



Aqui já entramos em um novo grupo, ou melhor, em uma fase de emissões posteriores a 470 a.C., já em técnica a duplo relevo, possivelmente influenciada pela chegada de refugiados de *Sybaris* II (510-ca. 475 a.C.) e declarando-se a própria *Poseidonia* "herdeira" da colônia-mãe *Sybaris*[9]. Adotam assim o padrão Aqueu do *stater* dividido em três dracmas (do qual já se falou), e destes possuímos estes dióbolos.

Ambos os lados são descentrados. Aqui i tipo principal *Poseidon* vai ser representado somente no A/, sempre com a mesma pose e legenda, e o R/ será substituído pelo touro caminhando, sem dúvida herança das moedas Sibaritas e posteriormente de *Thurium*. Esta última cidade também mostra em sua primeira fase o tipo "touro caminhando"[10], iniciado justamente em 444-443 a.C. Estes novos exemplares mostram a divindade de A/ e o touro de R/ ligeiramente mais musculosos ou robustos[11].

Coloquei este exemplar de dióbolo, datado entre 445-420 a.C., em primeiro lugar não só devido à semelhança tipológica do R/ com os dióbolos de *Thurium* já mencionados (de 443-440 a.C.)[12] e pela técnica mais refinada. Também apresentados em precedência,

---

[9] CATALLI 1995, pp. 36-37; RUTTER 1997, p. 57; MAGALHÃES 2008, p. 272.
[10] RUTTER 1997, p. 45; MAGALHÃES 2008, p. 275.
[11] RUTTER 1997, p. 58.
[12] Por exemplo, HNI 2001, 1759, e MAGALHÃES 2008, p. 283, n. 7.

aparecem nas SNGs ANS, München e Copenhagen, como ainda em HNI (2001, 1119), enquanto Fitzwilliam e Milano os colocam em posição posterior às próximas que apresentarei. O símbolo "ramo de oliveira com fruto" do A/ parece também uma alusão à influência Turina e consequentemente dos Atenienses que participaram à sua fundação. O símbolo do R/, um grão de cevada, obviamente como em outras cidades da Itália Meridional faz menção à produção granaria local. No alto do R/ é apenas visível o ômicron de POS.

4 – AR / Dióbolo; mm. min. 9; max. 9,3; gr. 1,18 (Fig. 6, a-b)

A/ ΠΟΣ, à dir. descendente; *Poseidon* nu, com a clâmide, avançando à dir. e brandindo o tridente.

R/ [Π]Ο[Σ], muito apagada; touro avançando à dir.; no exergo, delfim à dir.

Datação: 445-420 a.C. (HNI).

Cf.: SNG ANS 702-703 (pelo delfim no exergo, *diobol*); SNG Copenhagen 1307 (mas óbolo); SNG Fitzwilliam 557 (pela legenda acima do touro, mas não se vê delfim); SNG Milano 204-206 (*diobolo*); SNG München 1071-1073; HNI 2001, 1120 (pelo delfim).

Inédita. Inv. n. 1924.1174.5.



O R/ deste dióbolo é ligeiramente descentrado, e no A/ o rodilhão (*ou tondello*) é menor do que a figura, cortando sua parte superior, e também parte da legenda no R/. Este segundo exemplar apresenta um estilo um pouco mais rudimentar, mas o pequeno delfim que se observa no R/, em exergo, sempre uma associação ao ambiente marinho, não deixa dúvidas em coloca-lo no período entre 445-420 a.C., também segundo a equipe de HNI (2001, 1120). A divindade representada no A/ também apresenta semelhança estilística com o período.

5 – AR / Dióbolo; mm. min. 9; max. 10,2; gr. 1,11 (Fig. 7, a-b)

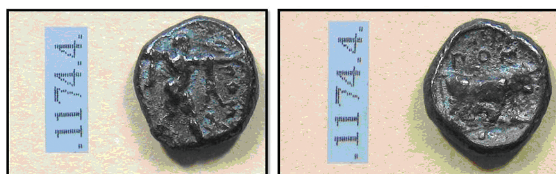
A/ ΠΟΣ, à dir.; *Poseidon* nu, com a clâmide, avançando à dir. e brandindo o tridente.

R/ ΠΟΣ, acima; touro avançando à dir.; no exergo um ponto.

Datação: 445-420 a.C. (HNI).

Cf.: SNG ANS 701 (mas legenda retrógrada, *diobol*); SNG Copenhagen 1307 (mas óbolo); SNG Fitzwilliam 557; SNG Milano 204-206; SNG München 1071-1073 (*diobol*); HNI 2001, 1119 ou 1120.

Inédita. Inv. n. 1924.1174.4.



Enfim o terceiro dióbolo, similar ao anterior sob o ponto de vista ponderal e estilístico, me parece pertencer ao mesmo período. Como o precedente, mostra um relevo mais “cru” e o perfil e o penteado da divindade de A/ é um pouco diferente. Também a legenda de A/ apresenta letras mais alongadas, embora no mesmo alfabeto, e um símbolo pouco claro logo abaixo, se não é um EI, continuação da legenda. O R/ não é de grande ajuda, pois não traz símbolo no exergo, somente um pequeno ponto, talvez um defeito de cunho relativo ao símbolo mal impresso.

Antes de encerrar este período de *Poseidonia*, gostaria de falar-lhes brevemente sobre a controvertida ou muito discutida localização do santuário de *Poseidon*, a divindade das nossas moedas. (Fig. 8). Segundo Estrabão[13], os primeiros Sibaritas que ali chegaram construíram um *teichos* (pequena fortificação) junto ao mar e depois da chegada de uma segunda leva de colonos, se transferiram para a área onde surgiu o centro urbano definitivo, um dos exemplos de cidade Grega não construída sobre acrópole, e cujas muralhas medem 4.750 metros e circundam uma área de 130 hectares[14]. Sabemos que

[13] Estrabão V, 4, 13: “Os Sibaritas então construíram uma pequena fortificação perto do mar, mas os habitantes se transferiram mais acima; ...”.
[14] GRECO 1981, p. 25.

a área foi demarcada desde o VI séc. a.C., tendo em vista que as sepulturas do mesmo período se encontram fora da cinta urbana, que apresenta quatro portas principais: Marina (oeste), Áurea (norte), Sirena (leste) e Justiça (sul).

No que diz respeito aos confins da *chora* (território), encontramos os já conhecidos santuários do tipo "a coroa": (Fig. 9) cerca de 10 km a norte temos o santuário confinante de *Hera Argiva*, a sul do rio Silaris, e do qual só restam os fundamentos do templo maior (reconstruído em c. 500 a.C.), do *thesauros* arcaico (c. 580-570 a.C.), da *stoa* e outros anexos[15]. Este complexo restituiu as magníficas métopas que se encontram hoje no Museu de Paestum, cujos temas retratam o ciclo troiano e os trabalhos de *Herakles*, entre outros (Fig. 10 e 11)[16]. Doze quilômetros a leste, em S. Nicola di Albanella, um santuário colinar dedicado a *Demeter* e *Persephone/Kore*, como demonstra a tipologia dos ex-voto ali encontrados[17] e pouco abaixo uma fonte com o topônimo "*Acqua che Bolle*", clara referência ao culto ctônio. A Oeste, a 400 metros da Porta Marina, foram encontrados os fundamentos de um templo com *naískos*, e materiais que sugerem a presença de uma *Aphrodite Pandemos* ou preferivelmente *Euploia* (da feliz navegação), devido à sua localização entre cidade e mar[18]. Enfim 10 km a sul, (Fig. 12) na atual localidade de *Agropoli* (chamada *Acrópolis* até o VI séc. d.C.), sob o castelo Aragonês, escavações recuperaram numerosas terracotas arquitetônicas arcaicas. Aí, segundo Greco[19], seria localizado o santuário confinante de *Poseidon Enipeus*, baseado num trecho de Licofron[20], que cita o promotório Enipeu junto à Ponta Leucosia, dedicada à sereia homônima, imediatamente a sul. É plausível que o santuário, por sua localização estratégica de ponto de observação, hospedasse um *phrourion* (posto fortificado de guarda),

---

[15] Na verdade os edifícios mais antigos seriam datados quase ao período de fundação da cidade, ou pelo menos a 600 a.C., passando depois por reconstruções e adaptações. Sobre as atualizações a respeito do complexo, v. por exemplo GRECO-FERRARA 2002.

[16] A primeira métopa se enquadra no episódio da captura dos bois de *Geryón*, no qual *Herakles* luta contra os Gigantes: aqui é representado o herói no momento em que mata o gigante *Alcyoneus* (Apollodoro, Biblioteca, 1, VI,1). Na outra métopa aparece um episódio sucessivo aos doze trabalhos de Herakles: os *Cercopes*, dois ladrões, são capturados pelo herói, que os leva a *Omphále*; são representados pendurados de cabeça para baixo em uma trave, no esquema em que se apresentam as presas de caça (Diodoro Sículo, Biblioteca, IV, 31, 6-7). Na verdade, seja do *Heraion*, seja do anexo *Thesauros*, foram recuperadas 38 métopas, até hoje muito discutidas, com os seguintes motivos iconográficos: *Herakles* (*Centauromachia, Silenomachia, Gigantomachia*, os Doze Trabalhos e episódios isolados); Guerra de Tróia (Aquiles e *Troilos*, suicídio de Ajax, morte de Pátroclo e Helena, Andrômaca e Hécuba chorando o cadáver de Heitor); Odisséia (Ulisses/ *Odysseus* sobre tartaruga); Orestes (matando Egisto; Clitemnestra, Laodamia, Orestes e Egisto; Erínias perseguem Orestes); Jasão e os Argonautas (Medéia e Jasão no caldeirão; filhas de Pélias enlouquecidas); episódios isolados (Apolo e Artemis; Latona raptada por *Tityos*; a pena de Sísifo; as Leucípides; Arsinoe), etc. Sobre tudo isso v. GRECO 1992, pp. 157-162; GRECO-FERRARA 2002, fichas 30-36, que mostram ainda a provável localização de cada métopa, segundo os descobridores do santuário, ZANCANI MONTUORO-ZANOTTI BIANCO 1954, p. 103.

com funções de proteção do território a Sul. O epíteto *Enipeus* (colérico, ameaçador) pertence a dois rios, um na Tessália central, outro afluente do Alfeo em Élis (Peloponeso), mas não temos provas de que este epíteto possa pertencer ao nosso *Poseidon*. Outros estudiosos[21] preferem procurar a qualidade do deus em outras cidades da *Achaia* (sempre Peloponneso) que cultuavam *Poseidon*, como e.g., *Helikonios*, de *Helike*, ligando assim o culto à pátria de Is, fundador mítico de *Sybaris*, a qual por sua vez fundou *Poseidonia...* Portanto, ambas as hipóteses são apenas ligadas por um fio muito sutil...

Mas não é tudo: dentro da cinta muraria propriamente dita, além de pequenos e variados templos, encontramos três grandes santuários (Fig. 13): o mais antigo deles, datado entre 540-530 a.C., na ordem dórica, também é dedicado a *Hera* e, como querem alguns, ainda ao *paredros Zeus*, devido ao duplo naos (a chamada Basílica, 9x18 colunas) (Fig. 14); o mais setentrional foi dedicado à deusa *Athena* por volta de 510-500 a.C., em ordem dórica mas com *pronaos* em capitéis jônios (o chamado templo de *Ceres*, 6x13 colunas) (Fig. 15); e finalmente ao centro encontramos outra área de *temenos* onde surge uma possante construção templar, considerada um dos mais belos exemplos da ordem dórica no Ocidente, construído em torno à metade do V séc. a.C. (Fig. 16 e 17). Sobre esta os estudiosos até hoje divergem: alguns sugerem um *Heraion* III, outros sugerem que ali fossem cultuados *Zeus* ou *Apollon*, divindade poliádica por excelência, outros finalmente acreditam que fosse o verdadeiro santuário de *Poseidon*.[22] E a discussão permanece em aberto, até que a Arqueologia nos traga novas evidências materiais.

No entanto, sempre sobre o debate *Apollon-Poseidon*, aproveito aqui uma excelente reflexão de Marcel Detienne [23] sobre o

---

[17] ARDOVINO 1986, pp. 94-100: o santuário epicórico de S. Nicola di Albanella, sobre os primeiros relevos colinares do rio Calore, confins da *chora*, documenta a presença de estatuetas que carregam porquinhos, pratos de doce, archotes e cestas, fragmentos couroplásticos datados entre final do VI-IV séc. a.c., restos de sacrifícios enterrados, como taças com resíduos vegetais, todos ligados à propiciar a fecundidade; ali existe uma fonte e toda a zona é riquíssima d'água. Um pouco mais abaixo, na localidade denominada "*Acqua che Bolle*" ("Água que Ferve"), foi encontrado um lingote de prata com inscrição de VI séc. a.C. em alfabeto Aqueu: "Sou consagrado à Deusa". Naturalmente a tradição de omitir o nome da "deusa" e as águas ferventes nos conduzem imediatamente ao culto ctônio de *Demeter e Kore*.

[18] ARDOVINO 1986, pp. 49-52: não só destas ruínas de santuário, mas também nas vizinhanças do *Athenaion* a Norte, foram restituídos materiais como figuras femininas seminuas, com certa acentuação dos atributos sexuais, *Erotes*, pombas, figurinhas de dançarinas, todas ligadas à "deusa da beleza e do prazer".

[19] GRECO 1981, p. 17; GRECO 1992, p. 68.

[20] Licofron, *Alessandra*, vv. 722-725: "Leucosia atirada contra o promotório saliente de Enipeu, permanecerá por muito tempo no rochedo ao qual dará o nome...".

[21] Sobre todo o debate, v. ARDOVINO 1986, pp. 80-88.

[22] Sobre as hipóteses, v. GRECO 1981, pp. 31-32; GUZZO 1982, p. 213; GRECO-LONGO 2002, p. 71.

[23] DETIENNE 2004, pp. 115-117.

par formado por *Apollon* e *Poseidon* em Delfos: *Apollon* é *archegétes*, ou seja, fundador e protetor de cidades e territórios, doador de estabilidade e civilidade. E tal estabilidade Apolínea vem ao encontro justamente do tio *Poseidon*, aquele que oferece "alicerces perfeitos", o solo aplainado sobre o qual o sobrinho põe a pedra de limiar, os alicerces, tudo aquilo que exige um pedestal, um fundamento seguro. De modo particular, em alguns lugares este último se apresenta como co-fundador, cúmplice de *Apollon*, o qual deixa ao tio a qualidade de *themelioûchos*, aquele que mantém solidamente os fundamentos. Assim, temos o "colocador de fundamentos, de pedestais" (*Poseidon*) e o "construtor-fundador" (*Apollon*), que absolutamente não se chocam, mas são complementares. Lembremo-nos ainda[24] de um *Apollon* "das ondas do mar", deus marítimo chamado *Embásios* ou *Ekbásios*, embarcando ou desembarcando, cruzando assim *Poseidon*, *Athena* ou *Hera*; um *Apollon* que, e.g., dá autorização aos Argonautas para navegar e alerta sobre os perigos do mar...

Bem, depois da conquista por parte dos Lucanos nos últimos anos do V séc. a.C. ou no máximo no primeiro decênio do IV, ao que tudo indica a cidade não interrompeu imediatamente a emissão de moeda, que prosseguiu com os mesmo tipos em prata, no estilo das letras Jônias utilizadas já desde ca. 420 a.C.; cunhou ainda uma série brônzea com cabeça de *Athena/Poseidon* ou tridente[25].

Paestum

Paestum[26] ocupava exatamente o mesmo sítio da cidade de *Poseidonia*, comentada anteriormente. Também como já dito antes, *Poseidonia* foi dominada pelos *Lucani* até o início do III séc. a.C. No entanto, os Romanos fizeram prevalecer seu poderio e, em 273 a.C., ali deduziram uma colônia de direito Latino que recebeu o nome de *Paestum*, nome claramente originário do nome Lucano anterior, *Paistom*. Como cidade federada, prestou auxílio aos Romanos durante a guerra contra Aníbal, e manteve sempre uma certa autonomia, tendo em vista que continuou a bater moeda pelo

[24] DETIENNE 2004, p. 118.
[25] CATALLI 1995, p. 66; RUTTER 1997, p. 59; HNI 2001, p. 111.

menos até a época do imperador *Augustus*. Foi ainda colônia de veteranos do imperador *Vespasianus* (69-79 d.C.), pelo que indicam as evidências epigráficas[27].

Além de uma emissão isolada de didracmas de prata, a sua produção foi inteiramente em bronze. Entre essas diferentes emissões, conhecemos a que vai do *triens* à *uncia*, com legenda por extenso ou abreviada em Língua Osca no anverso (PAISTANO e PAIS) e sinais de valor. Segue-se então uma longa emissão de séries diferentes que são ligadas ponderalmente à redução semuncial de 89 a.C., e que duraram, na opinião de alguns, até a época Augustéia. Estes nominais se distinguem ainda pelos sinais de valor, legenda abreviada em Latim (PAE, PAES, PAEST), nomes abreviados de magistrados e de benfeitores da cidade, além de uma tipologia que reporta a vida do *municipium* Romano, como veremos a seguir.

De qualquer modo, todas essas cunhagens brônzeas de *Paestum*, até o último período, são denominadas "subsidiárias" por Crawford[28]: aquelas pertencentes aos dois primeiros grupos que vou lhes mostrar, ou seja, subsidiadas pela colônia por orgulho ou conveniência para apoiar Roma e por isso ditas "cunhagens funcionais", pois foram de papel vital durante as Guerras Púnicas; as pertencentes ao terceiro e último grupo, que teriam uma função "frívola", de puro evergetismo ou propaganda política, como também veremos, as chamadas *sportulae* ou *largitiones*.

PRIMEIRA FASE

Primeiro Grupo

Depois das últimas séries em bronze de *Poseidonia*, datadas até o início do III séc. a.C. (ca. de 290 a.C.), registra-se uma pequena ruptura de alguns poucos anos, até o recomeço de novas cunhagens em outros padrões. Essas primeiras emissões brônzeas da nova fase parecem referir-se ainda à cultura Lucana, tendo em vista que as legendas ainda se referem à Língua Osca; nos primeiros casos

---

[26] Para a história, a arqueologia e a amoedação de Paestum neste período, v. CATALLI 1995, pp. 152-154; CRAWFORD 1973, pp. 47-109; GRECO 1981, pp. 18-20; GREGO-LONGO 2002, passim; GUZZO 1982, pp. 207-220; HNI 2001, pp. 112-117; MELLO-VOZA 1968; TORELLI 1992, pp. 33-115; TORELLI 1996, pp. 153-178; TORELLI 1999.

[27] De fato somente em época Flávia encontramos as inscrições que se referem à dedução de uma dedução de colônia com veteranos, cf. MELLO-VOZA 1968, 86 e 87.

[28] CRAWFORD 1973, p. 47.

me parece ver ainda o Π do alfabeto Grego, mas depois empregam somente o alfabeto Latino. Teriam sido iniciadas, segundo Crawford e a equipe de HNI[29] entre a chegada de *Pyrrhus*, rei do *Epirus*, na Itália em 280 a.C. e a 1ª Guerra Púnica, mais precisamente entre 264-241 a.C.: são os tipos com cabeça de *Neptunus/Neptunus* sobre delfim e cabeça de *Neptunus*/Cupido sobre delfim.

Segundo Grupo

É este que vai nos interessar particularmente aqui, período a partir do qual aparecem os nossos exemplares do MHN. Só a partir da 2ª Guerra Púnica (218-201 a.C.) e principalmente em 211 a.C. com a introdução do *denarius* em Roma e do padrão sextantal, aparecerá um segundo grupo de bronzes em *Paestum*, já com marcas de valor, do qual apresentaremos alguns testemunhos. Tais emissões teriam sido produzidas como uma contribuição para ajudar a financiar a guerra que se desenrolava contra *Carthago*, para o pagamento de soldados aliados. Recordemos que, além de colônia Latina desde 273 a.C., *Paestum* foi, em 209 a.C., uma das 18 cidades que aclamaram sua lealdade a Roma[30], quando esta pediu-lhes ajuda. Segundo Catalli[31], as médias ponderais destas séries tenderiam a ser confrontadas com valores da redução uncial e semuncial do bronze Romano.

Catálogo do Segundo Grupo[32]

Estas são séries anônimas, distintas somente por uma série de símbolos, e no nosso caso só possuímos dois: "Ramo (ou Braçada) de Folhas" e "Ramo". Embora os estudiosos afirmem que nessas duas primeiras fases as moedas se inspiram nas iconografias Romanas, recordo que o culto de *Demeter/Ceres* é amplamente atestado em *Paestum* desde o período Grego até a época Romana imperial[33], enquanto *Dionysus* realmente só aparece nas moedas[34].

---

[29] CRAWFORD 1973, pp. 48-49; HNI 2001, p. 112.

[30] Lívio XXVII, 10, 8; XXII, 386, 9; XXVI, 39, 5: assim também Luceria, Venusia, Asculum Apulum, Brundisium, Larinum, Caelia, Teate Apulum, Rhegium, Barium, Mateola, Orra, Graxa, Copia e Vibo, cf. CRAWFORD 1973, p. 50 e nt. 13.

[31] CATALLI 1995, p. 153.

Símbolo “Ramo de Folhas”

6 - AE / Sextans; mm. min. 13,3; max. 14,4; gr. 3,10 (Fig. 18, a-b)

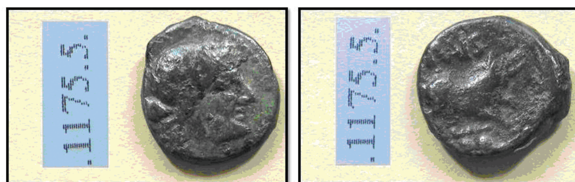
A/ Cabeça de Ceres à dir.; c.p.

R/ ΠAIS, acima; javalí à dir.; abaixo, um ramo de folhas e dois glóbulos; c.p.

Datação: 218-201 a.C. (HNI, 2ª guerra púnica); 268-89 a.C. (Cop.); fine IV/primi anni del III a.C.-209 a.C. (Mil.); 268-89 a.C. (Mün.); 2º Guerra Púnica-II a.C. (Evel.).

Cf.: SNG ANS 758-760; SNG Copenhagen 1341-1343; SNG Evelpidis 251 (variante com a protome do javalí); SNG Milano 265-267; SNG München 1106-1109; HNI 2001, 1198; Crawford 1973, 6/3.

Inédita. Inv. n. 1924.1175.5.



O exemplar entre neste grupo pois é visível, sob o javalí do R/, uma ramada. Está dentro do p.m. que varia de 3,82 a 2,12 gr. É um estilo considerado “pobre” por Crawford[35], eu diria um pouco mais rudimentar.

7 – AE/ *Sextans*; mm. min. 14,6; max. 15,5; gr. 1,98 (Fig. 19, a-b)

A/ Cabeça de *Ceres* à dir.; atrás da nuca, dois glóbulos; c.p.

R/ ΠAI[S], acima; javali à dir.; abaixo, dois glóbulos; c.p.

Datação: 218-201 a.C. - 2ª Guerra Púnica (HNI); 268-89 a.C. (Cop. e Mün.); fine IV/inizio III-209 a.C. (Mil.).

Cf.: SNG ANS 758-760; SNG Copenhagen 1341-1344; SNG Evelpidis 251 (variante com somente a protome do javalí); SNG Milano 265-267 (*sestante*, mas peso superior); SNG München 1106 (mas gr. 2,29, *sextanten*); HNI 2001, 1198 (*Sextans*); Crawford 1973, 6/3.

Inédita. Inv. n. 1924.1175.6.

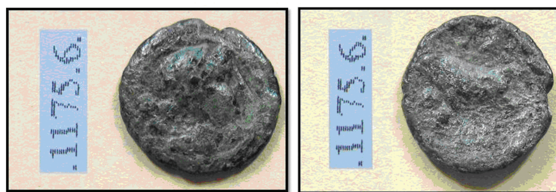
---

32 Como as opiniões sobre as datações das moedas a partir deste período são bem mais variadas e divergentes, optei por apresentar todas elas, e não somente a datação proposta por Crawfors 1973 e HNI 2001.

33 ARDOVINO 1986, pp. 91-102.

34 ARDOVINO 1986, p. 73.

35 CRAWFORD 1973, p. 99.



O peso deste exemplar, bastante baixo, mas considerado um sextans, está em consonância com o peso mínimo dos *sextantes* registrados por Crawford (*sub numero*), que podem descer até 2,12 gr. (exemplar de Sallusto 146). O R/ não é muito claro, mas é possível reconhecer o perfil do javali, muito mal o ramo, mas perfeitamente os dois glóbulos abaixo.

Símbolo "Ramo"

8 - AE / *Triens*; mm. min. 16,3; max. 16,8; gr. 3,40 (Fig. 20, a-b)

A/ Cabeça de *Dionysus* (?) à dir., coroado de hera; atrás da nuca, quatro glóbulos.

R/ ΠAIS à dir.; cornucópia, da qual surgem frutos; à esq. um ramo e quatro glóbulos.

Datação: 218-201 a.C., 2ª Guerra Púnica (HNI); 268-89 a.C. (Cop.); 268-89 a.C. (Mün.); 209-89 a.C. (Mil.); 2ª Guerra Púnica-II séc. a.C. (Evel.)

Cf.: SNG ANS 731-732 (*trientes*, A/ *Dionysos*); SNG Copenhagen 1330-1331 (A/ *Dionysos*); SNG Evelpidis 249 (triens, A/ *Dionysos*); SNG Milano 268-269 (*triente*, A/ *Dionysos*); SNG München 1091-1097 (A/ *Dionysos*); HNI 2001, 1216 (*Female head*); Crawford 1973, 11/1.

Inédita. Inv. n. 1924.1175.2.





Não obstante todas as outras obras consultadas sejam unânimes em reconhecer um *Dionysus* na figura de A/, em HNI a equipe optou por interpretar como uma "cabeça feminina" (*Female head*), igualmente coroada hera. A moeda traz o símbolo "Ramo" que caracteriza o grupo no R/. O seu peso entra perfeitamente naqueles reconhecidos por Crawford (*sub numero*), entre 5,55 e 1,85 gr.

Terceiro Grupo - Moedas Romanas

Os Semisses

Neste terceiro grupo ou terceira fase, que segundo Catalli[36] se liga ponderalmente à redução semuncial de 89 a.C., constatamos o predomínio do *Semis*, cunhado desde a época Tardo-Republicana, em torno aos anos da Guerra Social, até o período do principado de Augusto (27 a.C.-14 d.C.). Nestes bronzes aparecem fórmulas onomásticas abreviadas de patronos e magistrados citadinos, obviamente sempre em duplas, e por isso oferecem uma certa dificuldade para uma datação mais pontual. Por exemplo, sabemos que *Paestum* foi colônia Latina desde 273 a.C., provavelmente administrada por *IIviri* (dois *praetores*)[37]; depois da Guerra Social em 89 a.C. transformou-se em *municipium* Romano, presumivelmente regido por *IIIIviri* (dois *praetores*, dois *aediles*); finalmente só em época Flávia (2ª metade do I séc. d.C.) teria sido elevada à categoria de colônia Romana, mais uma vez administrada por *IIviri* (dois *praetores*)[38], embora não tenhamos provas seguras para tal *terminus*. Enfim, possuímos uma emissão patrocinada por uma mulher, seguramente pertencente a uma família de extração eqüestre, uma dentre as *domi nobiles* de época Cesariana a Augustea.

A explicação mais comum para tais cunhagens é que os magistrados que assumiam um encargo, segundo o costume Romano, teriam a obrigatoriedade ou o hábito (*munera* ou *largitiones*) de oferecer "dons" à população e à cidade (concidadãos enfim)[39]. O mesmo acontece com os *patroni* (patronos da cidade), os quais de qualquer modo também são magistrados e mais ainda, interlocutores do município junto ao Governo Central[40]. Em outros casos de emissões subsidiadas, poder-se-ia pensar em atos de evergetismo, também

---

[36] CATALLI 1995, p. 153.
[37] MELLO-VOZA 1968, 142-143 e 144-153; CRAWFORD 1973, p. 51, nt. 15.

um costume Romano iniciado pelos membros das elites citadinas, para comemorar a reconstrução de um monumento, a reforma de um edifício público, ou com a finalidade de promoção política e social da família[41]. Enfim, todas essas iniciativas privadas, não obstante autorizadas pelo Senado local ou pelo Central, são de qualquer como consideradas *sportulae* ou *largitiones*.

Catálogo do Terceiro Grupo

9 – AE / Semis; mm. min. 14,6; max. 15,7; gr. 4,37 (Fig. 21, a-b)

A/ PAE, à esq., muito apagada; templo hexástilo (ou porticus?); à dir., S; abaixo, QVI; c.p.

R/ CN • COR / M • TVC / PATR, dentro de uma coroa de louros.

Datação: início do I séc. a.C. (HNI); 89 a.C.-Tiberius (Cop.); I séc. a.C. (Mil.); início do II séc. a.C. (Torelli).

Cf.: SNG ANS 780-782; SNG Copenhagen 1365; SNG Evelpidis 267; SNG Milano 288-289; HNI 2001, 1237; Crawford 1973, 24; Torelli 1988, 1.

Inédita. Inv. n. 1924.1175.7



Indubitavelmente se reconhece a marca do *Semis*, cujo peso nesta tipologia varia de 5,61 a 3,15, cf. Crawford (*sub numero*). O edifício colunado que aparece no A/ é visto pela maior parte dos estudiosos como um templo hexástilo, e poderia ser uma representação do chamado “Templo da Paz” ou da *Mens Bona*[42], com as mesmas características (6x8 colunas) (Fig. 22), cuja construção

[38] MELLO-VOZA 1968, 86-87; CRAWFORD 1973, p. 51 e nt. 16 e 17; TORELLI 1996, p. 154.
[39] CRAWFORD 1973, p. 54, que reenvia a DUNCAN JONES 1965, 210-221 (*sportulae*).
[40] Sobre essas distribuições de dinheiro, gêneros alimentícios e bebidas aos concidadãos, v., por exemplo, MAGALHÃES 2003, p. 148, n. 14 e MAGALHÃES 2006, p. 89, n. 7.
[41] Sobre casos de mulheres *evergetes* de extração eqüestre, v., por exemplo, MAGALHÃES 2003, pp. 156-160, n. 18.

é datada entre o II –I séc. a.C., depois da construção do *Comitium*[43]. No entanto Torelli[44] pensa diferentemente, pois interpreta o edifício como a reprodução de uma porticus, a partir do momento que o teto aparece oblíquo e não apresenta tímpano. Sendo assim, acredita que fosse na verdade a fachada do *macellum* do fórum (Fig. 23), construído depois de 196 a.C., e já veremos porquê, e se levarmos em conta que o de Roma existia já em 210 a.C. A abreviatura QVI que aparece sob a construção poderia referir-se à magistratura ocupada pelos personagens do R/, ou seja *Qui(nquennales)*, isto é, censores, embora devesse aparecer no R/.

No R/ são claros os nomes abreviados dos magistrados, *Cn(aeus) Cor(nelius)* e *M(arcus) Tuc(cius)*, ambos também patronos do município, ainda não registrados até hoje em inscrições lapidária de *Paestum*[45]. Sempre *Torelli*[46] identifica tais nomes com dois personagens históricos, *Cn(aeus) Cornelius Blasio*, pretor na província Sicília em 194 a.C. e *M(arcus) Tuccius, aedilis currulis* em 192 e pretor em 190 a.C., ativo em 188 a.C. na *Apulia* e no *Bruttium*, e *IIIvir* das colônias de *Sipontum* e *Buxentum* em 186 a.C. A coroa de louros que circunda os nomes de ambos poderia referir-se à ovatio (pequeno triunfo) concedida extraordinariamente a *Cornelius*, justamente em 196 a.C.[47]. Ora, se assim fosse, poderíamos pensar também que o edifício retratado no A/ da moeda foi construído às expensas destes *patroni* como *largitio*, ou seja, um grande dom oferecido por ocasião da sua quinquenalidade extraordinária, e por isso tal abreviatura aparece justamente sob a colunada, no A/[48].

10 - AE / *Semis*; mm. min. 15,7; max. 16,6; gr. 3,81 (Fig. 24, a-b)

A/ PAE em nexo, ascendente, à esq.; busto drapeado com elmo coríntio, à dir.; à esq., S, muito apagada; c.p.

R/ Mãos unidas; acima, L • FAD em nexo; abaixo, L • SAT em nexo, muito apagado.

Datação: Metade do I séc. a.C. – entre a Guerra Social e César (HNI);

---

[42] CRAWFORD 1973, p. 101, oferece a primeira opção ou *Capitolium* local. Alguns atribuem o templo à *Bona Mens* (como TORELLI 1988, p. 111; ID. 1996, p. 157; GRECO-LONGO 2002, pp. 55-57).

[43] GRECO-LONGO 2002, p. 56.

[44] TORELLI 1988, pp. 102-103.

[45] MELLO-VOZA 1968, *Index – Nomina et Cognomina*. Mas a *gens Tuceia* já é atestada em Roma (CIL VI 1060) e posteriormente a *gens Tuccia* (Marcial 3, 14, 1).

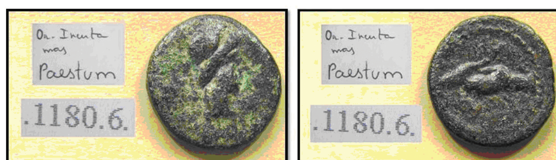
[46] TORELLI 1988, pp. 102-103.

[47] Para tais personagens, TORELLI (1988, p. 103, notas 242 e 243) envia a F. MÜNZER, in RE IV, 1, 1900, col. 1272, n. 74 e VII A 1, 1939, col. 766, n. 5.

89 a.C.–Tiberius (Cop.); zeit Tiberius (Mün.); I séc. a.C. (Mil.); ca. 40 a.C. (Evel.).

Cf.: SNG ANS 788-791 (A/ Head of Ares?); SNG Copenhagen 1360-1361; SNG Evelpidis 263; SNG Milano 307-316 (A/ Busto maschile con elmo); SNG München 1126-1128; HNI 2001, 1250; Crawford 1973, 32.

Inédita. Inv. n. 1924.1180.6.



Também muito difusos e abundantes, tais semisses pesam de 6,50 a 2,33 gr. (cf. Crawford, *sub numero*). O tipo com elmo do A/ é interpretado somente por ANS como uma cabeça de Marte. No R/, mais uma vez presentes dois magistrados, L(*ucius*) Fad(*ius*) e L(*ucius*) Sat(- - -?). Bem, um *M(a)n(ius) Fadios, quaestor*, já é registrado epigraficamente[49] na 2ª metade do III séc. a.C., e ainda um D(*ecimus*) *Fad(ius)* aparece em outra moeda Pestana[50]. Para o desenvolvimento do gentilício do segundo magistrado as possibilidades são pelo menos umas 40, tais como *Satius, Satrius, Saturius, Saturninus, Satibius, Satilius,* etc.[51]. Embora *Satrius* seja o mais adequado, devido à sua boa difusão em ambiente Campano-Samnítico, prefiro deixar a questão do desenvolvimento deste gentilício em aberto.

A fórmula onomástica dos personagens, sem filiação e *cognomen*, nos levariam a datá-los entre a época Tardo-Republicana e o período Proto-Augusteo, mas devo sempre relembrar as "economias" epigráficas aplicadas a superfícies muito pequenas como moedas, que restringem igualmente nomes completos.

As mãos dadas que aparecem no R/ parecem recordar a *Fides Exercitum* ou a *Concordia*, talvez uma alusão à lealdade em relação a Roma, ou talvez o aproveitamento do motivo do gesto de concórdia das mãos que se estreitam poderia também referir-se a acontecimentos internos de *Paestum*. De qualquer modo é motivo recorrente na amoedação Urbana desde a época Republicana até o período Imperial[52].

---

[48] Assim pensa o Prof. Mario Torelli, ao qual agradeço pela sugestão.
[49] MELLO-VOZA 1968, 140.
[50] MELLO-VOZA 1968, p. 216 e CRAWFORD 1973, 35/1.
[51] SOLIN-SALOMIES 1994, p. 163 oferecem pelo menos 38 gentilícios que iniciam com SAT.

11 - AE / *Semis*; mm. min. 13,2; max. 14,2; gr. 2,35 (Fig. 25, a-b)

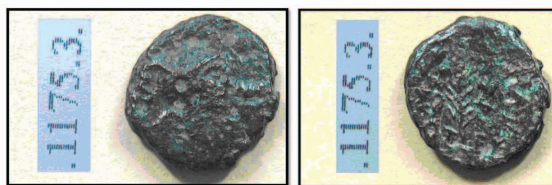
A/ PAE, muito apagada, à dir.; cabeça alada de *Victoria*, à dir; atrás da nuca, S.

R/ Palma circundada por coroa de louros; em torno, Q • TRE • II • VIR.

Datação: metade do 1° séc. a.C.- entre a Guerra Social e César (HNI); 89 a.C.-Tiberius (Cop.).

Cf.: SNG ANS 800-801 (*semisses*); SNG Copenhagen 1362 (*Semis*); HNI 2001, 1253; Crawford 1973, 34.

Inédita. Inv. n. 1924.1175.3.



Este *semis* está de acordo com os pesos registrados por Crawford (*sub numero*), entre 4,28 e 2,02 gr. A iconografia da Victoria do A/ é bastante conhecida nas amoedações, assim como a palma do R/. Digno de nota é mais uma vez o nome de um magistrado *euergetes*, claramente um *IIvir (praetor)* do município, denominado *Q(uintus) Tre(bius?)*. Tal personagem ainda não foi encontrado nas inscrições lapidárias Pestanas[53], mas não vejo dificuldade em desenvolver a sua fórmula onomástica, associando-o à *gens Trebia* ou, menos preferivelmente, à sua derivada *Trebonia*[54]. O gentilício Trebius, derivados do Osco *Trebis*, é também muito comum na Itália Meridional, em ambiente Campano-Samnítico. Sempre pela fórmula onomástica sem filiação e *cognomen*, tenderia a datá-los sempre entre a Tarda-República e os primórdios de Augusto, mas como sempre a argumentação sobre redução de nomes não é tão válida em Epigrafia Monetária.

12 - AE / *Semis*; mm. min. 13,1; max. 14; gr. 3,35 (Fig. 26, a-b)

A/ MIN[EIA • M • F], em torno; cabeça feminina à dir.; c.p.

R/ Edifício de dois andares; [P •] S de cada lado do andar superior, S • C. de cada lado do andar inferior; c.p.

---

[52] Por exemplo, SEAR 2000, 426 (48 a.C.); 1693 (9 a.C.); 2083 (= RIC 118; 69 d.C.), e assim por diante, durante o Império.

Datação: metade do I séc. a.C. – entre a Guerra Social e César (HNI); 89 a.C.-Tiberius (Cop.); zeit Tiberius (Mün.); época tiberiana (Mil.); augustea (Evel.); final do I séc. a.C. (Torelli).

Cf.: SNG ANS 804-805 (A/ *Female head, quadrantes*); SNG Copenhagen 1373 (*Semis*); SNG Evelpidis 276 (*sextans*); SNG Milano 520-521 (A/ *Livia?; semisse?*); SNG München 1145; HNI 2001, 1258; Crawford 1973, 38, a-c.; Torelli 1983, 5.

Inédita. Inv. n. 1924.1175.4.



O R/ se apresenta descentrado. O peso deste *semis* está em consonância com os de Crawford (*sub numero*), entre 5,35 e 2,20 gr., e esta moeda foi abundantemente atestada. Sem dúvida este personagem feminino cujo nome aparece no A/, *Mineia M(arci) f(ilia)* é bastante conhecido epigraficamente em *Paestum*, ou seja, em seis inscrições, assim como seu irmão *M(arcus) Mineius, M(arci) f(ilius), M(arci) n(epos) Flaccus*, tribuno militar[55], e assim concluímos tratar-se de uma família de extração eqüestre.

Na verdade trata-se de um verdadeiro ciclo de inscrições dedicadas por esta senhora, sendo que a primeira[56], muito fragmentada, provavelmente sob uma estátua que adornava o fórum, nos diz, segundo integração de Torelli, que foi colocada por *Mineia* em homenagem ao marido, *C. Cocceius C.f. C.n. Flaccus*; este, foi questor, escolhido por César extraordinariamente em início de 44 a.C., legado pro-pretor de *M(a)n(ius) Otacilius Crassus* na Bitínia (Ásia Menor) em 42 a.C., e dedutor da colônia de Apamea na mesma Bitínia, personagem que não sobreviveu longamente. As outras

[53] MELLO-VOZA 1968, Index – Nomina et Cognomina.
[54] SOLIN-SALOMIES 1994, p. 190, registram outros 13 gentilícios iniciados em TREB.

quatro epígrafes decoravam a base dos nichos da Basílica forense, reconstruído quase ex-novo por *Mineia* no final do I séc. a.C., onde naturalmente havia estátuas dos membros da família. Tais epígrafes mencionam o irmão ao qual já acenamos, de novo o marido, e um neto, *C.(?) Cocceius Aequus*[57]. A sexta inscrição[58], integrada, menciona finalmente um filho pré-morto de *Mineia* chamado *C. Cocceius Iustus*, pai do já mencionado *Aequus*. Neste último documento, a dama dedica ao marido e ao filho a reconstrução, às próprias expensas, da Basílica originalmente de II séc. a.C., uma *porticus* e a pavimentação da calçada, criando assim uma espécie de *deambulatorium*.

Mas não é tudo. Além disso, como mostra uma outra epígrafe, parece que a *Mineia* foi feita uma dedicatória por parte de um *magister Bonae Mentis*, isto é, um sacerdote do colégio consagrado ao culto da *Mens Bona*[59]. O próprio edifício de dois andares retratado no R/ poderia referir-se a uma obra da benemérita *Mineia* para melhoramentos do templo desta divindade, identificado com o templo do fórum que já vimos antes[60]. No entanto, recordo que o edifício de duplo andar também recorda a arquitetura de vários outros edifícios públicos, como e.g. das basílicas municipais Romanas, com dupla colunada, como é também o caso da de *Paestum* (a chamada *Cúria*), onde se reunia o Senado local (Fig. 27). Por isso optamos por ver no R/ tal monumento reconstruído pela própria dama.

Dúvida resta quanto à identificação da figura feminina que aparece no A/, inicialmente proposta como uma representação de *Iuno Moneta*, depois também como Lívia, mulher de Augusto e mãe de Tibério, venerada em muitas cidades neste período, embora o perfil não se pareça com os retratos da imperatriz. Pensa-se enfim que aí fosse retratada a própria *Mineia*, tendo em vista ter sido ela um dos mais poderosos personagens femininos locais[61]. Enfim Torelli[62] pensa em reconhecer nesta figura, e com certa razão, a representação da própria divindade *Mens Bona*, colégio do qual *Mineia* era patrona, e assim fazendo pendant com a sua Basílica do R/.

As fórmulas *P(ecunia) S(ua) e S(enatus) C(onsulto)* do R/ indicam que *Mineia* patrocinou as obras, talvez acompanhadas de largitiones ou sportulae, com autorização de um Senado, e este

---

[55] MELLO-VOZA 1968, 81-82; TORELLI 1996, 2-3.
[56] MELLO-VOZA 1968, 85; TORELLI 1996, 1.
[57] MELLO-VOZA 1968, 81-84; TORELLI 1996, 2-5.
[58] MELLO-VOZA 1968, 163; TORELLI 1996, 6.
[59] MELLO-VOZA 1968, 18; TORELLI 1996, 7.
[60] TORELLI 1988, p. 111; TORELLI 1996, p. 157; GRECO-LONGO 2002, p. 56.

último termo, S*(enatus)* C*(onsulto)* foi motivo de debate entre alguns estudiosos[63]: se essas moedas fossem submetidas primeiramente só ao controle do município (Senado local, ou seja, Ordem dos Decuriões), e tal garantia fosse aceita também pela autoridade Central (Senado de Roma). Em primeiro lugar, sabemos que tais moedas eram reconhecidas em várias outras cidades onde foram encontradas, até Pompéia, e por isso não colocavam problemas com relação à sua aceitação, como acontecia inclusive com moedas estrangeiras que circulavam em paridade às de Roma. Em segundo lugar, recorde-se ainda que S*(enatus)*.C*(onsulto)* refere-se ao Senado de Roma, tendo em vista que nas autorizações do Senado municipal encontramos somente a expressão D*(ecurionum)* D*(ecreto)*. Assim, podemos pensar que, a parte o valor intrínseco do metal, se tratasse realmente de moeda fiduciária, como é o caso dos *semisses*.

BIBLIOGRAFIA

ARDOVINO 1986

ARDOVINO, A.M. **I culti di *Paestum* antica e del suo territorio**. Salerno, 1986.

CANTILENA 2006

CANTILENA, R. La monetazione di *Elea* e le vicende storiche della città: limiti e contributi della documentazione numismatica. *In*: **Velia. Atti del quarantecinquesimo convegno di studi dulla Magna Grecia 9Taranto-Marina di Ascea, 21-25 settembre 2005)**. Taranto 2006, pp. 423-458.

CARPICECI-PENNINO 1992

CARPICECI, A.C.-PENNINO, L. **Paestum e Velia. Oggi e 2500 anni fa**. Salerno 1992.

CATALLI 1995

CATALLI, F. **Monete dell'Italia antica**. Roma 1995.

CIPRIANI-LONGO 1996

CIPRIANI, M.-LONGO, F. (edd.). **Poseidonia e i Lucani. Napoli** 1996.

CRAWFORD 1973

CRAWFORD, M.H. *Paestum* and Rome. The form and function of a subsidiary coinage. In: **La monetazione di bronzo di *Poseidonia-Paestum*. Atti del III convegno del Centro Internazionale di Studi Numismatici (Napoli, 19-23 aprile 1971)**. Napoli 1973, pp. 47-109.

DETIENNE 2004

DETIENNE, M. **Comparar o Incomparável**. São Paulo 2004.

DUNCAN JONES 1965

DUNCAN-JONES, R. An Epigraphic Survey of Costs in Romain Italy. *In*: **Papers of the British School at Rome**, vol. XXXIII (n.s., vol. XX), 1965, pp. 190-306.

GRECO 1981

[61] Segundo M. Mello, reportado nos debates finais, em CRAWFORD 1973, p. 104.
[62] TORELLI 1988, p. 111.
[63] Em CRAWFORD 1973, pp. 104-105, v. o debate entre o próprio M. Crawford, M. Mello e C. G. Franciosi.

GRECO, E. **Magna Grecia**. Guide Archeologiche Laterza. Bari, 1981.

GRECO 1992

GRECO, E. **Archeologia della Magna Grecia**. Bari 1992.

GRECO-LONGO 2002

GRECO, E.-LONGO, F. ***Poseidonia-Paestum. La visita della città*** (a cura di M. Cipriani). Salerno 2002.

GRECO-FERRARA 2002

GRECO, G.-FERRARA, B. **Il *Museo Narrante* del santuario di Hera Argiva alla foce del Sele**. Salerno 2002.

GUZZO 1982

GUZZO, P.G. **Le città scomparse della Magna Grecia**. Roma 1982.

HNI 2001

RUTTER, N.K. (Principal editor)-BURNETT, A.M.-CRAWFORD, M.H.-JOHNSTON, A.E.M.-JESSOP PRICE, M. **Historia Numorum. Italy**. London, 2001.

JAMESON 1913

R. Jameson's Collection. Monnaies Grecques Antiques, I-II. Paris 1913.

MAGALHÃES 2003

MAGALHÃES, M.M. **Storia, istituzioni e prosopografia *di Surrentum* romana. La collezione epigrafica del Museo Correale di Terranova**. Castellammare di Stabia 2003.

MAGALHÃES 2006

MAGALHÃES, M.M. ***Stabiae* romana. La prosopografia e la documentazione epigrafica: iscrizioni lapidarie e bronzee, bolli laterizi e sigilli**. Castellammare di Stabia 2006.

MAGALHÃES 2008

MAGALHÃES, M.M. *Sybaris-Thurium*: Notas de História e Iconografia através das moedas do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. In: **PHOÎNIX. Laboratório de História Antiga – UFRJ, LHIA 15 anos**. Rio de Janeiro 2008, pp. 268-290.

MELLO-VOZA 1968

MELLO, M.-VOZA, G. **Le iscrizioni Latine di Paestum**. Voll. I-II. Napoli 1968.

NAPOLI 1970

NAPOLI, M. ***Paestum***. Novara 1970.

Paestum 2004

Azienda Autonoma di Soggiorno e Turismo di **Paestum**. Paestum. Paestum, 2004.

RIC

MATTINGLY, H.-SYDENHAM, E.A.-WEBB, P.H.-PEARCE, J.W.E.-BRUUN, P.M. SUTHERLAND, C.H.V.-KENT, J.P.C. **The Roman Imperial Coinage**. Vols. I-X, London 1923-94.

ROBERTSON 1982

ROBERTSON, M. **Uma Breve História da Arte Grega**. Rio de Janeiro, 1982.

RUTTER 1997

RUTTER, N.K. **Greek Coinages of Southern Italy and Sicily**. London 1997.

SEAR 2000

SEAR, D.R. **Roman Coins and their Values**. Vol. I. London 2000.

SESTIERI 1986

SESTIERI, P.C. **Paestum**. Roma 1968.

SNG ANS

Sylloge Nummorum Graecorum. The Collection of the American Numismatic Society. Part 2: Lucania. New york 1972.

SNG Copenhagen

Sylloge Nummorum Graecorum. The Royal Collection of Coins and Medals. Danish National Museum. Volume One: Italy – Sicily. New Jersey 1981.

SNG Delepierre

Sylloge Nummorum Graecorum. France. Bibliothèque Nationale. Cabinet des Médailles, Collection Jean et Marie Delepierre. Paris, 1983.

SNG Evelpidis

Sylloge Nummorum Graecorum Grèce. Collection Réna H. Evelpidis, Athènes. Première partie: Italie – Sicile – Thrace. Louvain 1970.

SNG Fitzwilliam

Sylloge Nummorum Graecorum. Fitzwilliam Museum: Leake and General Collections. Volume IV, Part I: Spain (Emporiae, Rhoda) – Italy. London 1972.

SNG Milano

Sylloge Nummorum Graecorum Italia. Milano. Civiche Raccolte Numismatiche. Volume IV – 1. Lucania. Milano 1997.

SNG München

Sylloge Nummorum Graecorum, Deutschland, Staatliche Münzsammlung München, 3 Heft, Kalabrien – Lukanien. Berlin 1973.

SOLIN-SALOMIES 1994

SOLIN, H.-SALOMIES, O. **Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum (Editio Nova)**. Alpha-Omega, Reihe A, LXXX. Hildesheim-Zürich-New York 1994.

STAZIO 1983

STAZIO, A. Moneta e scambi in Magna Grecia. *In*: **Megale Hellas. Storia e civiltà della Magna Grecia** (a cura di G. Pugliese Carratelli). Milano 1983, pp. 104-169.

TORELLI 1988

TORELLI, M. *Paestum* romana. *In*: ***Poseidonia-Paestum*. Atti del XXVII Convegno di Studi sulla Magna Grecia, (Paestum-Taranto, 9-15 ottobre 1987)**. Napoli 1988, pp. 33-115.

TORELLI 1996

TORELLI, M. Donne, domi nobiles ed evergeti a *Paestum* tra la fine della Repubblica e l'inizio dell'Impero. *In*: **Les élites municipales de l'Italie péninsulaire des Gracques à Neron. Actes de la table ronde de Clermont-Ferrand (28-30 novembre 1991, a cura di M. Cébeillac-Gervasoni)**. Rome 1996, pp. 153-178.

TORELLI 1999

TORELLI, M. ***Paestum* romana. *Paestum*. La città e il Museo III** (M. Cipriani ed.). Roma 1999.

ZANCANI MONTUORO-ZANOTTI BIANCO 1951-1954

ZANCANI MONTUORO, P.-ZANOTTI BIANCO, U. **Heraion alla foce del Sele**. Voll. I-II, Roma 1951-1954.

IMAGENS

1) Mapa da Itália e da Sicília, com a localização das colônias Gregas, e da cidade de *Poseidonia-Paestum* a sudoeste (de GRECO-FERRARA 2002, p. 6).

2) Estátua do chamado *Zeus* ou *Poseidon* do Cabo *Artemision*; c. 460 a.C. (de ROBERTSON 1982, p. 60).

3, a-b) *Poseidonia* – AR/Dracma; c. 530-500 a.C., ficha n. 1 (Coleção MHN.

4, a-b) *Poseidonia* – AR/Dracma; c. 530-500 a.C., ficha n. 2 (Coleção MHN).

5, a-b) *Poseidonia* – AR/Dióbolo; c. 445-420 a.C., ficha n. 3 (Coleção MHN).

6, a-b) *Poseidonia* – AR/Dióbolo; c. 445-420 a.C., ficha n. 4 (Coleção MHN).

7, a-b) *Poseidonia* – AR/Dióbolo; c. 445-420 a.C., ficha n. 5 (Coleção MHN).

8) Mapa virtual e topográfico do território em torno a *Poseidonia* (de GRECO-LONGO 2002, p. 98).

9) Reconstrução virtual do *Heraion* I na foz do rio *Silaris* (atual Sele); fase de c. 500 a.C. (de GRECO-FERRARA 2002, p. 19).

10) Métopa com *Herakles* que mata o gigante *Alcyoneus* (de CARPICECI-PENNINO 1992, pp. 86-87).

11) Métopa com *Herakles* carregando os *Cercopes* (de CARPICECI-PENNINO 1992, pp. 86-87).

12) Vista panorâmica da atual cidade de *Agropoli* e seu castelo (de *Paestum* 2004, p. 18).

13) Vista aérea dos templos de *Poseidonia* (de CARPICECI-PENNINO 1992, p. 15).

14) *Heraion* II, vista lateral, a Sul; c. 540-530 a.C. (de CARPICECI-PENNINO 1992, p. 33).

15) *Athenaion*, a Norte; c. 510-500 a.C. (de CARPICECI-PENNINO 1992, p. 75).

16) Templo de divindade anônima (*Zeus, Apollon ou Poseidon*?), ao lado do *Heraion* II, lado posterior e lateral; c. metade do V séc. a.C. (de CARPICECI-PENNINO 1992, 49).

17) Mesmo templo de divindade anônima, vista frontal (de CARPICECI-PENNINO 1992, p. 46).

18) *Paestum* – AE/*Sextans*; c. 218-201 a.C., ficha n. 6 (Coleção MHN).

19) *Paestum* – AE/*Sextans*; c. 218-201 a.C., ficha n. 7 (Coleção MHN).

20) *Paestum* – AE/*Triens*; c. 218-201 a.C., ficha n. 8 (Coleção MHN).

21) *Paestum* – AE/*Semis*; c. início do II séc. a.C. (Torelli) ou início do I séc. a.C. (HNI), ficha n. 9 (Coleção MHN).

22) Planta e foto atual do chamado "Templo de *Mens Bona*" (de GRECO-LONGO 2002, p. 55).

23) Planta do Fórum de *Paestum*, a Sudeste o *Macellum* à direita da Basílica (de GRECO-LONGO 2002, p. 48).

24) *Paestum* – AE/*Semis*; c. metade do I séc. a.C., ficha n. 10 (Coleção MHN).

25) *Paestum* – AE/*Semis*, c. metade do I séc. a.C., ficha n. 11 (Coleção MHN).

26) *Paestum* – AE/*Semis*; c. final do I séc. a.C., ficha n. 12 (Coleção MHN).

27) Restituição gráfica e foto atual do interior e da fachada da Basílica (de GRECO-LONGO 2002, p. 62).

Lundy

Reynaldo Mobaid

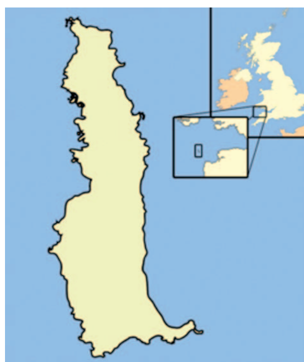


1 Puffin 1929 Bronze cat.: X#Tn2

Muitos já viram esta moeda em leilões e encontros numismáticos. Mas, será que todos sabem do por que desta emissão de 1929? Este artigo é sobre esta Ilha Britânica chamada **Lundy**.



Lundy é a maior ilha do Canal de Bristol, nas Ilhas Britânicas, e é administrada pelo Condado de Devon. Está localizada a 19 km ao noroeste de Hartland Point (Devonshire) e tem uma área de 4,24 km². Segundo dados obtidos de sua população, cerca de 30 pessoas moram na ilha de Lundy (dados de 2007 contavam 28 residentes).



Como qualquer parte do território Britânico, Lundy tem muitas histórias. Evidências de que os Cavaleiros Templários estiveram na ilha são escassas, mas estão claramente documentadas. Também houve períodos de anarquia com a participação de piratas ingleses e estrangeiros. A pirataria era abundante no fim do século 18th e início do século 19th e este foi um período de muita ilegalidade em Lundy, que notadamente passou a abrigar condenados e piratas que para lá foram deportados. A partir de 1830, no entanto um ar de respeitabilidade e decência se instalou em Lundy.

Esta ilha foi comprada em 1836 por William Hudson Heaven. Muitas das construções da ilha, incluindo o início das obras da igreja de St. Helena, são desse período.

Com o colapso do mercado de açúcar (William Hudson Heaven tinha vários negócios e plantações de açúcar na Jamaica), sua família foi obrigada a fazer de Lundy sua principal morada no início de 1840. William Heaven manteve ainda algumas propriedades fora da ilha em ordem.

Todos sabiam que ele como proprietário rural defendia vigorosamente privilégios extra-territoriais para Lundy. Essa defesa incluía insistentemente a sua qualificação como detentor de poder de voto e sua posse da propriedade da ilha. Não é surpresa que a ilha se tornou conhecida como “Kingdom of Heaven”.

William Heaven foi sucedido pelo seu filho o Reverendo Hudson Grosset Heaven que pode concluir a ambição da sua vida de construir uma igreja de pedra na ilha. A igreja de St. Helena foi terminada em 1896.

Era sabido que ele tinha dinheiro para construir um porto novo ou uma igreja. Ele escolheu a igreja, no entanto essa não era a melhor escolha financeira para a ilha.

A inviabilidade do restabelecimento da saúde financeira da família veio junto às suas decisões desastrosas de investimentos e especulações no princípio do século XX, lhes causando dificuldades financeiras ainda mais severas.

Hudson Heaven morreu em 1916, e foi sucedido pelo seu sobrinho, Walter Charles Hudson Heaven.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, as economias se deterioraram seriamente e, em 1918, a família foi forçada a vender a ilha, recebendo menos do que os débitos e as hipotecas acumuladas. A bancarrota seguiu, e Walter Charles emigrou para a Austrália. Era um homem quebrado.

A família Christie possuiu a ilha apenas por poucos anos antes de vender em 1924 para **Martin Coles Harman**. O milionário homem de negócios, nascido em 1885 em Sussex, comprou a ilha de Lundy, fechando o acordo em outubro de 1924, pagando a quantia de £ 16,000 Libras e logo após, se auto proclamou "rei".

Devido ao declínio da população e na falta do interesse no contrato do correio, o serviço deixou de ser feito no fim de 1927. Nos anos seguintes o "Rei" Harman emitiu uma série de selos postais particulares, com um valor expresso em "Puffins".

Harman também cunhou dois tipos de moedas, uma de ½ puffin (Half Puffin) e de 1 Puffin, valores de 1929, nominalmente equivalente ao Halfpenny e o Penny Britânico. E foi esta cunhagem que lhe rendeu alguns problemas. A Casa dos Lordes, em 1931, o acusou de violação da Lei de cunhagem do Reino Unido de 1870 (the United Kingdom's 1870 Coinage Act). Ele foi considerado culpado e foi multado em £ 5 (five pounds) mais despesas legais(totalizando 5 pounds e 15 guineas).

Sua multa foi meramente simbólica ainda mais por se tratar de um milionário como Harman, mas ele teve de "retirar de circulação" suas "moedas". Essas "moedas" foram recolhidas e se tornaram peças para colecionadores.

Mas seus problemas estavam apenas começando. Após um período de grande turbulência financeira e da "Quebra da Bolsa de Nova York" em outubro de 1929, ele foi declarado falido em 1932 e detido em 1933-34 por fraude corporativa.

Embora a Ilha de Lundy fosse governado como um feudo virtual, seu proprietário nunca reivindicou ser independente do Reino Unido. Sendo assim este diferiu do termo micronação.



1 Puffin 1965 Nickel-Brass cat.: X#Tn6 (restrike)



1 Puffin 1965 Bronze cat.: X#Tn4 (restrike)

No bordo das moedas de Lundy contém a inscrição “LUNDY LIGHTS AND LEADS” uma referência à ilha de dois faróis. Foram cunhadas 50 mil moedas de 1 Puffin e o mesmo número para as moedas de ½ puffin . Foram feitas em bronze por John Pinches, um medalhista britânico da época.

Em 1965, fizeram uma recunhagem (“fantasy restrike”) das moedas de Lundy em diferentes metais, algumas em ouro, para as comemorações de 40 anos desde que Harman adquiriu a ilha. Ele morreu em 1954.

Em 1969, outro milionário chamado Jack Hayward compra a ilha por £150,000 Libras e doa esta para o povo britânico.

Apesar das moedas cunhadas por Martin Coles Harman serem consideradas ilegais pela coroa Britânica, elas acabaram adquirindo um valor sentimental pelos habitantes que continuaram a utilizá-la e a peça se tornou de imediato uma rara curiosidade numismática.

A impressão dos selos de Lundy de valores em “Puffin” continua até hoje. Eles são apenas obrigados a colocar o selo no lado inferior e a esquerda do envelope de modo que os escritórios dos correios do continente os possam processar e despachar corretamente. Este selo é conhecido pelos filatelistas como “local carriage label”.

A maioria dos residentes vive ao redor de um povoado mais ao sul. A maioria dos visitantes são excursionistas por um dia, ainda que há 21 propriedades vacacionais e um acampamento para visitantes, também localizados na sua maioria ao sul da ilha.

Residentes da ilha não pagam impostos para o Reino Unido. Os visitantes passam por uma fiscalização alfandegária quando viajam para Lundy.

A ilha mantém dois faróis em áreas de proteção ambiental para pássaros, e que se tornaram atração turística. Em 2005, através de uma votação de opinião pública feita pela *Radio Times*, Lundy foi nomeada umas das dez maiores maravilhas da Grã-Bretanha por conta de sua beleza natural. Esta foi designada como um lugar de especial interesse científico. Também existe na ilha, um sitio arqueológico e antigas sepulturas.



Papagaio-do-mar ou Puffin (Fratercula arctica)



½ Puffin 1965 Nickel-Brass cat.: X#Tn5 (restrike)



½ Puffin 1929 Bronze cat.: X#Tn1

Referências

1. Bruce, Colin R. Unusual World Coins. 2nd. Edition. Krause Publications.. P.150.
2. Lundy Field Society 40th Annual Report for 1989. Pp. 34 - 47.
3. Matthews, David (May 1999). “Eccentric Issues”. *Coin News*: p.41.

As Moedas de Olímpia Emitidas da Época Clássica (parte 1)

Lilian de Angelo Laky

Os tipos monetários de Zeus

Ao realizarmos o estudo acerca do contexto histórico das séries monetárias do santuário de Olímpia percebemos que esta importante documentação, a qual pode revelar a magnitude do festival pan-helênico sobre o mundo grego, foi pouco estudada pelos numismatas, arqueólogos ou historiadores ao longo da história.

O primeiro a estudar de forma sistemática as moedas de Olímpia foi o numismata inglês Charles T. Seltman. Este estudioso catalogou durante oito anos cerca de 850 estáteres de prata de Olímpia presentes nas coleções dos museus das cidades de Atenas, Berlim, Brighton, Bruxelas, Budapeste, Cambridge, Copenhagen, Glasgow, Haia, Londres, Milão, Munique, Nápoles, Nova Iorque, Paris, São Petersburgo, Estocolmo, Viena e além, também, de peças presentes em coleções particulares. O estudo de Seltman, *The Temple Coins of Olympia*, foi finalizado após o término da Primeira Guerra Mundial tendo sido publicado no ano de 1921 pela editora Cambridge University Press.

Atualmente, esta obra tornou-se um clássico entre os estudos de numismática antiga e, desse modo, também, uma referência para os historiadores e arqueólogos que pesquisam o santuário de Olímpia.

A obra mais recente a tratar sobre o assunto foi escrita pelo numismata inglês Colin M. Kraay, *Archaic and Classical Greek Coins* (1976), referência para todo pesquisador de numismática grega. No capítulo *Peloponeso*, Kraay destinou um subcapítulo ao tema de Élis, portanto, às moedas de Olímpia, pois esta localidade cunhou, com certa regularidade, uma das maiores emissões monetárias do Peloponeso. (KRAAY, 1976: 103) Para escrever este subcapítulo o autor fundamentou-se, basicamente, na obra de C. T. Seltman.

Assim, à medida que empreendemos a leitura da bibliografia disponível, notamos que os estudos existentes já realizados sobre este assunto apenas repetem a primeira abordagem sobre o tema,

escrita na década de 20 do século XX de *The Temple Coins of Olympia*. Tal constatação nos permite pensar que o estudo, acerca das moedas de Olímpia, permanece aberto a novas pesquisas que se baseiem no pensamento arqueológico atual e, também, nos novos estudos sobre o santuário de Olímpia.

Histórico das moedas

Conforme nos diz Seltman (1921: 1), as emissões monetárias de Élis iniciaram-se em 470 a.C., após a fundação desta pólis em c. 471 a.C. (Diodoro, XI, 54). Através das fontes textuais e arqueológicas, sabemos que a cidade de Élis desde a organização dos jogos olímpicos, foi responsável pela administração do santuário de Olímpia ao longo do século V e IV a.C., perdendo este controle apenas por um curto período no século IV a.C. para a cidade de Pisa, como veremos mais adiante. Assim, foi após se constituir como pólis, que a cidade de Élis iniciou sua cunhagem. Como sabemos, as póleis gregas, à medida que criaram sua autonomia, emitiram moedas para suas necessidades organizacionais, além disso, também, sabemos que as moedas serviam como emblemas cívicos dessas cidades. Nesse sentido, é interessante notar que Élis não cunhou moedas para sua própria cidade, mas sim para o santuário de Olímpia. Talvez a explicação para este fenômeno esteja no fato de que, devido ao grande fluxo de peregrinos que provinham de toda parte do mundo grego para participar e assistir aos jogos, a cidade de Élis em relação à Olímpia era pouco visitada, pois era distante 22 milhas do santuário e a urgência de uma moeda corrente para a ocasião dos jogos havia se tornado necessária. (SELTMAN, 1921: 2)

A função da moeda em Olímpia permanece ainda pouco conhecida. Na verdade, há muitas divergências, entre os estudiosos, sobre este assunto. O primeiro a estudar o tema, Seltman, postulou que as moedas eram cunhadas por sacerdotes no templo de Zeus. Para este autor, ao entrar no santuário cada visitante deveria trocar seu dinheiro pelo dinheiro local, ou seja, pelas moedas de Olímpia. Seltman chegou a propor que as moedas emitidas por Élis, para o santuário, poderiam ter servido de souvenir para os peregrinos. O arqueólogo inglês Norman Gardiner escreveu um vasto estudo sobre o santuário de Olímpia e os jogos olímpicos, chamado *Olympia its History and Remains* (1925). Em seu livro, N. Gardiner tece uma crítica acerca das suposições de C.T Seltman sobre a função das moedas de Olímpia. O arqueólogo inglês não acredita na existência

de um templo dedicado às cunhagens tampouco na idéia de que cada visitante tivesse que trocar seu dinheiro pelo dinheiro local ou que as moedas de Olímpia servissem como souvenir para os visitantes.

Entretanto, as formulações de Seltman não são impossíveis de serem pensadas na órbita trans-regional dos jogos olímpicos. Se lembrarmos que em cada póleis grega havia uma banca de câmbio chamada *trapeza*, onde o *trapezites* efetuava a troca do dinheiro de outra localidade pelo dinheiro local, podemos supor que em Olímpia, freqüentada por gregos de diversas origens, teria sido necessário várias *trapeza* para a troca das moedas. Quanto à questão do souvenir, colocada pelo autor, não é difícil, também, de pensarmos que os visitantes, ao término de cada sucessivo festival, levassem consigo algumas moedas cunhadas em Olímpia pela simples razão de serem notáveis por sua beleza artística e por carregarem a efígie de Zeus, o deus mais importante do período. Ora, como veremos, foram encontrados tesouros monetários contendo moedas de Olímpia desde o Peloponeso até a Macedônia e as Cíclades. Assim, embora seja possível supor muitas funções para estas moedas, o tema permanece em aberto e, na verdade, não sabemos como essas moedas atuavam internamente no santuário durante e depois do festival olímpico. Dessa forma, apesar de Seltman ter contribuído na década de 20, do século passado, com o único conhecimento que temos disponível hoje sobre as moedas cunhadas por Élis para os jogos olímpicos, a função destas moedas permanece como uma lacuna na história grega antiga.

Como vimos, o início da cunhagem em Olímpia ocorreu após a fundação (471 a.C.) da pólis de Élis em 470 a.C. Se observarmos atentamente o contexto histórico deste período devemos pensar que estas primeiras moedas foram batidas cerca de oito anos depois do término das Guerras Pérsicas (490-479 a.C.) Nesta época, o mundo grego estava se reorganizando a partir dessas guerras. Assim, as primeiras emissões monetárias de Olímpia ocorreram no contexto da formação da helenidade e do pan-helenismo. Por isso, acreditamos que estudar essas moedas devem ser estudadas à luz da contribuição dos jogos olímpicos na formação desta identidade.

A primeira emissão monetária de Olímpia datada de 470 a.C. foi cunhada no intervalo entre a 77ª. Olimpíada, ocorrida em 472 a.C., e a 78ª. Olimpíada, em 468 a.C. No anverso das moedas **(fig.1)** desta série monetária (grupo B - série 5)[1], encontramos a águia voando e

[1] Esta nomenclatura indica a classificação de Seltman.

carregando uma serpente no bico. Segundo Seltman (1921: 19-20), o estilo do desenho da águia possui influência da arte egípcia. O reverso destas moedas possui a figura de Zeus nu em pé, atirando um raio com a sua mão direita e segurando no braço esquerdo a águia pronta para voar. A imagem de Zeus nesta peça, segundo Seltman, pode ser uma cópia da famosa estátua de ouro esculpida por Aristonoos, durante o século VI a.C. No reverso, estas peças possuem a inscrição ΟΛΥΠΙΙΚΟΝ̣, que pode ser lida como "dos (jogos) olímpicos".



1

A próxima emissão monetária de Élis para o santuário de Olímpia iniciou-se no ano da 82ª. Olimpíada, em c. 452 a.C. As últimas moedas desta emissão foram cunhadas em c. 432 a.C., no ano da 87ª. Olimpíada. Se observarmos o contexto histórico deste período, percebemos que essas moedas foram emitidas durante a época de maior prosperidade da Grécia antiga. Podemos dizer que este foi o intervalo entre o período pós Guerras Pérsicas - caracterizado pela reorganização do mundo grego - e o início da Guerra do Peloponeso, em c. 431 a.C. Assim, entre o período de c. 452 a.C. e c. 432 a.C. o mundo grego esteve em relativa paz e o santuário de Olímpia, aberto a todos os gregos, foi considerado o centro da Hélade.

Esta emissão, cunhada no santuário entre c. 452 a.C. e c. 432 a.C., possui duas séries monetárias, cujas moedas possuem três tipos monetários de Zeus diferentes entre si. Na primeira destas séries (grupo C – série 19) o anverso das moedas mostra a águia de frente com as asas abertas carregando uma tartaruga pelas garras. No reverso destas moedas podemos observar a imagem de Zeus nu em pé à direita atirando um raio com a mão direita e segurando no braço esquerdo a águia pronta para voar. A inscrição permanece a mesma: ΟΛΥΜΠΙΚΟΝ, "dos (jogos) olímpicos". Conforme notou C.T. Seltman (1921: 32), a figura de Zeus no reverso deste exemplar é uma restituição do tipo monetário cunhado na emissão anterior. O estudioso

observou, também, uma mudança na imagem de Zeus desenhada na moeda. A anatomia do deus, embora exagerada, não é mais de um ídolo primitivo de madeira. De acordo com C. M. Kraay (1976: 105), a imagem de Zeus *Keráunios* (que lança raios), nas moedas desta série monetária, pode ser uma reminiscência do culto arcaico deste deus em Olímpia, pois foi descoberto no santuário um grande número de estátuas votivas deste padrão de representação de Zeus.



2

Segundo o numismata inglês, o culto destas estátuas votivas pode ter sido substituído, posteriormente, pelo culto à estátua de Zeus Olímpico feita pelo escultor ateniense Fídias em c. 430 a.C.

Na segunda série monetária (grupo C – série 11), Zeus passou a ser representado, no anverso, sentado no trono à esquerda segurando um cetro com a mão esquerda e a águia voando próximo ao braço direito. No reverso desta peça, Nike, a deusa da vitória, aparece sentada à esquerda com suas asas abertas e segurando um cetro com a mão direita. O reverso, também, possui uma inscrição: A / F.

A imagem de Zeus sentado no trono, no anverso desta peça, seria uma cópia do tipo monetário de Zeus presentes nas moedas da Liga Arcádia **(fig.3)** cunhadas, pela cidade de Cleitor, entre o período de c. 480 a.C. a c. 450 a.C. (SELTMAN, 1921: 35)



3

Segundo nos diz Seltman (1921: 33) o escultores, dos pedimentos e das métopas do templo de Zeus, teriam influenciado os artistas gravadores dos cunhos desta emissão. Tal influência teria gerado uma nova escola de arte no local.

Nesta mesma série monetária (grupo C – série 11), encontramos a terceira imagem monetária de Zeus **(fig. 4)**, conforme dissemos anteriormente. Neste caso, a imagem de Zeus permaneceu gravada no anverso da moeda. Assim, o deus passou a ser representado sentado numa rocha à esquerda; sobre seu braço direito estendido encontra-se a águia voando e sob este mesmo braço, o cetro. Com relação à imagem de Zeus nestas moedas, Seltman não realizou nenhum comentário significativo acerca da mudança da imagem de Zeus nestas moedas. O estudioso apenas notou que este novo tipo de Zeus desta série teria sido desenhado por um outro artista. Ao observarmos a representação de Zeus, notamos uma mudança no estilo do desenho em relação aos tipos monetários de Zeus descritos anteriormente. Nesta moeda, portanto, a imagem de Zeus perde a rigidez tão característica da arte arcaica grega e o deus passa a ser representado com maior naturalidade em uma posição menos estática. Percebe-se, portanto, nesta peça uma proximidade maior do desenho ao estilo clássico de representação da figura humana. No reverso desta moeda podemos ver a águia voando horizontalmente e carregando uma serpente.



4

Em 431 a.C. teve início a guerra entre Atenas e Esparta, conhecida na história como a Guerra do Peloponeso. Com a guerra, a cidade de Élis formou uma aliança com a cidade de Esparta. Nesse sentido, como Élis era nesta época administradora do santuário, os atenienses e seus aliados na guerra foram excluídos do acesso total ao Altis, o bosque sagrado de Olímpia. A Guerra do Peloponeso provocou a diminuição da cunhagem de moedas em Olímpia durante os dez primeiros anos. O restabelecimento das emissões monetárias no santuário ocorreu com a Paz de Nícias em 421 a.C., quando Élis abandonou a aliança com a cidade de Esparta, formando uma aliança com Atenas, Argos e Mantinéia. Com a Paz de Nícias, o santuário voltou a ser aberto a todos os gregos e como resultado a cunhagem neste período dobrou. (SELTMAN, 1921: 52)

Durante esta fase, a imagem de Zeus deixou de ser utilizada nas moedas de Olímpia. Nas moedas deste período encontramos gravadas as imagens da águia, do raio alado ou de Nike.

A imagem de Zeus voltou a ser utilizada nas moedas (grupo E – série 16) em c. 416 a.C. Entretanto, pela primeira vez, as autoridades emissoras ou o artista escolheu representar a cabeça do deus **(fig. 5)**. Assim, no anverso destas moedas podemos observar a cabeça de Zeus com coroa de folhas de oliveira, cabelos curtos encaracolados e barba. C.M. Kraay (1976: 105) diz que, esta cabeça de Zeus, pode ser uma referência a estátua de Zeus Olímpico de Fídias. Já C.T. Seltman não destinou explicações a esta imagem.

O reverso desta moeda mostra a imagem do raio alado de Zeus com a inscrição: F / A. De acordo com Seltman (1921: 52), o raio alado rodeado por uma coroa de folhas de oliveira tem a forma de uma mosca. As asas, as pernas e o final do abdômen são características deste inseto. O estudioso interpretou a associação do raio à mosca, ao culto do antigo deus arcádio chamado *Myiargos, Myiódis* ou *Apómyios*. Para ele, a imagem do raio alado seria resultado de uma antiga sobreposição do culto do antigo deus arcádio que, mais tarde, foi assimilado ao culto de Zeus na região.



5

Apesar do estudo de Seltman tratar largamente da interpretação do raio e independentemente desta interpretação apresentar ou não viabilidade, sobre a primeira representação da cabeça de Zeus, não há nesta obra qualquer comentário. E note-se que esta é a primeira cabeça de Zeus que aparece em moedas de Élis e a primeira cabeça de Zeus a ser representada em uma moeda grega.

Como vimos, em 421 a.C. Élis abandonou a aliança com Esparta e formou uma aliança com Atenas, Argos e Mantinéia. Em 399 a.C. os espartanos, sob o reinado de Agis, invadiram o território de Élis e uma batalha ocorreu dentro do santuário de Olímpia. Após esse episódio a cidade de Élis teria sido forçada a aliar-se, novamente, a Esparta. E esta aliança não foi desfeita até a Batalha de Leuctras, em 371 a.C., quando Esparta foi derrotada pela cidade de Tebas numa disputa pela hegemonia da região.

Devemos lembrar que a imagem de Zeus não era a única imagem de uma divindade olímpica a circular nas moedas de Olímpia deste período. Em c. 400 a.C., Élis passou a adotar uma emissão paralela à de Zeus. Nesta emissão a deusa Hera, esposa de Zeus, passou a ser representada no anverso das moedas. Entretanto, as emissões com a cabeça de Hera foram menos numerosas do que aquelas com a cabeça de Zeus. (GARDINER, 1925: 124)

O próximo momento de crise na administração de Élis ocorreu em 365 a.C. Os arcádios, em expansão territorial, invadiram o território sagrado de Olímpia e dominaram o Altis. Como resultado desse acontecimento, os arcádios se uniram a outros povoados ao redor de Olímpia e formaram uma comunidade que recebeu o nome de Pisa. Dessa forma, Pisa tornou-se a nova administradora do santuário e realizou a 104ª. Olimpíada em 364 a.C. Como resultado dessa nova administração, Pisa produziu uma emissão de moedas (grupo F série 19) de ouro **(fig. 6)**, em cujo anverso está representada a cabeça de Zeus à esquerda com coroa de folhas de oliveira, cabelos curtos encaracolados e barba. No reverso destas moedas podemos observar o raio alado acompanhado pela inscrição: Π Ι ΣΑ



6 (X3)

O término da administração de Pisa no santuário de Olímpia ocorreu em 363 a.C., quando a cidade de Mantinéia protestou contra os saques do tesouro do templo de Zeus realizados para pagar as tropas arcádias, que guarneciam o santuário. Dessa maneira, a Liga Arcádia teria estabelecido neste ano a paz com Elis retirando as tropas arcádias de Olímpia. Foi neste processo, portanto, que a cidade de Élis retomou o controle da organização dos jogos olímpicos. (SELTMAN, 1921: 55)

A cidade de Élis voltou a emitir estateres de prata (grupo G – série 20) no santuário de Olímpia em c. 360 a.C. No anverso destas moedas **(fig. 7)**, está representada a cabeça de Zeus à esquerda com coroa de folhas de oliveira, cabelos curtos encaracolados e barba. A imagem do deus vem acompanhada pela inscrição: F ΑΛΕΙΟΝ. Conforme interpretou Seltman (1921: 62), o gravador desta cabeça de Zeus estaria influenciado por uma nova concepção do deus ocasionada pelo ideal da estátua de Fídias. No reverso destas moedas está representada a águia à direita com as asas fechadas sentada sobre a coluna de um capitel jônico.



7

Nesta mesma série monetária, Élis emitiu uma moeda **(fig. 8)** com a mesma cabeça de Zeus presente no anverso, porém, no reverso, ao invés da águia do tipo anterior, foi escolhida a representação da cabeça da ninfa Olímpia à direita, utilizada pela primeira vez nas moedas de Élis e a inscrição ΟΛΥΜΠΙΑ̃ Nesta peça, Seltman (1921: 62) observou uma mudança na epigrafia. A inscrição F ΑΛΕΙΩΝ̣presente no anverso da moeda, até o tipo monetário anterior era inscrita com a letra grega omicron (O) a partir deste exemplar a moeda passou a circular com a letra grega omega (Ω).

Neste caso, a inscrição FΑΛΕΙΩΝ̣e ΟΛΥΜ Π Ι Α̣pode ser compreendida como “Olímpia pertence à Élis”. (KRAAY, 1976: 106)



8

Ao contrário das moedas anteriores, datadas em um ano específico, c. 360 a.C., os próximos tipos monetários cunhados em Olímpia por Élis foram emitidos entre 360 e 343 a.C. (grupo G – série 20 e 21). A partir deste período a cabeça laureada de Zeus tornou-se a imagem utilizada no anverso e, a águia, a imagem usada para o reverso.

Nesta fase, 360 a 343 a.C., as póleis gregas entraram no processo de perda de autonomia devido, entre outros motivos, à influência do poder de Felipe II, rei da Macedônia, sobre o mundo grego.

A primeira moeda emitida nesta série (grupo G – série 20) e neste contexto possui, no anverso, a cabeça de Zeus à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos curtos encaracolados e barba. No reverso o tema permaneceu o mesmo, ou seja, a águia à direita com as asas fechadas sentada sobre a coluna de um capitel jônico. O desenho da águia no reverso está acompanhado pela inscrição: F / A. Seltman não escreveu comentários sobre o tipo de Zeus presente no anverso desta peça. Talvez possamos dizer que a imagem de Zeus seja uma continuidade das imagens deste deus nas moedas descritas anteriormente.

Ainda nesta fase, a cidade de Élis emitiu um tipo monetário muito semelhante aos últimos descritos, porém a posição da cabeça de Zeus e a posição da águia foram alteradas assim como a inscrição. Então, no anverso desta moeda podemos ver a cabeça de Zeus à esquerda com coroa de folhas de oliveira, cabelos curtos encaracolados e barba. O reverso possui o desenho da águia à esquerda com as asas fechadas e sentada sobre a coluna de um capitel jônico. Ao redor da imagem da águia podemos ler a inscrição: FΑΛΕͅ ΙΩΝ. Segundo Charles Seltman (1921: 62), a imagem da cabeça de Zeus no anverso desta peça representaria a antiga concepção de Zeus como “pai dos deuses e dos homens”. O estudioso disse, também, que a imagem do deus não possui o traço arcaico dos últimos três tipos monetários de Zeus.

Assim, notamos uma transformação na representação de Zeus, na última moeda descrita nesta série (grupo G – série 20). No anverso desta peça a cabeça laureada de Zeus aparece à direita e com a barba, como de costume. A mudança, porém, ocorreu quanto ao cabelo que passou a ser comprido e ondulado. No reverso desta moeda podemos observar a águia à direita com as asas fechadas e sentada sobre a coluna de um capitel jônico. A imagem da ave vem rodeada pela inscrição: FΑΛͅ / ΕΙΩΝ.

Seltman comparou a imagem desta cabeça de Zeus com os tipos monetários de Zeus emitidos pela Liga Arcádia, no Peloponeso, por volta de 364 a.C. De acordo com este autor, os estáteres da Liga Arcádia **(fig.9)** nos mostram a justaposição dos dois tipos: o velho e o novo, o severo, mais austero, e o Zeus leonino (SELTMAN, 1921: 62-63).



9

Ainda entre estas datas, c. 360 a c. 343 a.C., Élis emitiu uma nova série monetária (grupo G – série 21). No anverso, da primeira moeda **(fig. 10)** desta série, a imagem de Zeus voltou a ser gravada com os cabelos curtos, porém ligeiramente lisos. Assim, podemos observar a cabeça de Zeus à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos curtos quase lisos e barba. No reverso, a águia foi desenhada virada à direita com as asas fechadas e sentada sobre a coluna de um capitel jônico; lê-se uma inscrição: F/A/K/P.



10

No próximo tipo monetário desta série (grupo G – série 21), não houve uma mudança na representação da imagem do deus. Notamos, apenas, uma alteração nos traços da imagem, que pode indicar a mudança do artista responsável pela gravação do desenho. Portanto, no anverso desta moeda **(fig. 11)** a cabeça de Zeus à direita, com



11

coroa de folhas de oliveira, permaneceu com cabelos curtos, ligeiramente lisos e barba. No reverso, está a águia à direita com as asas fechadas e sentada sobre a coluna de um capitel jônico. A inscrição é a mesma do tipo anterior: F/A/K/P.

Os próximos três tipos monetários de Zeus pertencentes à mesma série (grupo G – série 21) voltaram a trazer no anverso a imagem do deus com cabelos longos. O tipo de Zeus com cabelos curtos não voltou a ser utilizado nas moedas do santuário. Uma alteração ocorreu apenas em relação à ave de Zeus. Então, no anverso da primeira moeda **(fig. 12)**, está a cabeça de Zeus à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos longos ondulados e barba. No reverso, está a águia virada à direita com as asas fechadas e sentada sobre a cabeça de um carneiro. Junto à ave podemos ler a inscrição: F/A/K/P.



12

Na segunda moeda **(fig. 13)**, o anverso permanece o mesmo. Como dissemos a alteração na representação ocorreu com a águia no

reverso. A ave está virada à direita com as asas fechadas e sentada sobre a coluna de um capitel jônico. Abaixo da inscrição A está posicionado, horizontalmente, um raio alado. Podemos visualizar a inscrição: F/A.



13

Finalmente, temos a terceira moeda, em cujo anverso não ocorreu uma modificação na imagem de Zeus. A imagem da águia no reverso também continuou a mesma, apenas o raio alado que neste caso aparece verticalmente e não horizontalmente como no tipo anterior.

Portanto, a última descrição encerra as duas longas séries monetárias (grupo G –séries 20 e 21) classificadas por C.T.Seltman e que foram cunhadas, por Élis, entre 360 e 343 a.C. Os próximos dois tipos monetários de Zeus selecionados para este estudo, foram emitidos entre 343 e 323 a.C., quando a influência do poder Macedônio sobre o mundo grego aprofundara-se.

Neste período, o santuário de Olímpia encontrava-se em declínio. Em 336 a.C., Alexandre, O Grande sucedeu seu pai, Felipe II, no trono macedônio iniciando uma nova ordem no mundo antigo. Neste contexto, Olímpia que durante o século V a.C. era o centro religioso do mundo grego passou a perder sua importância inicial. Nesta época, também, ocorreu nos jogos olímpicos uma mudança no espírito de competição ocasionada pelo atletismo profissional.

Assim, na primeira das moedas desta série (grupo H – série 22), o anverso permaneceu o mesmo, ou seja, a cabeça de Zeus à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos longos ondulados e barba. No reverso, a águia continuou a ser representada da mesma forma, ou seja, virada à direita com as asas fechadas, porém ao seu lado esquerdo o artista desenhou uma serpente e ao lado direito, verticalmente, um raio alado. A ave vem acompanhada pela inscrição: F/A/H/P.

No segundo tipo monetário **(fig. 14)** o anverso e o reverso permaneceram os mesmos, porém ocorreu apenas uma mudança na inscrição: F/A/H.



14

Este modelo de cabeça de Zeus figurado nestas duas últimas moedas, teria sido copiado por Alexandre I, filho de Neoptolemo, rei do Épiro, em suas moedas. Mas nestas, o Zeus representado seria o de Dodona (Seltman, 1921: 65-66) **(fig.15)**.



15

Da mesma forma, Felipe II teria copiado a cabeça laureada de Zeus em suas moedas **(fig.16)**. Kraay acredita que (1976: 107) as cabeças de Zeus nos tetradracmas de prata foram adotados por Felipe II não apenas em comemoração à sua vitória na 106ª. Olimpíada, em 356 a.C., mas como expressão deliberada de sua hegemonia na Grécia.



16

A última série monetária da época clássica pertence ao grupo J – série 23. Essa moeda **(fig. 17)** foi cunhada em 323 a.C. no ano da morte de Alexandre, O Grande. No anverso vemos a cabeça de Zeus

à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos espessos, longos, ondulados e barba. No reverso, a águia está virada à direita com as asas fechadas. Ao lado direito da ave aparece uma coroa de folhas de oliveira e, ao lado esquerdo, um raio alado. Ao redor da águia podemos ver as letras: FA / A PI.



17

Esta moeda foi escolhida para este estudo, pois, além de ter sido cunhada na data que representa o fim do período clássico (323 a.C), ela pertence à última série cunhada neste período. Seltman diz que as cunhagens em Olímpia teriam cessado devido ao controle macedônio do santuário. A próxima cunhagem em Olímpia ocorreu apenas em 271 a.C., em época helenística.

Bibliografia

KRAAY, C. M. *Archaic and Classical Greek Coins*. Methuen: Londres, 1976.

SELTMAN, C.T. *The Temple Coins of Olympia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1921.

http://www.s110120695.websitehome.co.uk/SNG/sng_search2.html

Ebay e a pilhagem ilegal de antiguidades

Steven D. Levitt



Os arqueólogos frequentemente se preocupam com saques, e com boa razão. Artefatos roubados de locais históricos alcançam altos preços no mercado negro, o que dá aos saqueadores fortes incentivos para roubarem esses itens.

O surgimento do site de leilões da web eBay, portanto, foi um pesadelo para aqueles que se preocupam com a pilhagem. A redução dos custos de transação e o aumento da liquidez do mercado certamente levariam a mais saques, raciocinaram. O impacto do eBay em outros mercados, como cartões de beisebol e bonecas, naturalmente também afetaria as antiguidades... ou será que não?

Em um resultado inesperado, aparentemente o eBay teve o efeito oposto na pilhagem. Parece que reduziu a prática, de acordo com artigo fascinante na mais recente edição da revista "Archeology". A razão: independentemente do impacto que o eBay possa ter tido no mercado de antiguidades, este foi minimizado pelo impacto que teve no mercado de falsificações. A avalanche de artefatos falsos afetou o comércio de antiguidades, com os itens de baixa qualidade expulsando os itens de alta qualidade.

Além disso, a expansão do mercado deu aos falsificadores maior incentivo para investirem em trabalhos de mais qualidade, aumentando a produção destes ao ponto que os especialistas hoje terem dificuldades em identificar as falsificações.

Como escreve o autor no artigo da “Archeology”, Charles Stanish: “Em uma loja de antiguidades em La Paz, recentemente vi quatro prateleiras de objetos de cerâmica supostamente de Tiwanaku (entre 1000 a.C. a 400 a.C.). Eu disse à proprietária que a maior parte era falsa, e ela ficou irritada e me chamou de mentiroso. Então, simplesmente apontei para um objeto de cada vez e disse “falso”, “verdadeiro de Tiwanaku”, “falso”, “falso feito por Eugenio de Fuerabamba”, e assim por diante. Ela fez uma pausa, pegou um dos que eu tinha chamado de verdadeiro e disse que também era falso. Eu a congratulei pela qualidade das falsificações, e ela simplesmente sorriu. Meu erro foi algo que a arqueóloga Karen Olsen Bruhns, da Universidade Estadual de San Francisco identificou como um verdadeiro problema: os especialistas que devem avaliar os objetos algumas vezes estão sendo treinados com falsificações. Como resultado, eles podem autenticar peças que não são verdadeiras.”

Mesmo que você não esteja interessado em antiguidades, suspeito que achará essa nota fascinante.

Essa importante matéria mostra a realidade que estamos passando na numismática mundial, com a invasão de falsificações.

Tradução: Deborah Weinberg

Fonte: http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/freakonomics/2009/05/13/ult3431u77.jhtm


A MAIS NUMEROSA E A
MAIS NOTAVEL COLLEÇÃO

NUMISMATICA BRASILEIRA

DE

PEDRO MASSENA

1912
J. R. DOS SANTOS
editor
R. S José, 32—Rio



NUMISMATICA BRASILEIRA

Uma collecção póde ser notavel pela qualidade dos exemplares que possue, em numero limitado. Mas, sem duvida, toda a collecção que excede a um certo numero de peças differentes, é uma collecção notavel.

A collecção cuja relação fazemos é valiosa não só pelas raridades que apresenta em quantidade, pelas preciosidades que encerra em porção ou pelo numero elevado de exemplares ineditos ou unicos que possue: os algarismos evidenciam, ao primeiro golpe de vista e aos mais desavisados no assumpto, a sua importancia extraordinaria.

Compare-se o seu total com o das collecções mais afamadas e mais ricas de numismatica brazileira: ficam aquem

delle todos os apresentados nas publicações — catalogos conhecidos, de collecções particulares, e as collecções officiaes, essas, soffrem, com o contraste, uma dolorosa inferioridade, de uma desproporção chocante.

Este valiosissimo conjunto de variedades do nosso meio circulante e do nosso medalheiro pertence ao Sr. Pedro Massena, residente em Barbacena, Minas Geraes.

Para melhor se avaliar o grande valor desta magnifica e riquissima collecção de moedas, medalhas e moeda papel, organizamos os dados synopticos da sua composição, com o agrupamento de exemplares por épocas e metaes.

MOEDAS

BRAZIL HOLLANDEZ

Ouro 1
Prata 1 2
Total.... 2

BRAZIL PORTUGUEZ

(1° trabalho monetario no Brazil)

Prata........................ 23

D. Pedro II:
Ouro 26
Prata 222
Cobre 35.................... 283

D. João V:
Ouro 78

Prata 30		
Cobre 177	....	285
D. José I:		
Ouro 75		
Prata 222		
Cobre 324	....	621
D. Maria I e D. Pedro III:		
Ouro 29		
Prata 75		
Cobre 146	....	250
D. Maria I:		
Ouro 33		
Prata 124		
Cobre 171	....	328
D. João Regente:		
Ouro 40 (inclusive tres barras)		
Prata 351		
Cobre 334	....	725
D. João VI:		
Ouro 7 (inclusive uma barra)		
Prata 204		
Cobre 900	....	1.111
	Total....	3.626

BRAZIL INDEPENDENTE

D. Pedro I:		
Ouro 5		
Prata 131		
Cobre 4.518	....	4.654
Carimbos da Independencia:		
Cobre	....	2

D. Pedro II:

Ouro	14		
Prata	149		
Cobre	404		
Nickel	57		
Bronze	35		
Estanho	17	(zinco e chumbo)	
Madeira	6		
Couro	5	....	687

Carimbos da Republica Riograndense:

Prata	1		
Cobre	1	....	2

Carimbos do Ceará:

Cobre........................ 22

Carimbos do Maranhão:

Cobre........................ 35

Carimbo geral de 10, 20 e 40 réis:

Cobre........................ 487

Carimbos de companhias e particulares:

Cobre	177		
Bronze	30	....	207

Discos, sem cunho, que correram como moeda:

Cobre........................ 14

Furadas para diversas applicações:

Cobre........................ 11

Total.... 6.121

REPUBLICA

Prata	47
Nickel	84

Bronze	44		
Estanho	26 (zinco e chumbo)		201

Emittidas por companhias ou por particulares:

Prata	5	
Cobre	68	
Bronze	163	
Zinco	67	
Ferro	20	
Aluminio	24	
Chumbo	4	
Couro	1..................	352
	Total....	553
	Total de moedas	10.302

MEDALHAS

BRAZIL HOLLANDEZ

Prata...............	11	
Cobre e bronze......	11	
Ferro...............	1	
Chumbo.............	1	24
	Total...	24

BRAZIL PORTUGUEZ

Prata...............	14	
Cobre e bronze......	52	
Estanho.............	2	
Chumbo.............	5	73

BRAZIL INDEPENDENTE

Primeiro imperio:		
Ouro e prata.........	5	
Prata................	5	
Cobre e bronze......	11	21
Segundo imperio:		
Ouro................	13	
Prata................	166	
Bronze..............	227	
Nickel...............	2	
Cobre................	385	
Estanho.............	29	
Zinco................	7	
Ferro................	5	
Aluminio............	2	
Madeira..............	21	857

REPUBLICA

Ouro................	12	
Prata................	242	
Cobre e bronze.....	504	
Estanho e chumbo...	29	
Aluminio............	77	
Diversos............	8	872

Religiosas

Ouro................	28	
Prata................	234	
Cobre e bronze......	1.347	
Aluminio............	206	
Estanho e chumbo...	31	
Diversos............	21	1.867
	Total....	3.714

N. B. — Collecionadores ha que incluem entre as profanas medalhas que são aqui classificadas.

MOEDA FIDUCIARIA

BRAZIL PORTUGUEZ

Bilhetes da Real Administração dos Diamantes, com base de ouro, 1773 e 1792...........	2
Bilhetes do ouro em pó, base de ouro	8
Notas do primeiro Banco do Brazil (1808)................	31
Guias para a circulação do ouro em barras	9
Vales manuscriptos (1768)....	8
Total....	58

BRAZIL INDEPENDENTE

Notas da Provincia da Bahia..	1
Cedulas e conhecimentos para o troco do cobre..............	151
Guias para circulação do ouro em pó......................	1
Notas do Thesouro Nacional...	266
Notas de diversos Bancos......	40
Notas da Caixa de Conversão.	8
Cautelas da Alfandega, troco ouro	
Cedulas emittidas pelos Estados.	22
Cedulas emittidas pelas Municipalidades....................	196

Emittidas por Companhias ou por particulares....................	689
Bilhetes de omnibus, barcas e bonds, que correram como dinheiro..........	162
Reclames em fórma de notas.	45
Fixas de clubs...............	29
Total....	1.669

Esta collecção foi a que mais concorreu para a publicação da obra de Julius Meili sobre moeda-papel—com 240 exemplares, quando as collecções do governo apenas concorreram com UM exemplar para a referida publicação.

Depois de publicada essa obra obtivemos cerca de 200 exemplares, que teriam sido incluidos na mesma por serem ineditos.

*
* *

Totaes

Moedas................	10.302
Medalhas...............	3.714
Moeda-papel...........	1.699
Todos differentes......	15.715
Duplicatas para trocos.	290
Total....	16.005

*
* *



Fazem ainda parte da collecção:

Publicações completas sobre numismatica brazileira;

Collecção de documentos (manuscriptos e impressos) sobre numismatica do Brazil;

Varios cunhos e um punção (para abrição daquelles), que serviram para a cunhagem da moeda de ouro em Villa Rica, no reinado de D. João V, o que prova — contra as affirmações de todos os escriptores — que os cunhos não eram abertos sómente em Lisboa, mas tambem no Brazil o que vem resolver varias duvidas da nossa numismatica;

460 taboleiros de madeira encerada e caprichosamente confeccionados e forrados, onde se acha acondicionada a collecção, de 20 X 27 centimetros.

*
* *

?E' por certo, desnecessario demonstrar o valor e a necessidade imprescindivel que temos desse material para estudo e esclarecimento da historia da nossa numismatica, visto ser o unico elemento seguro de que nos podemos servir para esclarecer tantas duvidas e erros da mesma, bastando dizer que todos os outros elementos que poderiam servir para esse fim, como cunhos, documentos, etc., foram destruidos por um incendio da Casa da Moeda, em 1836, não ficando, portanto, senão o que foi produzido nessa

Petition Crown

José Serrano Neto

Mesmo não sendo uma peça de circulação regular nem mesmo um ensaio oficial, a Petition Crown é uma peça emblemática, uma das mais valiosas e desejadas da coleção inglesa, por fazer parte do final de um conturbado período histórico que também deixou sua marca de turbulência na numismática.

Esse período teve seu clímax no reinado de Charles I (1625-1649), quando uma grande instabilidade política, devido à crescente tensão religiosa entre católicos e protestantes e busca de maior poder político, até então somente nas mãos do rei e da nobreza, por uma classe média emergente começou a surtir seus efeitos.

Essa oposição da classe média à nobreza estendeu-se aos assuntos financeiros e militares fazendo com que o parlamento entrasse em choque com o rei, o que culminou com a deposição, julgamento e decapitação do rei Carlos I em 1649.

Seguiu-se o período da Commonwealth (1649-1660), durante o qual foi extinto o cargo de rei. Dentro desse período, no ano de 1658, durante a regência de Oliver Cromwell, houve a cunhagem mecânica de moedas com a efígie do regente, com os cunhos abertos por Thomas Simon, então Gravador Chefe.



Para a cunhagem dessas moedas foi usado o maquinário trazido da França durante a Commonwealth, inventado e operado pelo francês Pierre Blondeau. Porém oposições dentro na Casa da Moeda forçaram Blondeau a renunciar e retornar a Paris, deixando atrás seu maquinário.

Com a restauração da monarquia e condução de Carlos II ao trono, o cargo de Gravador Chefe de cunhos foi pleiteado por Thomas

Simon, que o havia ocupado durante a Commonwealth. Esse cargo já havia sido prometido a Thomas Rawlins entretanto, apesar de sua contribuição para o Parlamento Revolucionário, ainda assim Simon foi nomeado gravador.

Trabalharam em conjunto na produção dos cunhos das 3 cunhagens a martelo entre 1660 e 1661.

Em 1661 foi determinado que a cunhagem em ouro e prata seria feita somente na máquina deixada por Blondeau, substituindo a cunhagem a martelo.

Quando Carlos II esteve exilado, necessitou de um empréstimo em dinheiro e ficou em débito com a família Roettiers, que o havia atendido. Como prova de sua gratidão, prometeu-lhes um cargo para um ou mais dos filhos quando e se fosse reconduzido ao trono. Manteve sua palavra e convidou, além de Thomas Simon, o mais velho dos filhos dos Roettiers, John, para trabalharem em conjunto na gravação dos cunhos da nova cunhagem mecânica.

Essa situação não se sustentou e configurando-se o potencial de conflito, foi estabelecida uma competição, na qual Simon e os irmãos Roettiers deveriam produzir um ensaio de Coroa e o que executasse o trabalho de melhor qualidade seria conduzido ao posto de Gravador Chefe.

Simon utilizou para a execução da efígie o retrato do rei realizado por Samuel Cooper, o mais renomado miniaturista da época, que como Rawlins, também havia trabalhado para a Revolução. Ao executar o cunho com o retrato feito por Cooper, Simon não resistiu à tentação de assinar seu nome embaixo do busto do rei, algo totalmente fora do comum.



Charles II porém não se comoveu frente à obra prima de Simon e devido ao seu débito com os Roettiers e também por Simon ter trabalhado para a Commonwealth e na cunhagem mecânica de Oliver Cromwell, decidiu a competição em favor dos irmãos flamengos.

Obviamente Simon não se conformou com a decisão de

Charles II e a Petition Crown foi sua tentativa final de fazê-lo reavaliar sua decisão.

Usando recursos técnicos de aplicação de dizeres na borda, possibilitados pela máquina de Blondeau, elaborou uma gravação de 34 palavras e 160 letras de tamanhos variados, em 2 linhas, numa borda de 35mm, uma obra prima de habilidade desde então profundamente admirada.



Transcrição da petição de Simon, escrita na borda da moeda:

“THOMAS SIMON . MOST . HUMBLY . PRAYS . YOUR . MAJESTY . TO . COMPARE . THIS . HIS . TRYALL . PIECE . WITH . THE . DVTCH . AND . IF . MORE (segunda linha) TRVLY . DRAWN . & EMBOSS’D . MORE . GRACE:FVLLY . ORDER’D . AND . MORE ACCURATELY ENGRAVEN . TO RELEIVE . HIM”, mais 2 Cs entrelaçados e coroados entre ramos de louros e palmas.

Tradução: Thomas Simon mui humildemente roga a Sua Majestade para que compare este seu ensaio com o do Holandês e se mais fielmente traçado e modelado, mais graciosamente disposto e mais precisamente gravado, concedei-lhe o cargo.

Ainda assim seu trabalho foi preterido em favor do de Roettier, porém Simon permaneceu empregado na Mint, responsável pela gravação dos cunhos das moedas menores até 1665, quando morreu, provavelmente de peste.

Estima-se existirem ainda 14, talvez 15 exemplares desses ensaios com 4 variantes de borda. Uma dessas variantes tem escrito em sua borda: REDDITE . QVAE . CAESARIS CAESARI & CT . POST, seguido do Sol aparecendo detrás de uma nuvem. Chamada “Reddite crown”, foi cunhada em prata e estanho. A outra tem a mesma inscrição, porém em inglês: “RENDER UNTO CAESAR THAT WHICH IS CAESARS” (Dai a César o que é de César), também cunhada em prata e estanho. A quarta variante não tem inscrições na borda e foi cunhada somente em estanho.

Bibliografia: The English Silver Coinage From 1649 – H. A. Seaby/ P. A. Rayner
Imagens das moedas gentilmente cedidas por www.petitioncrown.com

Alzira Martins Duim



A Casa da Moeda e a numismática nacional perderam no último 29 de abril, a artista Alzira Martins Duim.

Filha de Luiz Duim Filho e Iracema Martins Duim, a jovem artista conseguiu com seu carisma, colecionar uma legião de amigos que sempre a admiraram, tanto por sua pessoa, como pela artista que sempre foi.

Além de moedas, Alzira criou medalhas, ao qual teve seu maior marco, a confecção das medalhas dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

Quando perguntada sobre a criação da medalha do Pan respondeu com toda sua simplicidade:

- O processo é rápido. Fiz um desenho na massa, tipo aquelas massinhas de escola, e depois passei para o gesso. Neste momento, o gesso se tornou a modelagem, pois emoldurou exatamente o que produzi na massa. Em seguida, entrei na parte tecnológica. No computador, inclui as letras e as logos, e mexi no que foi necessário - conta.



Participou da criação ou modelagem das seguintes moedas:

• Centenário da Imigração Japonesa no Brasil - 2008

• Centenário de Candido Portinari – 2003

• Centenário de Juscelino Kubitschek – 2002

Niteroiense, Alzira deixou seu último trabalho que com certeza orgulhou-se de produzir, para ser lançado neste último dia 13 de maio,em sua terra natal, a medalha comemorativa dos 190 anos da fundação da Vila Real da Praia Grande, através do Círculo Monárquico Dom Pedro II de Niterói, Casa de Moeda do Brasil/Clube da Medalha do Brasil, Prefeitura de Niterói, Fundação de Arte de Niterói e o Instituto Histórico e Geográfico de Niterói.



Homenagem da Sociedade Numismática Brasileira a estes grandes artistas que em cada moeda ou medalha deixam sua marca eternizada.

Fontes:
Globo.com
Orkut.com.br
Clube da Medalha do Brasil

Carimbo do Pará, a Moeda da Cabanagem

Marco Túlio Freire Baptista

A contra-marca aplicada nos cobres da província do Grão-Pará traz em si mais do que os efeitos das leis regenciais que visavam reorganizar o meio circulante brasileiro e reduzir o cobre falso em circulação. Na verdade, carrega a marca de uma profunda ideologia liberal, ímpar no Brasil Imperial, e fruto da maior revolução genuinamente popular de nosso país.

Ao começar esta análise tem-se que reportar o período imediatamente anterior. O mundo assistiu atônito aos resultados da Revolução Francesa e assimilava avidamente os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. A província do Pará, como as demais, também não era imune a tais ideais. Devido à proximidade territorial com a Guiana Francesa, a voz de Montesquieu ecoava nos mais distantes redutos da Amazônia. Movimentos insurgentes, levantes de escravos e motins na colônia vizinha influenciavam o modo de pensar e agir dos brancos, caboclos, negros libertos, escravos e índios no Pará[1]. Não se pode esquecer que, com a vinda da Família Real para o Brasil, D. João, em represália a atitude francesa de invadir Portugal, ordenou a invasão e ocupação da Guiana Francesa e foram os soldados paraenses que lá ocuparam essa colônia de 1809 até 1817. É notório, também, que o respeito desses brasileiros pelo povo da Guiana e por suas leis vigentes redundou numa grande simpatia manifestada, calorosamente por ocasião da despedida das tropas para o retorno ao Brasil.[2]

Outro episódio que demonstra o grau de influência das idéias liberais no povo paraense é a Revolução Constitucional do Porto. O sucesso desta revolução, que culminou com o retorno de D. João VI para Portugal, foi a adesão de Lisboa e de três províncias brasileiras, sendo que além do Rio de Janeiro e Bahia, o Pará foi a primeira província a declarar, em 1° de janeiro de 1821, adesão à Revolução do Porto. Este movimento foi encabeçado pelo jovem Filipe Patroni que, em poucos dias, disseminou as idéias liberais e democráticas da nova Constituição portuguesa, tanto no meio dirigente quanto no

[1] SALLES, 1992, p. 16.
[2] REIS, 1953, p.30.

âmbito popular e militar. Na assembléia provincial, assumiu a direção do movimento o coronel Francisco José Rodrigues Barata. O resultado para a província foi a formação do primeiro governo constitucional aclamado pelo povo. Tal fato encheu o paraense brasileiro-nato de esperança e motivação na participação dos governos da província.[3]

O apoio à Lisboa Constitucional não foi retribuído na mesma medida à província do Grão-Pará, pelo contrário, a adesão da Corte do Rio de Janeiro apenas reforçou o tratamento dado a esta província, como objeto de exploração portuguesa.

Desta forma, o processo de independência política do nascente Império Brasileiro, foi visto com desconfiança pelo povo paraense, o qual vislumbrava apenas uma mudança de direitos exploratórios de Lisboa para o Rio de Janeiro.

Repletos de ideais liberais, esta população viu-se diante de uma proclamação de independência ambígua, que mantinha uma Corte "portuguesa" no Rio de Janeiro, privilegiando os antigos colonizadores e negando o direito de cidadania às populações pobres em todas as províncias do país. O processo de aceitação da independência do Brasil no Pará deu-se de forma lenta e não sem lutas e graves repressões. Vindo esta província a aderir à independência do Brasil apenas a 15 de agosto de 1823, após a chegada de uma esquadra enviada do Maranhão pelo Almirante Cochrane, mercenário inglês contratado por D. Pedro I, e comandada pelo, também inglês, capitão-tenente John Pascoe Greenfell.[4]

O processo de Independência trouxe muitas promessas e poucas mudanças. Diante de tais circunstâncias as manifestações populares de desagrado à Corte e, principalmente, ao Governo Provincial foram se agravando.

Em 7 de agosto de 1831, um motim político, um golpe anti-liberal, derrubou o presidente da província, Bernardo José da Gama, Visconde de Goiana, e levou ao poder Marcellino José Cardoso[5] (caramuru[6] convicto e segundo deputado mais votado)[7], reinflamando os ânimos nativistas na província.

Neste período conturbado a questão do cobre na província não

---

[3] RAIOL, 1865, pp. 11-13; e DI PAOLO, 1990, pp. 99-101.

[4] DI PAOLO, 1990, p. 107.

[5] RAIOL, 1868, P.47.

[6] Nota: do partido português no Brasil Imperial.

[7] Nota: João Batista Gonçalves Campos, deputado mais votado na província e vice-presidente, fora preso durante o golpe.

foi esquecida, pois o cobre falso que expulsava tanto as moedas de ouro e prata quanto as de cobre cunhadas na Corte (de bom peso e tipo), era uma de suas preocupações. O descaso da Corte em tomar medidas eficazes para garantir um meio circulante confiável, tornava a província um verdadeiro sorvedouro de moedas falsas ou de valor depreciado, entravando a economia provincial. Em fevereiro de 1832[8], o Conselho Geral da Província enviou uma representação por escrito para a Corte solicitando e sugerindo medidas mais eficientes para combater o cobre falso na província:

> *"Neste estado precário e degradante do crédito nacional é com igualdade garantida pela constituição do império e pelo zelo da Fazenda Pública, que este Conselho Geral deve esperar esta pronta providência do poder legislativo, a fim de poder acabar com aquele pernicioso mal da moeda falsa circulante nesta província, fazendo-se extensiva a essa a resolução de 27 de novembro de 1827[9], pela maneira seguinte:*
>
> *Art. 1° Que o Governo seja autorizado a mandar trocar toda moeda de cobre falsa e depreciada que circular na província do Pará. 2° . Que o troco se faça por moeda de cobre da que há cunhada na Capital do Império e por cédulas emitidas pelo Tesouro para cujo fim se remeterá pelo mesmo Tesouro a quantia de duzentos contos de réis em moedas de cobre, seiscentos contos em apólices para realizar-se o troco a saber do cobre que houver na Capital desta província em quinze dias e do mais que houver pelo interior no próximo prazo de dois meses que se deve publicar seis dias depois de nesta província chegar esta medida, findo o qual prazo ficará sem valor e sem recebimento toda a moeda falsa e depreciada que aparecer e se procederá criminalmente contra os que a introduzirem devendo estender-se este prazo para a comarca do Rio Negro será aplicável depois de lá ser publicada esta medida. 3°. Essa importância que se adiantar em moeda e cédulas será debitada à Tesouraria desta província e será amortizada, a saber, primeiro com a moeda de cobre que se recolher, segundo, com as*

[8] Ofício datado de 6 de fevereiro, portanto antes da assunção do novo presidente determinado pela Corte, coronel José Joaquim Machado de Oliveira, que ocorreu em 27 de fevereiro de 1832.

[9] Nota: Resolução tomada pela Corte para conter as falsificações do cobre na Bahia.

apólices que vierem para o futuro se forem resgatando. 4°. Para o resgate das apólices ou cédulas emitidas se aplicarão primeiro os fundos provenientes da alienação e venda das fazendas seqüestradas aos mercenários em Marajó: segundo a terça parte dos rendimentos da alfândega. 5°. Que a moeda de cobre trocada pela forma acima determinada, seja fundida e cunhada de novo nesta província, enviando-se pelo Tesouro público ou pela Casa da Moeda da Corte, os cunhos com valor e typo regular e a máquina para o seu fabrico, devendo esses cunhos igualmente servirem para se conferir na tesouraria e na Alfândega da província as moedas que depois do prazo da extinção da falsa aparecerem. 6°. Finalmente que a junta da fazenda não possa fazer aplicações da moeda e das apólices que vierem da Corte se não ao dito troco, nem tão pouco aplicar a outros fins se não ao resgate das apólices os fundos designados no artigo 4°, ficando os membros da junta sujeitos às penas dos código criminal. Para os que abusam do poder, e se tudo informará a mesma junta ao Conselho Geral no terceiro dia de suas seções ordinárias."[10]

Embora o motim de 1831 tenha sido um duro golpe nos ideais liberais da província, este abriu caminho para os próprios liberais, mostrando que o presidente enviado pela Corte não era intocável e a reação desta era fraca e lenta.

Em 3 de outubro de 1833, a Assembléia Geral Legislativa (na Corte) aprovou a lei n° 52 e seu regulamento no dia 8 do mesmo mês. Esta lei determinava o recolhimento de todo o cobre e sua troca por cédulas especialmente impressas para o troco desta moeda, além recolhimento de 5% do montante da operação para a Fazenda Nacional[11]. Tal operação mostrou-se extremamente morosa e ineficaz, já que mantinha o valor das moedas depreciadas igual ao nominal. Também as cédulas não chegavam em quantidade suficiente, sendo fornecidos conhecimentos impressos na própria província, os quais não podiam ser trocados devido a falta das cédulas próprias para o troco do cobre[12].

Ao motim de agosto de 1831 sucedeu-se o levante de 16 de abril de 1833[13] e, finalmente, em sentido inverso (movimento liberal

[10] Manuscrito n° 8474, 9 de fevereiro de 1832. Anais BN 1881-1882, Vol. 09, T. I.
[11] CAVALCANTI, 1983, p.417.
[12] BRASIL, 1835, p.29 e obs. 12.

nativista) um novo levante tomou corpo de revolução em janeiro de 1835[14], começava a Cabanagem. Certamente o mundo poucas vezes viu uma revolução genuinamente popular de tamanho vulto, talvez apenas superada em magnitude pela revolução popular mexicana. A Cabanagem representou o primeiro momento em que caboclos, negros, escravos e índios experimentaram o gosto da igualdade e liberdade, exercendo o direito de cidadania à força.

O principal expoente na luta liberal pela igualdade e liberdade era, desde a década de 20, o cônego João Batista Gonçalves Campos, o qual, por possuir uma língua ferina ao denunciar a tirania “portuguesa” na província, foi preso e espancado diversas vezes. No dia 31 de dezembro de 1834, o cônego Batista Campos veio a falecer, irrompendo, assim, a ira da população[15], principalmente negros, índios e caboclos, que agora se viam politicamente órfãos.

Na manhã de 7 de janeiro de 1835, a população pobre de Belém (em sua maioria brasileiros natos) estava incontrolável. O presidente da província, Bernardo Lobo de Souza, foi executado à porta do Palácio do Governo. Em sua substituição, o tenente-coronel Félix Antônio Clemente Malcher foi aclamado pelo povo como sucessor na presidência da província, sendo o primeiro presidente cabano.[16]

Malcher era um latifundiário e enriquecera às custas das leis da Corte. Um de seus primeiros atos foi tentar pacificar a província procurando desarmar os revoltosos cabanos e pagar as tropas que já começavam a se amotinar por falta de soldo. O novo presidente mandou que se pagasse a tropa com cobre. No entanto, foi informado que nos cofres públicos não havia moedas desta espécie. Por isso mandou que se fizesse o levantamento do cobre recolhido (pela lei nº 52) e que ainda não tinha sido remetido à Corte. De posse deste levantamento, ordenou que se pagasse a tropa com estas moedas, as quais depois de punçadas na tesouraria com uma contra-marca, voltariam a circulação com valor de um quarto do nominal, na razão de seiscentos e setenta réis por libra . Seu ato foi publicado em bando no dia 14 de janeiro:

> *“Felix Antônio Clemente Malcher, cavaleiro da ordem de Cristo, tenente-coronel de 2° de linha e presidente da*

[13] Nota: levante caramuru frustrado, que visava garantir a posse do desembargador José Mariani, déspota já temido no Pará, antes mesmo de sua chegada (HURLEY, 1936a, p.217).

[14] RAIOL, 1970, Vol. 2, p. 413.

[15] É certo que Batista Campos tinha a saúde extremamente fragilizada devido a ferimentos decorrentes das surras que tomara e pelo fato de ter sido degredado da província para local insalubre. No entanto, oficialmente sua morte foi concequência de uma espinha infeccionada.

[16] RAIOL, 1970, vol. 2, pp. 547 e 550.

província do Grão-Pará.

Urgindo o bem público que a moeda de cobre denominada de Cuiabá, que ora se acha inutilizada na Tesouraria desta província seja de algum proveito à Nação, e sendo justo que com ela se ocorra as despesas do Estado, por aquele valor de cobre amoedado, que não prejudique os interesses nacionais, ordeno o seguinte:

A moeda de Cuiabá do valor representativo de oitenta réis valerá vinte réis, nunca sendo menos de seiscentos e setenta réis por libra.

A moeda de Cuiabá do valor representativo de quarenta réis valerá dez réis, nunca sendo menos de seiscentos e setenta réis por libras.

A moeda de Cuiabá do valor representativo de vinte réis, que tenha o tamanho e o peso daquela do valor representativo de quarenta réis, também valerá dez réis. – E para que chegue à notícia de todos e ninguém possa alegar ignorância, mando que seja este publicado na forma e estilo pelas ruas principais desta capital, e depois afixado na porta principal do palácio do Governo. – Dado nesta cidade de Belém do Grão-Pará sob meu sinal e selo das Armas do Império, aos 14 dias do mês de janeiro de 1835, 14° da Independência e do Império. Eu, João Miguel de Souza Leal Aranha, secretário do Governo o fiz escrever e subscrevi. – Félix Antônio Clemente Malcher, presidente. – Está conforme. – João Miguel de Sousa Leal Aranha, secretário do Governo."[19]

A partir do bando de 14 de janeiro, vemos que as moedas de 80 e 40 réis de Cuiabá passaram a valer sua quarta parte do valor nominal. O confuso sistema monetário brasileiro também vitimara Malcher, mandando punçar e retornar à circulação uma moeda inexistente (20 réis de Cuiabá de diâmetro e peso igual ao de 40). Talvez se referisse a moedas de algarismos romanos de XX réis do final do Período Colonial, sendo estas com diâmetros e pesos idênticos as de 40 réis. São cunhagens da Bahia de 1812 a 1816, 1820 e 1821 e, ainda, do Rio de Janeiro de 1818 a 1822. Existiam moedas cunhadas para circular em Minas Gerais para o troco do ouro, os Vinténs de Ouro, moedas de cobre de 37 ½ réis também

[19] RAIOL, 1970, Vol. 2, p.556.

com diâmetro e pesos idênticos as de 40 réis de Cuiabá. Estas são as da Casa da Moeda de Minas Gerais de 1818 a 1821, de 1823 a 1828 e, do Rio de Janeiro, de 1818.

Da mesma forma, os cobres do Império de 20 réis da Casa da Moeda da Bahia de 1825, 27, 28 e 30 e do Rio de Janeiro de 1823 e 24, também tinham os diâmetros especificados para as moedas de 40 réis de Cuiabá, contudo as primeiras com peso acima e as demais com peso abaixo. Algumas destas com certeza receberam carimbo por engano.

Quanto às moedas de Goiás de 80 e 40 réis cunhadas em 1832 e 1833, igualmente já recolhidas, elas tinham exatamente as mesmas características das de Cuiabá e foram remarcadas. Kurt Prober acreditava que estas tenham sido punçadas por alguma ordem complementar que ainda não temos conhecimento[20]. As moedas de Goiás mais antigas tinha diâmetro menor para 80 réis e maior para 40 réis, mas tinham o mesmo peso e também foram remarcadas.

Veja na tabela abaixo[21]:

MOEDAS DE CUIABÁ			
Valor nominal	**Data**	**Diâmetro/ peso**	**Carimbo**
80 réis	1826-28 e 1830	37 mm/ 14,5 gr.	20
40 réis	1823-1831 e 1833	30 mm/ 5,7 gr.	10
20 réis	1825	25 mm/ 3,6 gr.	-

MOEDAS DE GOIÁS			
Valor nominal	**Data**	**Diâmetro/ peso**	**Carimbo**
80 réis	1832 e 1833	37 mm/ 14,5 gr.	20
40 réis	1832 e 1833	30 mm/ 5,7 gr.	10

MOEDAS DE GOIÁS			
Valor nominal	**Data**	**Diâmetro/ peso**	**Carimbo**
80 réis	1826, 1828 A 1831	35 mm/ 14,5 gr.	20
40 réis	1823-1831 e 1833	32 mm/ 5,7 gr.	10
20 réis	1825	25 mm/ 3,6 gr.	-

[20] PROBER, 1966, p.129.
[21] Dados retirados do Catálogo Vieira, 2007.

MOEDAS DA BAHIA		
Valor nominal	**Data**	**Diâmetro/ peso**
20 réis	1825, 27-28 e 30	30 mm/ 7,2 gr.

MOEDAS DO RIO DE JANEIRO		
Valor nominal	**Data**	**Diâmetro/ peso**
20 réis	1823 e 1824	30 mm/ 3,6 gr.

Em 8 de maio, o Ministro da Fazenda, Manoel do Nascimento Castro e Silva, apresentou no seu relatório sobre o Ministério, relativo ao ano 34/35 a situação do troco do cobre em todas as províncias. E em especial sobre o Pará consta:

> *“Nenhuma conta circunstanciada se tem recebido, que demonstre o pezo do cobre recolhido, e apenas consta por algum officio, que o seu valor nominal chega à quantia[22] notada ; não declara se este resultado pertence a toda a Província, se a Capital somente: o seu troco pelo valor nominal, foi approvado por Ordem de 20 de Março de 1832. Tambem como no Maranhão arbítrios ileagaes forão adoptados: emitirão-se Sedulas de pequenos valores fabricadas na Província, estimou-se a formados pagamentos. Igual desapprovação tiverão estes arbítrios, e se remeterão 320 contos de Sedulas, recomendando, como para o Maranhão, a substituição prompta das Sedulas, que arbitrariamente havião emittido. Consta, que na desgraçada crise revolucionaria, que actualmente padece a Província, o* ***Presidente intruso*** *(grifo nosso) fez entrar em circulação o cobre em deposto, por hum dado valor.”[23]*

Do trecho acima transcrito vemos que em maio de 1835 a Corte já tinha notícias da punção e volta à circulação das moedas de cobre recolhidas e da emissão de cédulas de pequeno valor por parte da tesouraria provincial. Mas, levando-se em conta a demora para a chegada das informações vindas das províncias mais distantes, a confusão no Pará era bem maior. Malcher já se encontrava morto e um segundo presidente cabano estava no poder provincial.

Após assumir o governo da província, Malcher se deparou com

[22] 887.897$227
[23] BRASIL, 1835, obs.12.

reação dos revoltosos que exigiam mudanças e benefícios rápidos. O novo presidente não conseguia esvaziar a capital dos caboclos, negros e índios trazidos com a revolução. Para tal empregava as forças legais, as quais o viam também com estranheza. Na direção do movimento, as outras figuras relevantes também o desaprovavam. Notadamente os irmãos Vinagre (Antônio e Francisco) e Eduardo Angelim. O embate do presidente com Francisco Vinagre, Comandante das Armas, se tornou público, culminando com a demissão do segundo. No entanto, como contava com grande apoio popular[24], permaneceu na sua posição após afrontar pessoalmente, e em público, o primeiro presidente cabano.

As disputas internas acabaram por re-inflamar a revolução. No dia 21 de fevereiro, após várias escaramuças entre as forças partidárias de Malcher e de Vinagre, o primeiro presidente cabano foi preso e, em seguida, assassinado. Assumiu Francisco Vinagre, como o segundo presidente cabano. No dia dois de março Francisco Vinagre prestou juramento na Câmara Municipal, comprometendo-se a defender o Império e a província, garantindo as liberdades constitucionais, a lei e a ordem[25].

A fim de manter a Regência informada dos acontecimentos no Grão-Pará, o novo presidente enviou para o Rio de Janeiro, um ofício datado de seis de março, no qual relata as últimas ocorrências, dando ênfase a um grave problema diplomático ocorrido no governo Malcher com o representante consular francês e a sua posse como presidente da província.

A mudança de governo não modificou os problemas cabanos. Também Vinagre encontrou seus cofres vazios para pagamento da tropa e decidiu lançar mão do mesmo artifício de Malcher para pagar o funcionalismo público. No mesmo dia em que informa a Regência Imperial dos problemas do Pará, também emite um novo bando determinando a remarcação e retorno à circulação de todo o cobre restante ainda na tesouraria provincial. Desta vez trata-se das moedas coloniais de algarismos romanos. Dá início a segunda punção do Carimbo do Pará.

> *"Havendo por bando publicado em 14 de janeiro do corrente ano entrando em circulação a moeda de cobre denominada Cuiabá, do valor representativo de 40 e 80 rs., nunca sendo menos de 600 a 700 rs. por peso em libra;*

[24] Nota: Francisco Vinagre fora aclamado Comandante das Armas pelo povo e não escolhido pelo presidente.
[25] DI PAOLO, 1990, p.183.

e urgindo o bem público que a moeda de cobre que se acha inutilizada na Tesouraria da Fazenda, do valor representativo de 80, 40 e 20 rs. não só do cunho do Império como do algarismo romano de 40 e 20 rs., seja de algum proveito à Nação para com ela ocorrer as despesas da província, por aquêle valor do cobre amoedado que não prejudique os interesses nacionais: Ordeno o seguinte:

- Entra igualmente em circulação a moeda serrilhada; de 80 rs. que será punçada com o valor de 40 rs.; a de 40 rs. com o valor de 20 rs., e a de 20 rs. com o de 10 rs., cujas moedas devem ter libra o peso acima declarado.

A moeda de algarismo romano, do valor representativo de 40 rs. será punçada com o valor de 20 rs., e a de 20 rs. com o valor de 10 rs., cujas moedas também deverão ter por libra o peso referido.

E para que chegue a notícia de todos, ordeno que seja este publicado pelas ruas principais desta Capital e afixado depois na porta principal do Palácio do Governo. Dados aos 6 dias do mês de março de 1835."[26]

Seguindo a orientação deste bando, foram punçadas as contra-marcas de 10, 20 e 40 réis nas moedas coloniais de XX, XL e LXXX réis. Percebe-se que seguindo a lógica do peso destas, foram punçados carimbos com a metade do valor fácil e não ¼ como na carimbagem anterior. Foi criado também o cunho de 40 réis, inexistente na punção de Malcher.

Devido a resistência de certos comerciantes em aceitarem a moeda de cobre contra-marcada, Vinagre oficia a Câmara Municipal em 11 de junho, nos seguintes termos:

"Constando a este Governo que alguns mercadores não têm querido aceitar a moeda de cobre ponçada na Tesouraria desta Província, no valor correspondente ao peso legal, ordeno positivamente a esta Câmara que incontinente faça publicar um edital em que imponha quanto menos a multa de cinqüenta mil-réis a qualquer nacional ou estrangeiro, que não queira receber tal moeda, além de oito dias de prisão na cadeia pública. . .[27]*"*

---

[26] RAIOL, 1973, Vol.2, p.623.
[27] RAIOL, 1970, Vol. 2, p.718.

Após negociações entre o conselho cabano e às forças legais, Francisco Vinagre entregou a presidência da província “voluntariamente” à autoridade designada pela Regência, o Marechal Jorge Rodrigues. O qual tomou posse no dia 26 de junho na Câmara Municipal, como Presidente da Província e Comandante das Armas[28]. O novo governo fora composto por um português (Rodrigues) como Presidente e um mercenário inglês (Almirante Taylor) como Chefe das Armas. Um grupo de mercenários alemães policiava a capital. Tal situação não poderia ser tolerada pelos cabanos e agravou-se com a prisão do próprio Francisco Vinagre[29].

A revolução cabana estourou novamente, liderada por Antônio Vinagre (irmão do 2º presidente cabano) e Eduardo Angelim. Durante a retomada de Belém e expulsão do governo legal Antônio Vinagre foi baleado e morto, sendo Eduardo Angelim aclamado como 3º presidente cabano.[30]

O governo de Angelim foi voltado para uma tentativa de legitimidade do movimento e união do povo contra os desmando da Corte. No entanto, depois de um prolongado cerco à capital da província, Imposto pelo General Andréa, a 13 de maio de 1836 as tropas legalistas desembarcaram na cidade[31]. Os rebeldes foram obrigados a se retirar e organizar a revolução pelo interior. Pelos mais distantes recantos da Amazônia, a Cabanagem, derrotada na capital, subsistiu até o final da década de trinta como movimento de resistência.

Derrotados militar e politicamente, os ideais cabanos permaneceram e trazem suas marcas profundas no homem amazônico, além de ter influenciado o pensamento de todo o nosso país-continente.

Os Carimbos do Pará não inspiram grande atratividade para os colecionadores de moedas, pois são feios e mal feitos, no entanto é o documento material deste período e registram o verdadeiro nascimento da luta de um povo genuinamente brasileiro pela conquista da cidadania.

Encontramos no Arquivo Público do Estado do Pará diversos ofícios da Corte para o governo provincial, nos quais Castro e Silva, Ministro da Fazenda, solicita prestação de contas quanto a operação do troco do cobre, sem, no entanto, efetuar qualquer questionamento

[28] HURLEY, 1936a, p.336.
[29] DI PAOLO, 1990, pp.234-238.
[30] DI PAOLO, 1990, P.263.
[30] HURLEY, 1936b, p.15.

sobre as moedas já marcadas. Pelo contrário, o ofício n° 76, de 14 de outubro de 1835, encaminhou seis coleções de moedas de cobre para fins de escolha de uma contra-marca aprovada pela Regência, conforme a, então recém aprovada, Lei n° 54 de 6 de outubro de 1835, a qual institui o Carimbo Geral, a fim de legalizar em nome da Regência a carimbagem que ocorrera no Maranhão, Ceará e Pará. Novas orientações para a punção do Carimbo Geral são encontradas no ofício n° 8 de 30 de janeiro de 1836, o qual determina que esta punção deveria ser feita no próprio local em que se encontravam, não sendo necessário o recolhimento para a Corte[32], daí a longevidade do Carimbo Cabano, utilizado como Carimbo Geral no Pará.

O fato de os critérios adotados para a aplicação do Carimbo Geral serem semelhantes aos já aplicados pelas cunhagens de Malcher e Vinagre, além de o Carimbo do Pará ser muito semelhante ao Geral, diferenciando-se apenas pela inexistência de orla em relevo no primeiro e deverem ser aplicados na própria província, mostra que nada houve de novidade para o Pará, sugerindo que a contra-marca do Pará foi utilizada normalmente naquela província como se fossem da Regência até a sua completa extinção.

OS CARIMBOS

1) Carimbo de 10

Observa-se que há dois cunhos comuns, um formado por algarismos arábicos e um segundo, menos freqüente, formado por um algarismo romano “I” e outro arábico “0”. Certo é que este segundo causa estranheza devido a incoerência de se misturar os dois tipos de algarismos. Pode-se suspeitar que se trate de uma falsificação barata do cunho, provavelmente de época posterior à Cabanagem. No entanto, ao visitar o Museu do Forte do Presépio, na cidade de Belém (principal foco de confronto das forças legalistas e cabanas), deparei-me com uma sala dedicada ao material recuperado em escavações arqueológicas no referido forte (sala Museu do Encontro), onde, entre outros artefatos cabanos, estavam oito moedas de cobre recuperadas. Lá encontrava-se o dito “cunho incoerente”. Desta maneira creio que não se possa duvidar da genuinidade do

[32] Códice n° 1002, Arquivo Público do Estado do Pará.

mesmo. As referidas moedas encontravam-se em uma vitrine blindada dificultando a fotografia. No entanto, o Sr. Samuel Sóstenes S. Ramos, Diretor do museu, disponibilizou outra para fotografia, esta também fruto de escavação arqueológica realizada na residência dos Capitães-Gerais da Província do Pará (atualmente conhecida como Casa das Onze Janelas), localizada a cerca de 200 metros do Forte do Presépio e também palco dos conflitos cabanos, a qual mostramos mais abaixo.



Moedas com carimbos de 10



Moeda pertencente ao acervo do Museu do Presépio, recuperada nos trabalhos de escavações arqueológicas realizada na Casa dos Capitães-Gerais da Província do Pará (Casa das Onze Janelas)

2) Carimbos de 20

Apresentamos abaixo alguns cunhos de 20 conhecidos dos numismatas e, ainda, um cunho mais estilizado, como se fosse desenhado a mão. Uma composição, sem dúvida muito rara, de Carimbo do Pará de "20" aposto em moeda de LXXX réis de 1818 cunhada na Casa da Moeda da Bahia para circular em Goiás e Mato-Grosso (moeda de 4 oitavas), a qual se encontra em exposição no museu do Forte do Presépio (sala Museu do

Encontro), juntamente com outros artefatos cabanos recuperados.



Moedas pertencentes ao acervo do Museu do Forte do Presépio (fora de exposição)



Carimbo de “20” apresentado por Kurt Prober no Catálogo de Moedas Brasileira, 2° Ed. 1966



Acima à esquerda, moeda de LXXX réis com carimbo de 20, recuperada em escavações arqueológicas, em exposição no Museu do Forte do Presépio. À direita, o mesmo carimbo, aplicado em moeda de XL réis de 1816, pertencente ao acervo do referido museu (Não está em exposição)

3) Carimbo de 40

Este cunho é exclusivo da segunda cunhagem cabana, do Presidente Francisco Vinagre, pois, como mencionamos anteriormente, a primeira cunhagem (de Malcher) reduzia o valor a sua quarta parte, portando a maior moeda de cobre (80 réis) passou a valer 20. A

segunda cunhagem, por sua vez, reduzia o valor à metade, sendo necessária a criação do cunho de 40 para as moedas de 80 réis.



Moeda com carimbo de “40”, pertencente ao acervo do Museu do Forte do Presépio, em Belém (não está em exposição)



Forte do Presépio , fundado em princípio de janeiro de 1616[33], foi o principal baluarte das forças legalistas e o palco das mais encarniças lutas cabanas na tomada da cidade de Belém em 1835

CLASSIFICAÇÃO DOS CARIMBOS

Não vejo melhor forma de classificar os Carimbos do Pará senão como procedeu Kurt Prober. Portanto, para manter-me fiel às suas investigações, transcrevo abaixo parte de seu artigo intitulado “Moeda de Necessidade - Carimbo Pará”, publicado na Revista Numária, Número 10, da Sociedade Numismática e Filatélica do Ceará, em outubro de 1939:

“. . . devemos classificar os “CARIMBOS PARÁ” em 2 grupos gerais a saber:

[33] O forte do Presépio, também conhecido como Forte do Castello, é a primeira edificação da cidade de Belém. Suas primeiras fundações (em principio de janeiro de 1616) deveram-se ao conquistador do Pará, Francisco Roso de Caldeira Castello Branco, que partiu em expedição a 25 de dezembro de 1615 do Maranhão, após ter derrotado os franceses naquela localidade. (HURLEY, 1936a. p.17)

1°) CARIMBOS APLICADOS PELO PRESIDENTE – MALCHER

"10" em moedas "C" de 40 réis – de 2 oitavas (7,17 gramas).

"20" em moedas "C" de 80 réis de 4 oitavas (14,34 gramas) e eventualmente os mesmos carimbos em moedas "G" dos mesmos pesos e valores primitivos.

2°) CARIMBOS APLICADOS PELO PRESIDENTE VINAGRE

"10" em moedas de X réis (coloniais de 2 oitavas), XX réis modelo menor (João Regente e VI de 2 oitavas) e 20 réis (do Império 2 oitavas) todas pesando 7,17 gramas.

"20" em moedas de XX réis (coloniais de 4 oitavas), XL réis modelo menor (João Regente e VI de 4 oitavas) e 40 réis (do Império 4 oitavas) todas pesando 14,34 gramas.

"40" em moedas de XL réis (coloniais de 1 onça) – muito raros – , LXXX réis (João Regente e VI) de 1 onça – igualmente muito raros –, e em 80 réis do (Império de 1 onça), todas pesando 28,68 gramas.

O carimbo de "20" ainda aparece, embora raramente, em peças de LXXX de Mato Grosso de 1820, de 4 oitavas."[34]

---

[34] NUMÁRIA, Número 10, Fortaleza, 1939. p. 17.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Assembléia Legislativa. **Relatório da Repartição dos Negócios da Fazenda apresentado à Assembléia Geral Legislativa na sessão ordinária de 1835**. Typografia Nacional. 1835. Rio de Janeiro.

CAVALCANTI, Amaro. **O Meio Circulante Nacional**. Coleção Temas Brasileiros. Ed. Universidade de Brasília. Brasília. 1983.

DI PAOLO, Pasquale. ***Cabanagem, Revolução* Popular da Amazônia**. Ed. CEJUP. Belém. 1990.

Manuscrito n° 8474, 9 de fevereiro de 1832. Anais BN 1881-1882, Vol. 09, T. I.

Códice n° 1002, **Documentos da Corte para o Governo**, Arquivo Público do Estado do Pará.

HURLEY, Jorge. **A Cabanagem**. Livraria Clássica. Belém. 1936.

HURLEY, Jorge. **Traços Cabanos**. Oficina Gráfica Instituto Lauro Sodré. Belém. 1936.

RAIOL, Domingos Antônio. **Motins Políticos, ou História dos Principais Acontecimentos Políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. Tomo I. Typographia do Imperial Instituto Artístico. Rio de Janeiro. 1865.

RAIOL, Domingos Antônio. ***Motins Políticos, ou História dos Principais Acontecimentos Políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835***. Tomo II. Typographia do Imperial Instituto Artístico. Rio de Janeiro. 1868.

RAIOL, Domingos Antônio. ***Motins Políticos, ou História dos Principais Acontecimentos Políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835***. Série José Veríssimo. Vol. II (tomos III e IV). Universidade Federal do Pará. Belém. 1970.

PROBER, Kurt. **Catálogo de Moedas Brasileiras**, 2° Ed. Gráfica Canton LTDA, São Paulo, 1966.

PROBER, Kurt. **Moedas de Necessidade – “Carimbo Pará”**, In Numária. N°10, Sociedade Numismática e Filatélica do Ceará, Fortaleza, 1939.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Portugueses e Brasileiros na Guiana Francesa**, Cadernos de cultura, Ministério da Educação e Saúde, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1953.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**. Coleção Amazônia, Ed. CEJUP, Belém,1992.

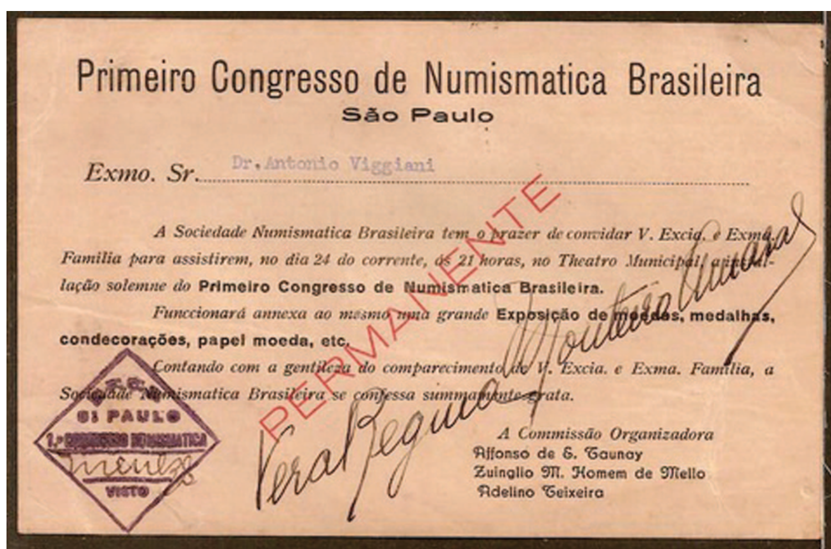
VIEIRA, **Catálogo Vieira de Moedas Brasileiras 2007**, 12º Ed. Rio de Janeiro, 2007.

Descoberta Filatélica-Numismática

Nosso associado Alberto Gustavo Paashaus Júnior mandou-nos a imagem de um convite da Sociedade Numismática Brasileira, que acabou transformando-se em uma peça filatélica, com a colagem do selo postal do evento, referente ao nosso 1º Congresso de Numismática Brasileira, realizado em 1936 no Teatro Municipal de São Paulo.

Esta importante peça que se sabe da existência de raros exemplares, contém a assinatura de nada mais que 26 importantes nomes da numismática brasileira.

Após consultas a inúmeros livros da SNB da época, conseguimos desvendar todas as assinaturas, que seguem abaixo para apreciação dos associados.



Primeiro Congresso de Numismatica Brasileira

São Paulo

Exmo. Sr. Dr. Antonio Viggiani

A Sociedade Numismatica Brasileira tem o prazer de convidar V. Excia. e Exma. Familia para assistirem, no dia 24 do corrente, ás 21 horas, no Theatro Municipal, a installação solemne do **Primeiro Congresso de Numismatica Brasileira.**

Funccionará annexa ao mesmo uma grande **Exposição de moedas, medalhas, condecorações, papel moeda, etc.**

Contando com a gentileza do comparecimento de V. Excia. e Exma. Familia, a Sociedade Numismatica Brasileira se confessa summamente grata.

A Commissão Organizadora
Affonso de E. Taunay
Zuinglio M. Homem de Mello
Adelino Teixeira

SENHORINHA D. VERA REGINA MONTEIRO DO AMARAL, REPRESENTANTE DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, DR. MANUEL CICERO PEREGRINO DA SILVA



ASSINATURAS:

01) JOAQUIM PEREIRA VIANNA
02) DR. AFFONSO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY
03) DR. ANTONIO LUIZ IPPOLITO
04) DR. ALVARO VEIGA COIMBRA
05) DR. ADELINO TEIXEIRA
06) DR. RAUL WHITAKER
07) BENJAMIN KLABIN
08) CAP. SEVERINO SOMBRA
09) DR. ALVARO DE SALLES OLIVEIRA
10) FRANCISCO MARQUES DOS SANTOS
11) DR. JOSÉ ARMANDO VICENTE DE AZEVEDO
12) DR. ANNIBAL CAMPI
13) DR. ALCEU DE CAMPOS PUPO
14) RAPHAEL LAUS
15) HERMANN PORCHER
16) DR. ELISIARIO BAHIANA
17) LICINIO BARROS DO AMARAL
18) FRANCISCO BENTO DE CARVALHO
19) DR. LUIZ FLORES DE MORAES REGO
20) ANTONIO AUGUSTO DE ALMEIDA
21) CARLOS D´ALMEIDA BRAGA
22) JOSÉ TORRES OLIVEIRA
23) JOAQUIM DOS SANTOS LEITÃO
24) MANOEL PACHECO
25) DR. MOYSES MARX

Sociedade Numismática del Peru

Em março último, em visita a Lima, tivemos a oportunidade de criar laços de intercâmbio com a Sociedade Numismática do Peru. Estamos em trâmite de documentos da filiação da SNB em seus quadros sociais, em contrapartida a mesma será filiada a nós.

Esta importante sociedade, fundada em 12 de maio de 1951, possui uma bela biblioteca e reuniões semanais com associados e durante as mesmas ocorrem suas trocas indiretas.

Fomos recebidos pelo seu presidente, Manuel Villa-Garcia Noriega, que prontamente nos atendeu e ofereceu-nos a última revista NUMISMATICA para nosso acervo, sendo agraciado com um pin da SNB.







O Platmynt Sueco: Aspectos Históricos e Numismáticos

Paulo S. Gerritsen Plaggert

INTRODUÇÃO

O *platmynt*, que na tradução literal para o português seria "moeda em chapa", foi uma forma peculiar de moeda que circulou na Suécia durante os séculos XVII e XVIII (entre 1644 e 1768). Eram moedas de cobre caracterizadas pelo seu tamanho desproporcional e peso, desprovidas de beleza e de qualquer manifestação artística numismática, mas que trazem um rico legado da situação histórica do país e da Europa naquele período.

Além disso, o advento do uso do papel-moeda como forma monetária conhecida dos dias de hoje está totalmente relacionada à cunhagem dos *platmynten*.



1 Daler SM, 1715, Avesta. Peso 1095g

HISTÓRIA E ORIGENS

Para entendermos o porquê da necessidade de seu uso, devemos nos voltar aos aspectos históricos e econômicos em que a Suécia atravessou naquele período. O país, rico em minas de cobre e importante exportador do minério para vários países europeus (inclusive o principal fornecedor para a manufatura de moedas de

baixo valor da Espanha nos séculos XVI e XVII), atravessou longos períodos de guerras por questões territoriais e pelo domínio do Mar Báltico (sendo a principal a Guerra dos Trinta Anos, 1618-1648), e depois outra guerra com a Rússia, Dinamarca-Noruega, Polônia-Lituânia e Saxônia (Grande Guerra do Norte, 1700–1721). Estes conflitos ajudaram a consolidar a hegemonia do país na região, porém esgotaram suas reservas de metais preciosos (prata e ouro), assim como geraram uma importante crise econômica.

A escassez de metais preciosos, no entanto, contrastava com o excesso de cobre, uma vez que a Suécia do século XVII foi responsável por 70% de sua produção mundial. Há relatos que sua principal mina, na cidade de Falun, já começara a operar nos idos do ano 1000. Cerca de 1000 homens trabalhavam na extração e outros tantos na manufatura do cobre extraído.

Na época, o lastro do país (e de vários outros europeus) baseava-se na prata. Devido às guerras e consequentemente seus gastos secundários, o país não dispunha mais do metal (e tampouco de ouro) para suprir suas necessidades econômicas. A solução encontrada foi utilizar suas reservas inesgotáveis de cobre como lastro, mas totalmente baseadas em seu valor convertido de prata.

A então moeda padrão era o *Riksdaler*, equivalente ao *Thaler* dos Estados Alemães e Austríacos e ao *Rijskdaalder* dos Países Baixos. O *Riksdaler* tinha seu valor baseado a partir de 1609 em 6 marcos (até então, eram 4 marcos), ou 32 öre. Cada öre equivalia a 24 *penningar*.

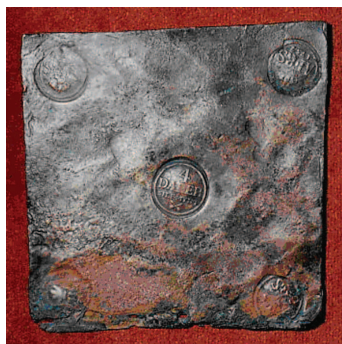
Um *Riksdaler* pesava aproximadamente 27 gramas de prata. Uma vez que não havia prata disponível para cunhá-lo de maneira abundante para suprir o meio circulante, seu peso começou a ser adaptado ao equivalente em cobre. Em 1624, a Suécia começou a produzir em cobre as denominações de pequenas moedas de prata. Embora tivessem as mesmas denominações, as de cobre eram muito maiores. Consequentemente, 1 *Daler* de cobre tinha seu peso proporcional em torno de 750 g. Devido às oscilações do preço do cobre no mercado internacional da época, seu peso em relação à prata também apresentou grandes variações no decorrer do século XVII. Isso chegou a tal ponto que o preço doméstico do minério caiu tanto que, os investidores suecos compravam as “moedas” e as vendiam pelo seu peso bruto. Algo importante a ser colocado é que esta valorização do cobre em relação à prata também refletiu na unidade monetária. Um *Riksdaler* de prata tinha seu valor estimado

em 3 *Dalers* de cobre. Surgiram então confusas denominações, onde a moeda de cobre poderia ser cotada como SM (*Silver Mynt*), significando o Daler de prata ou KM (*Koppar Mynt*), significando Daler de cobre. Somente em 1643, o valor do cobre foi fixado por lei, porém a ideia de moedas de cobre como uma commodity também tornou-se constante. Na prática, tanto o *Daler* KM quanto o *Daler* SM eram todos cunhados em cobre.

Devido à inflação resultante de dificuldades econômicas e gastos bélicos excessivos, em 1681 o *Daler* de prata foi desvalorizado, sendo que 2 *Dalers* SM passaram a valer 1 *Riksdaler*. Novamente em 1712 houve nova desvalorização, passando a corresponder a 3 *Dalers* SM.

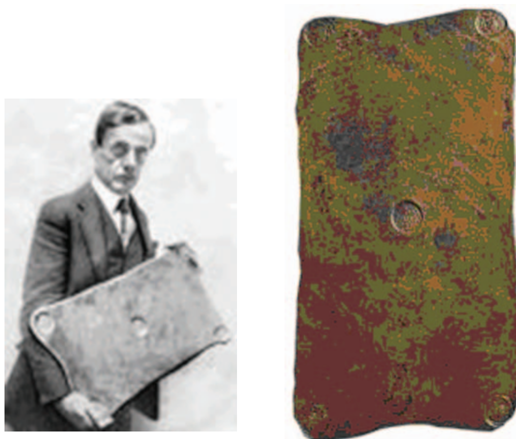
Em 1644, foram cunhados os primeiros *platmynten*. Estes basicamente constituíam-se em grandes chapas de cobre, de formato quadrangular, com dimensões variáveis de acordo com seus valores e consequentemente pesos, que basicamente apresentavam 5 carimbos, sendo 4 deles com a data e as iniciais do soberano ou coroas (variações decorrentes do local da cunhagem, ano, legendas e desenhos eram freqüentes), sendo colocados nas bordas, e 1 carimbo central, de formato variável (quadrangular, circular ou triangular), com os valores, local da cunhagem e especificação SM ou KM. Não havia na ocasião interesse em falsificá-los, uma vez por não tratar-se de metal precioso e, portanto, as peças eram bem rudimentares, desprovidas de qualquer tipo de design numismático.

Geralmente eram cunhados na cidade de Avesta, próxima da mina de Falun, a maior e mais importante da Suécia. Há também exemplares de Estocolmo, geralmente cunhados em cobre derretido de canhões russos capturados na Grande Guerra do Norte e mais raramente, na “casa da moeda” de Husa/Gustafsberg.



4 Dalers, 1733, Avesta. Peso 2900g

Foram cunhados basicamente nos valores de ½, 1, 2, 4 *Dalers*, sendo esses os mais comuns, algumas peças de 8 *Dalers*, atualmente muito raras, e no meio do século XVII, por curtos períodos, mas sem efetivo sucesso, nos valores de 3, 5 e 10 *Dalers*. Consequentemente, os pesos e tamanhos tornaram-se desproporcionais, o que logo de início não foi nada bem aceito pela população. Entre os anos de 1644 e 1646, foram cunhadas as moedas consideradas até os dias de hoje como as mais pesadas colocadas em circulação: as chapas de cobre de 10 *Dalers*. Suas dimensões médias eram em torno de 30 x 70 cm, pesando em torno de 19,5 Kg. Foram cunhadas 26774 peças totais, mas somente cerca de 10 sobreviveram até os dias atuais.



Platmynt de 10 dalers, 1644. A figura menor dá a idéia de suas grandes dimensões

Como foram obviamente consideradas muito grandes e pesadas para sua circulação efetiva, em 1646, o governo sueco por decreto estipulou que o valor máximo circulante seriam peças de 8 *Dalers* e o seu peso máximo em cerca de 16 Kg. Os valores menores seguiam a proporção de peso, com algumas variações, porém mantendo-se sempre muito grandes e incômodos: cerca de 750 a 900 g para os de 1 *Daler*, 1800 g para os de 2 *Dalers* e assim por diante.

Mas a população sentia seu desconforto quando necessitava pagar quantias maiores na execução de alguma transação. Era comum observar pessoas pelas ruas carregando bolsas duplas com alças transpassadas pelo pescoço onde depositavam as chapas de cobre para as suas posteriores utilizações, ou em pequenas carriolas e em cavalos.

Curiosamente, não houve cessação completa da cunhagem de peças de prata durante todo o período. Entretanto, seu uso esteve destinado às camadas mais altas da sociedade, como a nobreza e a alta burguesia. Um cidadão comum, portanto, necessitava carregar vários quilos de cobre nas costas para comprar coisas habituais.

O DALER DE GÖRTZ

Houve nesse período algumas tentativas de alívio para a situação, porém sempre ineficazes. A mais conhecida foi proposta pelo então ministro das finanças do reinado de Carlos XII, o barão Georg Heinrich von Schlitz von Görtz. Em 1715, propôs a criação de uma espécie de moeda de emergência, o Daler de Götz, com peso em torno de 4,5g e diâmetro de 24 mm, na tentativa de aliviar o uso das chapas de cobre. Para evitar sua falsificação, apresentava 10 tipos diferentes de reversos, variando entre antigos deuses mitológicos e personificações, coroas e diversas inscrições nos diferentes tipos. O anverso era sempre composto pela inscrição 1 *Daler* SM. O governo sueco prometia o pagamento pelo valor nominal empregado na moeda. Foram cunhadas cerca de 4 milhões de peças até o ano de 1719, durante a Grande Guerra do Norte. Estas moedas foram tudo, menos bem aceitas pela população. O pior é que o governo falhou em comprar as velhas moedas do mercado e trocá-las por um valor nominal mais apropriado, o que custou caro ao barão, sendo decapitado em Estocolmo em 1719. Foi prometido em 1721 pelo governo sueco após o final da guerra e a assinatura do tratado de paz, o pagamento das mesmas pelo valor mais adequado, mas somente foi dado 16 *öre* por cada peça, ou seja, 50% do valor original. As restantes mantiveram circulação ao valor de 1 *öre*, e várias foram recunhadas com o novo valor.



Daler de Görtz, 1718

O SURGIMENTO DO PAPEL-MOEDA

Da mesma forma que pequenas transações já criavam frequentes dores de cabeça aos negociantes, médias e grandes transações eram praticamente impossíveis de serem realizadas. Supondo que algo custasse cerca de 100 *Dalers* SM, seriam necessários cerca de 200 Kg de cobre para seu pagamento, algo praticamente impossível e impraticável de ser transportado e efetuado. Além disso, muitas pessoas vinham depositando suas placas de cobre no *Stockholms Banco*, instituição privada, criada em 1656 por Johan Palmstruch com permissão concedida por decreto real, onde seguindo o modelo dos bancos holandeses de Amsterdam e os de Hamburgo vigentes da época, recebiam cheques para resgate posterior, e poderiam inclusive fazer pequenos empréstimos e financiamentos a curto e médio prazo.

Em 1660, o valor do cobre caiu cerca de 17%, de modo que muitos dos clientes do banco tentaram resgatar suas *platmynten*, pois valiam mais pelo peso do que pelo valor facial. O banco, devido à grande demanda, e não tendo como devolver aos clientes a moeda “em espécie”, frente a este problema de liquidez, decidiu por emitir as primeiras cédulas européias que poderiam ser utilizadas como moeda e trocadas por seu valor em vigor.

Em 1661, para cobrir as quantidades requisitadas pelos correntistas, o banco começou a emitir notas de crédito (*Kreditivsdlar*), com as seguintes denominações de 5, 25, 100 e 1000 *Dalers* KM, e depois uma segunda série de cédulas de 10, 25, 50 e 100 *Dalers* SM, com a possibilidade de livre transferência para qualquer portador e a promessa de seu futuro pagamento em metal. Obviamente, as cédulas caíram no gosto e agrado da população. Qualquer negócio poderia ser facilmente realizado, uma vez que o dinheiro voltou a caber no bolso. Houve dois problemas: primeiramente, o papel facilitava a sua adulteração ou falsificação, uma vez que na época não havia meios de controle de segurança contra contrafações. O próprio presidente do banco (Palmstruch) e seus diretores se encarregavam de assinar cada cédula, porém tais medidas não foram suficientes para impedir totalmente o crime. Em segundo lugar, foram produzidas mais cédulas do que havia em reservas de metal amoedado e consequentemente, gerou-se inflação, uma vez que virtualmente, o banco tinha a capacidade de produzir cédulas infinitamente. Em 1663, os valores das cédulas começaram a cair, não podendo mais honrar os empréstimos dos

correntistas e credores, sendo que 1667 o *Stockholms Banco* foi liquidado e no ano seguinte, passou ao controle do parlamento, obrigando o governo sueco a saldar as suas dívidas. Devido a tais complicações, a Suécia não permitiu novas produções de cédulas até a segunda década do século XVIII.



Papel-moeda de 100 Dalers SM do Stockholms Banco, emitido em 1666

Há dúvidas se de fato pode se considerar a Suécia como o berço do papel-moeda europeu/ocidental. É de pleno conhecimento de que este já era utilizado da forma como conhecemos desde o século XIV, na China da dinastia Ming, por volta de 1368, e talvez até mesmo antes, já no século IX, durante a dinastia T'ang. Durante o cerco da cidade de Leyden nos Países Baixos pelos espanhóis entre maio e outubro de 1574, moedas de papel foram emitidas com o valor facial, as armas da cidade e o ano como forma de cunhagem obsidional pelas autoridades monetárias locais e circularam durante sua duração, feitas com páginas de livros de orações, uma vez que as reservas de prata haviam se esgotado devido à longa duração do cerco. Graças à brava resistência do povo holandês ao invasor espanhol, pode-se claramente afirmar que esta foi de fato a primeira emissão de papel-moeda europeu.

O DECLÍNIO DOS PLATMYNTEN

Por volta de 1698, os *platmynten* passaram a ser mais encarados como uma *commodity* do que propriamente como moedas de circulação e restrições a sua exportação passaram a ser colocadas

em todas as chapas de cobre. Mesmo com grandes quantias de peças de 1 e 2 *Dalers* circulantes, as cédulas emitidas pelos bancos entre 1720 e 1745 acabaram por selar o declínio dos *platmynten*.

Em 1768, a cunhagem das chapas foi suspensa e houve uma reconvocação geral para sua substituição, sendo que o povo ficou completamente agradecido por livrar-se desse incômodo dinheiro. Em 1771, deixou de ser considerado como moeda (algumas fontes consideram até 1776). A grande maioria fora derretido e transformado em canhões ou outras peças de cobre, ou então exportados como "lixo" pelo peso do valor do metal, especialmente pela alta dos preços do cobre na década de 80 do século XVIII.

Consequentemente, poucas peças sobraram, sendo em sua grande maioria derretidas para o aproveitamento do metal para outras funções. Portanto, tornaram-se peças numismáticas raras.

NICOBAR

Há até 22 anos atrás, as peças disponíveis atingiam altos valores de mercado, estando em sua maioria em museus ou nas mãos de poucos colecionadores particulares. Em 1987, dois mergulhadores acidentalmente encontraram os restos de um naufrágio próximo à costa sul-africana, onde foram encontradas mais de três mil peças de *platmynten*. Este navio, o "Nicobar", era pertencente à Companhia Dinamarquesa das Índias Orientais e naufragou em 10 de julho de 1783. Havia zarpado do porto de Cromborg, na Suécia em 23 de julho de 1782, carregado de platmynten com destino para as Ilhas Nicobar e para entrepostos de comércio dinamarqueses no litoral da Índia. Devido a necessidades de reabastecimento e ao grande número de marinheiros doentes a bordo, o navio necessitou de uma parada inesperada no litoral da Cidade do Cabo, em 20 de maio de 1783. Ao adentrar a Baía Falsa, ajudou a resgatar 18 marinheiros e diversas mulheres que haviam sobrevivido a um naufrágio prévio. Na noite de 10 de julho, no mesmo dia em que deixou a Baía Falsa, rumo aos seus destinos finais, foi acometido por uma forte tormenta, naufragando.

As peças encontradas evidentemente sofreram as ações de 200 anos submersas nas águas marinhas. Algumas em melhor estado foram destinadas a museus (cerca de 60 peças), e as restantes, colocadas em comercialização. A vasta maioria das peças atualmente

encontradas e comercializadas, deriva deste naufrágio.

Outro navio recentemente descoberto, em 1999, o "Grev Ernest Schimmelmann", naufragado em 24 de abril de 1781, próximo ao arquipélago de Cabo Verde, também pertencente à Companhia Dinamarquesa das Índias Orientais, com destino à China, também apresentava um importante carregamento de *platmynten*. Cerca de 800 peças foram recuperadas.



4 Dalers, 1713, Avesta, recuperada do Nicobar. Para efeitos comparativos de suas dimensões (23,5 x 20,5 cm) e peso (2550 g), uma moeda de 1 Real ao seu lado ilustra a diferença